



Romansk Forum Nr. 22 - 2006

Londrim, Graciete: O percurso e o modo do movimento no norueguês e no português	7 - 24
Ruiz Rufino, Maximino J.:	
Et tilbakeblikk på spansk i Skandinavia.	
Carlos Rodríguez og hans spanske grammatikk (København, 1662)	25 - 40
Martínez López, Juan A.:	
Lenguas de especialidad y léxico: algunas dificultades en la traducción de términos	41 - 50
Sabbatini, Sergio: La situazione degli studi gay/lesbici/queer nell'italianistica	51 - 62
Tobiassen, Elin Beate: Fransk prosa nå - beretning fra et nytt forskningsfelt	63 - 90
Hagemann, Kristin Føsker: The Latin synthetic passive in the Códice Emilianense 60	91 - 102

O PERCURSO E O MODO DO MOVIMENTO NO NORUEGUÊS E NO PORTUGUÊS

Graciete Londrim

Introdução

Este artigo trata da diferença na expressão e, eventualmente, na conceptualização de eventos de movimento no norueguês e no português e as suas consequências para a tradução. Entende-se com o eventos de movimento, os eventos que expressam uma situação onde o objecto, a Figura (*Figure*) está em movimento em relação a outro objecto, o Fundo (*Ground*), num Percurso (*Path*) (Talmy 1985). Neste estudo analisa-se o modo e o percurso expressos pela construção norueguesa verbo + advérbio (*opp, ned, ut, e inn*) e os seus equivalentes portugueses no contexto de uma tradução.

- (1a) *Hun vinket til filosofilæreren og sprang ned til vannet og båten.* (Gaarder, 1991:366)
- (1b) *Acenou com a mão ao seu professor de filosofia e desceu a correr para o lago e para o barco.* (Belo, 1995: 340)

Pretendo com esta análise verificar se as afirmações de Dan Slobin são válidas para o norueguês e o português. Slobin (2004) afirma que as descrições de movimento nas línguas germânicas são mais elaboradas e apresentam maior riqueza a nível da informação acerca do **modo** e do **percurso** do que as descrições de movimento nas línguas românicas. A tradução de um evento de movimento de uma língua germânica para uma língua românica resulta, na maioria das vezes, na omissão do modo ou do percurso do movimento, ou na inclusão de adjuntos adverbiais, ou, ainda, em orações suplementares com o objectivo de manter os vários modos e percursos representados no original.

A minha análise tem como ponto de partida dois estudos de linguística contrastiva de Slobin (1996 e 2004), onde ele procura demonstrar que a tipologia de Talmy (1985, 1991), que distingue as línguas germânicas das línguas românicas no que respeita aos padrões de lexicalização do percurso e do modo nos eventos de movimento, tem consequências para as descrições de movimento em narrativas e nas traduções delas. Talmy distingue dois tipos de línguas quanto à maneira como lexicalizam um percurso. Um tipo de língua expressa normalmente o percurso num componente adjacente ao verbo, ou seja em

satélites do verbo, com o por exemplo os advérbios noruegueses *opp, ned, ut e inn* (p. ex. *hun løp opp på rommet e de gikk inn i huset*). Este tipo de língua tem a designação de *satellite-framed* e compreende todas as línguas germânicas. O outro tipo de língua lexicaliza preferencialmente o percurso no verbo principal. Os verbos *subir e entrar* são exemplos disso no português (p. ex. *ela subiu para o quarto e ela entrou em casa*). Este tipo de língua chama-se *verb-framed* e abrange todas as línguas românicas. O modo ou causa do movimento é transmitido normalmente pelo verbo principal nas línguas germânicas, assistindo-se à fusão dos conceitos movimento e modo. Nas línguas românicas, o modo ou causa é expresso independentemente por um advérbio ou por uma locução adverbial.

- (2a) *Nå listet Sofie seg inn på morens soverom.* (Gaarder, 1991:116)
- (2b) *Sofia entrou silenciosamente no quarto da mãe.* (Belo, 1995:110)

Talmy estabelece um padrão para a codificação de categorias conceptuais em elementos linguísticos nos eventos de movimento. O Quadro A representa esse padrão no que respeita o norueguês e o português, baseado na adaptação de Santos & Oksfjell (1999) do quadro de Talmy.

Quadro A. Tipologia de verbos de movimento e os seus satélites Santos & Oksfjell (1999: 117)

Língua	Tipo de Língua	Componentes de um evento de movimento caracteristicamente representados em:	
		Raiz verbal	Satélite
Norueguês	S-framed	Movimento + Modo / Causa	Percurso
Português	V-framed	Movimento + Percurso	Ø

As línguas germânicas e as línguas românicas em contraste

A investigação de Slobin foca a maneira como falantes de diversas línguas descrevem eventos de movimento, sendo a sua preocupação principal a interface entre a conceptualização do evento e a expressão linguística. Segundo Slobin, a tipologia de Talmy determina o tipo de expressões espaciais utilizadas em narrativas, que tem consequências na transmissão do modo e do percurso do movimento. Slobin verifica que narrativas em línguas germânicas, línguas do

tipo *satellite-framed*, contêm significativamente mais informação sobre o modo por que estão predispostas gramaticalmente para o uso de verbos de modo para expressar movimento (p. ex. *løpe ut*). Enquanto as línguas românicas, línguas do tipo *verb-framed* utilizam uma expressão adjunta (p. ex. *sair a correr*). No que respeita ao percurso do movimento, uma língua germânica expressa vários segmentos de percurso em satélites ligados a um só verbo (p. ex. *Hun løp ut og ned til vannet*). As línguas românicas, por sua vez, usam um verbo para cada segmento do percurso (p. ex. *saiu a correr e desceu (a correr) até ao lago*). Nestas línguas, quando se verifica mudança de estado, como a passagem de um segmento de percurso para outro, é necessário um verbo.

Slobin (2004), na comparação de traduções do romance “The Hobbit” do inglês para línguas românicas observa o seguinte:

1. O percurso transmitido pela partícula numa língua germânica, como o inglês, é transmitido pelo verbo numa língua românica. O modo expresso no verbo numa língua germânica é eliminado quando é necessário expressar o percurso numa língua românica, como em *Dori climbed out of the tree*. ‘Dori desceu da árvore.’ (Slobin, 2004: 4-5). À semelhança do português, as línguas românicas como o francês, o italiano e o espanhol usam um verbo com o significado de *descer*. Visto não existir nenhum verbo que codifique o modo de movimento na direcção descendente, o modo é eliminado em todas as traduções. Para além disso, o facto de os tradutores se verem obrigados a usar o verbo *descer* põe de lado uma maneira conveniente de indicar a *saída* da árvore transmitida pelo verbo *climb out*¹ deixando isto à inferência do leitor.

2. Quando confrontados com a tradução da descrição de um movimento que apresenta um verbo de modo associado a vários segmentos de percurso em inglês, os tradutores das línguas românicas têm de reflectir na maneira de reproduzir a informação no original, que, muitas vezes, envolve decisões quanto à eliminação dos percursos e do modo do movimento.

(3a) *He still wandered on, out of the little high valley, over its edge, and down the slopes beyond.* (Slobin, 2004:5)

(3b) *Continuou avançando, saiu do vale alto e estreito, e desceu as ladeiras além.* (Slobin, 2004:6)

O tradutor português omitiu o modo e um dos segmentos do percurso. Outra possibilidade seria a inclusão de vários verbos de percurso e explicação parcial

¹ “Because PATH is expressed outside the verb in satellite-framed languages, the verb is free to add nuances of MANNER without further elaboration; by contrast this information often requires various sorts of adjunct and subordinate constructions in verb-framed languages, such as adverbs and adpositional phrases.” (Slobin 2005:4)

do modo, como fez o tradutor francês, que optou por um verbo para cada segmento de percurso e uma locução adverbial para expressar o modo.

- (3c) “*Il continua d'avancer au hasard, sortit du haut vallon, en franchit le bord et descendi la pente au-delà*”. ‘Ele continuou a avançar ao acaso, saiu do vale alto, atravessou a borda e desceu as ladeiras alé’². (Slobin, 2004:6)

De todas as línguas românicas analisadas: o português, o francês, o espanhol e o italiano, o português é a língua que apresenta mais omissões quanto ao percurso e ao modo.

3. Na expressão do modo do movimento, as línguas germânicas apresentam maior variedade tanto a nível do verbo, como a nível de expressões de modo. O original inglês apresenta 26 tipos de verbos de modo, a tradução portuguesa contém 12. No que respeita às expressões de modo o inglês contém 64 e a tradução portuguesa 46. Observei também, que, de todas as línguas românicas analisadas, o português é a língua que apresenta mais omissões do modo e do percurso e menos variedade de verbos de modo e de expressões de modo. O francês é a língua românica que mais se aproxima do português em termos da transmissão do modo e do percurso na análise de Slobin.

O norueguês e o português em contraste

A unidade de análise é o **evento de movimento**, definido como a descrição do movimento da figura de um lugar para outro, expresso pela construção norueguesa verbo de modo + advérbio de percurso (*opp, ned, ut e inn*). O simples aparecimento e desaparecimento da figura na cena foram excluídos, assim como percursos não direccionais (*rundt, bort, fram*) e deícticos (*hit, dit*). O evento de movimento pode ter apenas um percurso ou vários percursos, sendo o único critério o facto de a figura acabar num lugar diferente numa descrição ininterrupta. O corpus usado é o *Sofies verden* de Jostein Gaarder e o *Mundo de Sofia*, traduzido por Catarina Belo.

Foram seleccionados 228 eventos de movimento físico do romance norueguês *Sofies verden* expressos pela construção verbo de modo + advérbio marcador de percurso (p. ex. *Sofie krøp ut i hagen*). Esta construção reflecte o padrão de

² “Tolkien’s English allows him to compactly package a series of three ground elements in relation to a single verb of manner-of-motion along with a collection of locative elements indicating PATH. This is impossible in French, where each verb is, itself a PATH expression, consequently the translation requires four verbs in order to maintain all the GROUND elements” (Slobin 2005:4)

Talmy e aparenta ser recorrente e sistemática. Estes eventos são do tipo intransitivo e reflexivo, e apresentam características tanto não-agentivas (p. ex. *kullen trillet ned på bordet*) como agentivas (p. ex. *Hun løp opp på rommet*). Segundo Talmy (1985:127-135), o **modo** é uma acção auxiliar que se manifesta durante a realização da acção principal que é o movimento, e expressa a maneira de realizar o movimento (p. ex. *løpe, snike, klatre, correr, a correr, furtivamente, trepar*), e o **percurso** é o trajecto percorrido (p. ex. *opp, ned, ut, inn, subir, descer, sair, entrar, para cima, para baixo*).

Uma primeira observação da tradução dos eventos de movimento na versão portuguesa *O Mundo de Sofia* revelou que o movimento que é expresso no norueguês no verbo de modo + advérbio de percurso, é traduzido para o português ora para o elemento linguístico verbo, ora para os elementos linguísticos verbo e adjunto adverbial. Tanto o verbo com o adjunto adverbial apresentam variação na distribuição dos elementos semânticos **modo** e **percurso**. Para além disto, ocorre muitas vezes omissão do modo quando se expressa o percurso e por vezes omissão do percurso quando se expressa o modo. Mais concretamente, e como se irá observar ao longo desta análise, a versão portuguesa apresenta, essencialmente, eventos com transmissão do percurso pelo verbo e omissão do modo, como na frase *Sofia desceu em direcção ao lago e remou para a outra margem* (p. 300), eventos com transmissão do modo pelo verbo e omissão do percurso, como em *Correu para o quarto* (p. 228), eventos com transmissão do percurso pelo verbo e modo por um adjunto adverbial, como na frase *As duas amigas entraram furtivamente na casa* (p. 130) e ainda eventos com transmissão do modo e do percurso pelo verbo, como em [...] *depois mergulhou de novo* (p. 283). Observaram-se também no norueguês eventos de movimento com referência a vários percursos expressos pela construção verbo de modo mais vários advérbios de percurso, como na frase *Sofie gikk ut i hagen o ned til Smuge* (p. 74). Na tradução portuguesa, visto ser impossível a expressão de vários percursos associados a um só verbo como no norueguês, registaram-se a expressão destes eventos numa oração, ou por dois verbos, e com omissão ora do modo ora de um dos segmentos do percurso. Uma observação mais pormenorizada revelou os resultados apresentados nas tabelas A e B quanto aos elementos linguísticos e à distribuição do modo e do percurso pelos mesmos na versão portuguesa. Segue-se a interpretação dos resultados com exemplos ilustrativos, seguidos por um comentário.

Tabela A. Tradução de 224 eventos de movimento intransitivos e reflexivos expressos no norueguês pelo verbo de modo + *opp*, *ned*, *ut*, *inn* para o português.

Distribuição dos elementos semânticos pelos elementos linguísticos na versão portuguesa:

Verbo	Adjunto adverbial	Nº de Ocorrências
Movimento + Percurso (4b) <i>Sofia desceu em direcção ao lago</i>		118
Movimento + Modo (10b) <i>Correu para o quarto</i>		47
Movimento + Percurso (16b) <i>As duas amigas entraram furtivamente em casa</i>	Modo	27
Movimento + Modo + Percurso (25b) <i>Mergulhou de novo</i>		14
Movimento + Modo (21b) <i>Sofia precipitou-se para fora da igreja</i>	Percurso	10
Verbos sem movimento: <i>verificar</i> , <i>agitar-se</i> e <i>sobressaltar-se</i> , <i>pôr-se</i> (49b) <i>Ela pôs-se nos bicos dos pés.</i>		4
Omissões		4
Total		224

Observou-se que a versão portuguesa apresenta 169 referências ao percurso e 98 referências ao modo. Verificou-se também uma tendência para transmitir o percurso pelo verbo e eliminar o modo, fenómeno observado em 118 casos.

- (4a) *Sofie løp ned til vannet og rodde over til den andre siden.* (p. 324)
- (4b) *Sofia desceu em direcção ao lago e remou para a outra margem.* (p. 300)
- (5a) *Men jeg må snike meg ut ved tretiden.* (p. 159)
- (5b) *Mas tenho de sair por volta das três.* (p. 151)
- (6a) *Så krøp han ut av Smuget.* (p. 103)
- (6b) *Ele saiu da toca.* (p. 97)
- (7a) *Hun spaserte ut i hagen.* (p. 133)
- (7b) *Saiu para o jardim.* (p. 127)
- (8a) *Når hun nå så at den underlige munken begynte å vandre ned fra prekestolen i Mariakirken, var det som en drøm.* (p. 165)
- (8b) *Ao ver o estranho monge descer do púlpito da Igreja de Santa Maria, parecia-lhe estar a sonhar.* (p. 156)

O percurso e o modo do movimento no norueguês e no português

- (9a) *Sofie småsprang etter Hermes opp alle trappene.* (p. 214)
- (9b) *Sofia subiu os degraus atrás de Hermes.* (p. 200)
- (10a) *De hoppet ut av bilen og sprang ned gjennom hagen.* (p. 484)
- (10b) *Saíram do carro e atravessaram o jardim.* (p. 452)

Registaram-se 47 eventos expressos por um verbo de modo sem referência ao percurso.

- (11a) *Hun sprang opp på rommet sitt.* (p. 245)
- (11b) *Correu para o quarto.* (p. 228)
- (12a) *Hun løp over Stortoget og opp gjennom byen.* (p. 273)
- (12b) *Correu até à praça principal e continuou a correr pela cidade.* (p. 254)
- (13a) *Den trillet ned på bordet [...].* (p. 197)
- (13b) *Rolou para a mesa [...].* (p. 184)
- (14a) *Hun slapp esken i gulvet som man slipper noé man har brent seg på. Kortene fløt ut over gulvet.* (p. 138)
- (14b) *Deixou cair a caixa como se se tivesse queimado. Os postais espalharam-se pelo chão.* (p. 130)
- (15a) *Så kløv hun om bord, la årene i åregaflene og skåtet ut på vannet.* (p. 95)
- (15b) *Subiu para bordo, colocou os remos nos toletes e remou através do lago.* (p. 90)

Observaram-se apenas 51 eventos de movimento no português que expressam a totalidade da informação acerca do modo e do percurso. Mais de metade, cerca de 27, são representados por um verbo que exprime o movimento e o percurso mais um adjunto adverbial ou predicativo que exprime o modo.

- (16a) *De to venninnene snek seg inn slik man nærmer seg noe ulovlig.* (p. 137)
- (16b) *As duas amigas entraram furtivamente na casa.* (p. 130)
- (17a) *Dermed sprang hun opp på rommet sitt med gråten i halsen.*
- (17b) *Saiu da sala a correr com um nó na garganta.*
- (18a) *Nå listet Sofie seg inn på morens soverom.* (p. 116)
- (18b) *Sofia entrou silenciosamente no quarto da mãe.* (p. 110)
- (19a) *Først da hun krøp inn i Smuget.* (p. 98)
- (19b) *Só quando entrou agachada na toca.* (p. 92)
- (20a) *Hun styrtet ned alle trappene og sprang ut på gaten.* (p. 273)
- (20b) *Sofia desceu as escadas precipitadamente e correu para a rua.* (p. 254)

Registaram-se 10 eventos expressos no português por um verbo que transmite o movimento e o modo mais adjunto adverbial que transmite o percurso.

- (21a) *Sofie styrтет ut av kirken.* (p. 178)
- (21b) *Sofia precipitou-se para fora da igreja.* (p. 167)
- (22a) *Så styrтет hun ut av hytta og lukket døren igjen etter seg.* (p. 97)
- (22b) *Precipitou-se para fora da cabana e fechou a porta.* (p. 91)
- (23a) *[...] kryper de stadig dypere ned.* (p. 27)
- (23b) *[...] deslizam cada vez mais para o fundo.* (p. 24)
- (24a) *Fortell meg først hvorfor kulen triller ned fra skråplanet.* (p. 197)
- (24b) *Diz-me primeiro porque é que o berlinde rola para baixo no plano inclinado.* (p. 184)

Entre os eventos onde fica expressa a totalidade da informação do original, destacam-se 14 verbos que fundem os conceitos movimento - modo - percurso. Observa-se o mesmo em alguns verbos noruegueses com o *stupe* e *falle*, que apresentam os mesmos traços semânticos de *mergulhar* e *cair*. No norueguês o uso do advérbio *ned* serve para focar o alvo, pois tanto *stupe* como *falle*, que expressam movimento descendente, podem ser acompanhados de outros advérbios como em *hun stupte fra steinen ut i sjøen* ou *det falt ut av boken* que põe em relevo a fonte.

- (25a) *Den mørke skapningen buktet seg fram og tilbake noen ganger, så stupte den ned mot bunnen, og vannet la seg like stille som før.* (p. 305)
- (25b) *O escuro monstro contorceu-se várias vezes para a frente e para trás, depois mergulhou de novo e o lago ficou tão calmo como anteriormente.* (p. 283)
- (26a) *[...] at hun en gang i 6-7 årsalderen hadde krøpet opp i robåten.* (p. 274)
- (26b) *[...] uma vez, com seis ou sete anos, trepara para o barco a remos* (p. 255)
- (27a) *[...] da den vakre prinsessen slo ut det gule håret, drysset noen lokker ned på jorda [...].* (p. 34)
- (27b) *[...] à medida que a bela princesa desprendia os seus cabelos dourados, alguns caracóis caíram no solo [...].* (p. 31)

Observei também que, mesmo quando existe um verbo equivalente em português que funde o movimento com o percurso e o modo, como *trepar*, a tradutora opta, às vezes, por um verbo de percurso eliminando o modo.

O percurso e o modo do movimento no norueguês e no português

- (28a) *Filosofene prøver å **klatre opp** på et av de tynne hårene i kaninpelsen [...].* (p. 120)
- (28b) *Os filósofos procuram **subir** para um dos pêlos finos do coelho [...].* (p. 114)
- (29a) *Med fornuften kan den enkelte begynne å **krabbe opp** fra hulens mørke.* (p. 121)
- (29b) *Por intermédio da razão, o indivíduo pode tentar **sair** da escuridão da caverna.* (p. 115)

Quanto à tradução dos eventos de movimento com referência a vários percursos no norueguês, apresentada esquematicamente na tabela B, em baixo, observou-se reprodução em português por uma oração com eliminação de um segmento de percurso e eliminação do modo de movimento em 2 casos. A tradução para duas orações apresenta 2 ocorrências. Nenhum a das traduções transmite a totalidade dos elementos semânticos expressos no original. Assiste-se ora à eliminação do percurso, ora à eliminação do modo.

Tabela B. Tradução de 4 eventos de movimento com vários percursos expressos no norueguês no verbo de modo + advérbio + advérbio (p. ex. *Sofie **gikk ut** i hagen o **ned** til Smuget*) para o português.

Distribuição dos elementos semânticos pelos elementos linguísticos na versão portuguesa:

Verbo	Verbo	Nº de orações	Nº de Ocorrências
Movimento + Percurso (30b) [...] <i>Sofia foi para o jardim e depois para a toca na velha sebe.</i>		1	2
Movimento + Percurso (31b) <i>Muitas pessoas entravam e saíam mas Alberto não chegava.</i>	Movimento + Percurso	2	1
Movimento + Modo (32b) <i>Aposto dez coroas em como rola para a mesa e vai cair no chão.</i>	Movimento + Percurso + Modo	2	1
Total			4

- (30a) *Straks hun var ute av huset, **gikk** Sofie **ut** i hagen og **ned** til Smuget i den gamle hekken.* (p. 74)

- (30b) *Mal ela saiu de casa, Sofia foi para o jardim e depois para a toca na velha sebe.* (p. 70)
- (31a) *Mange mennesker gikk ut og inn, men det eneste Sofie registrerte, var at Alberto ikke kom.* (p. 429)
- (31b) *Muitas pessoas entravam e saíam mas Alberto não chegava.* (p. 400)
- (32a) *Jeg vedder ti kroner på at den triller ned på bordet og til slutt helt ned på gulvet.* (p. 197)
- (32b) *Aposto dez coroas em como rola para a mesa e vai cair no chão.* (p. 184)

Em relação a todos os exemplos estudados registaram-se cerca de 31 ocorrências do verbo *ir*. Embora expresse direcção deíctica³, este verbo é usado com o equivalente dos marcadores de percurso de formação plena *opp, ned, ut e inn*.

- (33a) *Sofie gikk inn på det store baderommet.* (p. 115)
- (33b) *Sofia foi ao quarto de banho grande.* (p. 109)
- (34a) *Før hun gikk ned på kjøkkenet.* (p. 100)
- (34b) *Antes de ir à cozinha.* (p. 95)
- (35a) *Sofie låste seg inn og sprang opp på rommet sitt.* (p. 115)
- (35b) *Sofia abriu a porta e foi apressadamente para o quarto.* (p. 113)
- (36a) *Sofie krøp ut i hagen.* (p. 23)
- (36b) *Sofia foi de novo para o jardim.* (p. 20)
- (37a) *Hun løp opp på rommet [...].* (p. 23)
- (37b) *Foi para o quarto [...]* (p. 20)

Comentário

No que respeita à transmissão do modo e do percurso, e ao compararmos as 173 referências ao percurso e as 93 referências ao modo na tradução portuguesa com as 228 referências ao modo (verbo de modo) e as 228 referências ao percurso (advérbio) no original norueguês, pode-se concluir que no português, tanto o percurso como o modo do movimento assumem uma importância menor do que no norueguês. Parece que as descrições de movimento nesta língua são menos

³ Talmy (1985:135) observa que a direcção deíctica descreve se a figura em movimento se aproxima ou se se afasta do locutor. No inglês encontra-se incorporada na raiz verbal *come/go* e *bring/take*. Hanna Batoréo (2000:448, 459, 511, 512) define os verbos *ir, vir, trazer* e *levar* como verbos deícticos explicando que um verbo deíctico é um verbo de movimento definido em função dos intervenientes do acto de interacção verbal, o significado destes verbos implica que o locutor ou alocutário se coloquem na *origem* e/ou no *alvo*.

ricas em detalhes do que no norueguês, e tanto as narrativas no norueguês como no português parecem ser moldadas pela tipologia dos padrões de lexicalização de Talmy. O que se segue é uma análise mais pormenorizada, das traduções do movimento. Para comparação, foi acrescentada aos exemplos ilustrativos uma reprodução com todos os traços semânticos expressos no original.

No português, o percurso, pela ocorrência elevada que apresenta quando comparado com o modo, parece ser conceptualmente mais importante no movimento do que o modo cuja expressão linguística parece, em muitos casos, ser opcional. Além de que a expressão do percurso está gramatical e lexicalmente mais predisposta na língua nos verbos de percurso como *sair*, *entrar*, *subir* e *descer*, do que a expressão do modo. Observou-se que a transmissão do percurso pelo verbo e eliminação do modo é um procedimento recorrente, com cerca de 112 ocorrências. O facto de o percurso, que é a acção principal de um evento de movimento, ser normalmente expresso por um verbo, leva a que o modo seja transmitido por um adjunto adverbial. Com o uso de expressões adjuntas é bastante limitado pelo facto de tornarem facilmente a narrativa demasiado extensa, lenta e acabarem por dar saliência à informação expressa subtilmente no original no verbo e nas partículas adverbiais, o modo acaba por ser muitas vezes eliminado.

- (38a) *Sofie løp ned til vannet og rodde over til den andre sident.* (p. 324)
- (38b) *Sofia desceu em direcção ao lago e remou para a outra margem.* (p. 300)
- (38c) *Sofia desceu a correr em direcção ao lago e remou para a outra margem.*

Quanto à transmissão do percurso, foi observado que esta informação pode, por vezes, tornar-se também excessiva no português, ao contrário do norueguês onde é um procedimento sistemático, devido às partículas adverbiais. No português, os verbos *entrar*, *sair*, *subir* e *descer*, correm o risco de tornar a narrativa repetitiva, ao contrário das partículas adverbiais norueguesas *inn*, *ut*, *opp* e *ned* que têm um peso linguístico menor e por isso se deixam integrar facilmente na descrição do movimento. A alternativa de expressar o percurso através de expressões adjuntas (p. ex. *para dentro*, *para fora*, *para cima*, *para baixo*), e o movimento num verbo de modo, pode ter o efeito já mencionado no que respeita ao uso de expressões adjuntas, ou seja, o de tornar a narrativa extensa e lenta, destacando-se informação insignificante. Isto parece explicar a frequência muito

elevada do verbo deíctico *ir*⁴. Observou-se que a omissão do percurso e do modo parece, em determinados contextos, não ter consequências na narrativa portuguesa. Para além de que o uso dos verbos de percurso em determinados contextos, como por exemplo na descrição do movimento dentro de casa, quando a personagem se desloca de uma divisão para outra, transmite uma especificidade que não é natural da língua portuguesa, a não ser que o objectivo seja evidenciar a mudança do percurso e não o alvo. Isto não parece ser o caso como ilustram o exemplo do original, a tradução e a reprodução desta com um verbo de percurso, em baixo. Para mais exemplos ver página 16, exemplos (33a) - (37b).

(39a) *Sofie gikk inn på det store baderommet.* (p. 115)

(39b) *Sofia foi ao quarto de banho grande.* (p. 109)

(39c) *Sofia entrou no quarto de banho grande.*

Observou-se também que a tradutora costuma optar por um verbo de percurso eliminando o modo, mesmo quando existe um verbo equivalente em português que funde o movimento com o percurso e o modo como *trépar*. Isto parece reflectir um hábito narrativo no uso de verbos de percurso. No entanto, há também que ter em conta os casos em que o argumento cria constrangimentos. Em relação a *afundar-se*, exemplos (40a), (40b) e (40c), é possível dizer-se metaforicamente *afundar-se no sofá*, porque um sofá é mole, no entanto já não se diz *afundar-se num banco*, porque um banco é duro e não permite a mesma metaforização do verbo *afundar-se*. Nos exemplos (41a), (41b) e (41c), é possível ver que seria estranho o uso do verbo *trépar para um banquinho*, que é por definição pequeno e não cria dificuldades que levariam ao uso das mãos e dos pés no modo do movimento implícito em *trépar*. Finalmente, nos exemplos (42a), (42b) e (42c), em baixo, a combinação *sair para o jardim* exprime uma telicidade que não permite o modo *a passear (andar a passos lentos)* embora já fosse possível dizer *a correr* que exprime *andar com velocidade*. Isto leva à conclusão de que é necessário levar em consideração certos argumentos internos que podem provocar constrangimentos no que respeita à transição do modo no português, e por isso contribuir também para a eliminação do mesmo.

(40a) *Så sank hun ned på en kjøkkenkrakk med det mystiske brevet i den ene hånden.*(p. 12)

⁴ Segundo Hanna Batoréo (2000:769), no corpus *Português Fundamental* (1987), o verbo *ir* apresenta 6724 ocorrências, uma frequência significativamente alta quando comparada com os verbos *vir* que apresenta 2385 ocorrências, *sair* que apresenta 804 e *entrar* que apresenta 443.

- (40b) *Depois, foi **sentar-se** num banco da cozinha, com a misteriosa carta na mão.* (p. 10)
- (40c) *?Depois, foi **afundar-se num banco da cozinha**, com a misteriosa carta na mão.*
- (41a) *Sofie **klatret opp** på en skammel.* (p. 80)
- (41b) *Sofia **subiu** para um baquinho.* (p. 75)
- (41c) *? Sofia **trepou para um banquinho**.*
- (42a) *Hun **spaserte ut** i hagen.* (p. 133)
- (42b) ***Saiu** para o jardim.* (p. 127)
- (42c) *?**Saiu a passear** para o jardim*

Quanto à expressão do modo, como visto, foram observadas 44 ocorrências de verbos de modo, verificando-se simultaneamente a omissão do percurso. Isto pode ser explicado pelo facto de o português possuir verbos que lexicalizam o movimento e o percurso ao mesmo tempo, o que leva a que a expressão do percurso por um adjunto adverbial não seja natural num contexto em que o modo do movimento representa uma informação tão importante que obriga a tradutora a reproduzi-lo. O verbo *correr* é o verbo de modo mais frequente do corpus.

O uso de um verbo de modo ou de um verbo de percurso pode ter consequências para o ritmo da narrativa. O tradutor pode ver-se obrigado a usar um verbo de modo para transmitir matizes temporais e espaciais que dão lugar a outros acontecimentos simultâneos. Os verbos de percurso, pela sua telicidade estão menos predispostos a isto. Como se pode observar no exemplo referido em baixo, é importante ressaltar a ideia de *caminhar* porque o seu valor de movimento atélico implica a duração que permite à personagem observar o espaço à volta ao contrário do verbo *entrar*. A terceira variante do exemplo é a uma explicitação télica da frase com um verbo de percurso, para comparação.

- (43a) *Så dukker han opp i Athen. Han **spaserer like inn** på torget i filosofiens hovedstad. Og han “ble rystet over å se at byen var full av avgudsbilder”, fortelles det* (p. 152)
- (43b) *Esteve também em Atenas. **Caminhava** na ágora da capital da filosofia. E estava indignado, “de tal forma via a cidade tão idólatra”, segundo se diz.* (p. 144)
- (43c) *Esteve também em Atenas. **Entrava** na ágora da capital da filosofia. E estava indignado, “de tal forma via a cidade tão idólatra”, segundo se diz.*

Muitas vezes há um valor idiomático do advérbio de percurso combinado com o verbo no norueguês, com o por exemplo *ut* que representa um conjunto

idiomático, como no exemplo em baixo, isto leva a que não se transmita o percurso no português.

- (44a) [...] *at hun en gang i 6-7 årsalderen hadde krøpet opp i robåten og **rodd ut** på fjorden ganske alene.*(p. 274)
- (44b) [...] *uma vez, com seis ou sete anos, trepara para o barco a remos e **remara** sozinha no fiorde.* (p. 255)
- (44c) [...] *uma vez, com seis ou sete anos, trepara para o barco a remos e **saíra** sozinha para o fiorde.*

Também foi observado que a preferência por um verbo de modo pode ser motivado pelo constrangimento que o argumento externo exerce num verbo de percurso e contribuir para a eliminação deste. A propósito do exemplo que se segue, em português não parece natural dizer-se *entrar por entre pinheiros*, com o sentido de caminhar entre eles como no norueguês.

- (45a) *Først **gikk** de **inn** mellom de store furutrærne, så måtte de kave seg vei gjennom busker og kratt.*(p. 136)
- (45b) *Primeiro **caminharam** por entre pinheiros altos, em seguida tiveram de abrir caminho por entre os arbustos e os silvados.* (p. 129)
- (45c) *?Primeiro **entraram** por entre pinheiros altos, em seguida tiveram de abrir caminho por entre os arbustos e os silvados.*

No que respeita à manutenção dos traços percurso e modo na tradução portuguesa, observou-se, com o já visto, que apenas 51 dos 228 eventos de movimento na tradução portuguesa, expressam tanto o modo como o percurso do original norueguês. Neste caso os marcadores linguísticos usados preferencialmente foram um verbo para exprimir o percurso e um adjunto adverbial para exprimir o modo. Verificaram-se cerca de 27 ocorrências deste tipo. Isto parece confirmar a afirmação de Slobin de que as línguas românicas usam tipicamente a construção verbo de percurso + adjunto adverbial de modo para expressar os dois traços semânticos.

- (46a) *Først da hun **krøp inn** i Smuget, så hun på klokken.* (p. 98)
- (46b) *Só quando **entrou agachada** na toca, olhou para o relógio.* (p. 92)
- (46c) *?Só quando **rastejou para dentro** da toca, olhou para o relógio.*

No entanto observei também o percurso expresso em locuções adverbiais, e o modo no verbo, com cerca de 10 ocorrências. Esta variante sugere que tanto o modo como o percurso do movimento são bastante importantes. Perante os exemplos recolhidos existem alguns verbos de modo que se combinam harmoniosamente com adjuntos adverbiais de percurso como *precipitar-se*, *correr*,

deslizar e rolar + para dentro, para fora, para baixo, para cima. Além disso existe uma diferença entre *precipitou-se para dentro* e *entrou precipitadamente* no que respeita ao estado de espírito que leva ao movimento.

(47a) *Så styrtet hun ut av hytta og lukket døren igjen etter seg.* (p. 97)

(47b) *Precipitou-se para fora da cabana e fechou a porta.* (p. 91)

(47c) *Saiu precipitadamente da cabana e fechou a porta.*

Parece que esta combinação harmoniosa, verbo de modo + adjunto adverbial de percurso está limitada a um número reduzido de verbos de modo. Daí, talvez, o corpus apresentar apenas 10 ocorrências.

No caso de o movimento apresentar percursos complexos, ou seja vários percursos ligados a um verbo, observou-se o uso de orações suplementares com o objectivo de manter os vários percursos existentes no original. Também neste caso foi observado que mesmo quando existe um verbo equivalente em português que funde o modo do movimento com o percurso, o tradutor opta, às vezes, por um verbo de percurso omitindo o modo. Ao mesmo tempo, assiste-se também à eliminação do percurso sendo o evento expresso num verbo de modo.

Por vezes é necessário encontrar alternativas que acomodem de maneira mais nativa o significado do original, nomeadamente de conjuntos idiomáticos, que os advérbios noruegueses formam com o verbo. A dificuldade na tradução portuguesa reside em expressar de maneira igualmente precisa os mesmos eventos já que nesta língua não existem equivalentes destes conjuntos. Isto leva ao uso de predicadores verbais que reflectem outro domínio conceptual.

(48a) *Vi ser hvordan barnet hopper opp og ned i sportsvognen.* (p. 24)

(48b) *Começa a agitar-se no carrinho.* (p. 21)

(49a) *Hun hoppet opp og gav Alberto en klem.* (p. 205)

(49b) *Ela pôs-se nos bicos dos pés e abraçou Alberto.* (p. 191)

Conclusão

Quanto à tradução para o português dos eventos de movimento intransitivo expressos no norueguês na construção verbo de modo + advérbio de percurso, observou-se que a tendência é para manter o percurso, em bora nem sempre. O modo aparece expresso em cerca de 44% dos eventos enquanto o percurso aparece expresso em cerca de 71% dos eventos traduzidos. Apenas 22% das traduções portuguesas expressam a totalidade da informação do original.

Esta análise confirma que o norueguês é uma língua *satellite-framed* através da ocorrência elevada da expressão do modo no verbo e da expressão do

percurso no satélite, mais precisamente no advérbio observada no corpus. O português, por sua vez, apresenta-se como uma língua tipicamente *verb-framed*, na medida em que o percurso tende a ser expresso pelo verbo. O modo, quando não é eliminado, aparece expresso em adjuntos adverbiais. Observou-se também que o facto destas línguas representarem os pólos opostos da tipologia de Talmy, tem consequências para a introdução de eventos de movimento para o português, visíveis nas omissões principalmente do modo e também do percurso, e confirma que as afirmações de Slobin são válidas também para o par norueguês – português. No entanto, é também possível observar que a tipologia de Talmy por si só não é suficiente para explicar as diferenças nas estruturas discursivas entre estas duas línguas. É necessário levar em conta também uma série de factores morfossintácticos, pragmáticos e culturais que influenciam a organização da narrativa no português. Mais precisamente, observou-se, por um lado, argumentos internos que provocam constrangimentos no que respeita à transmissão do modo no português e por isso contribuir para a eliminação do mesmo, e, por outro lado, argumentos internos que provocam constrangimentos em relação ao uso de um verbo de percurso levando ao uso de um verbo de modo. O uso ora de um verbo de modo, ora de um verbo de percurso pode ter consequências para a quantidade de informação expressa durante um evento de movimento, ou seja um verbo de modo representa implicitamente um espaço temporal que permite outros acontecimentos em simultâneo, o que será impossível através de um verbo de percurso pela telicidade (mudança de estado) que apresenta. A impossibilidade de associar vários percursos a um só verbo, ou seja o boundary-crossing constraint (Slobin, 2004:7) leva muitas vezes à omissão do percurso e do modo. Além disso quando no português se usa um verbo de modo, este aparece normalmente numa expressão de percurso que não cruze uma fronteira. Isto é confirmado pelo facto de a expressão do modo pelo verbo e o percurso pelo adjunto adverbial (p. ex. *precipitar-se para fora*) estar limitada a um número significativamente reduzido de verbos através dos quais esta fórmula é muito eficaz. Há também que levar em conta o facto de o português ser naturalmente uma língua menos específica do que o norueguês, na qual a expressão de detalhes do movimento como o percurso e o modo correm o risco de tornar a narrativa lenta, pesada e pouco natural. Isto tem influência quanto ao uso do tipo de verbo, explicando a ocorrência elevada do verbo *ir* e as omissões do modo e do percurso. Parece, também, que, à semelhança do que Slobin (1996) observou no espanhol, e tendo em conta os constrangimentos em cima mencionados, o português desenvolveu um tipo de estilo retórico, que parece determinado pelos meios de expressão à disposição na língua, que prefere a expressão do percurso pelo verbo e a eliminação do modo, o que leva a que se

mantenha o mesmo estilo retórico mesmo quando não existem constrangimentos sintáticos e semânticos na língua. Finalmente, a nível da conceptualização, é possível observar, com base na representação linguística, que tanto o percurso como o modo parecem ter uma importância menor no português do que no norueguês. Mesmo assim, no português, o percurso do movimento parece mais importante do que o modo. Foi também observado uma diferença quanto à informação destacada ao nível da imagem conceptualizada do percurso, com base na comparação da sua representação linguística em ambas as línguas. Por exemplo, na frase *Sofie gikk inn på det store baderommet*, o marcador destaca o alvo concebido como um contentor. Já na tradução *Sofia foi ao quarto de banho grande*, o verbo *ir* salienta o percurso, sem qualquer informação implícita do alvo. Em algumas situações, o norueguês e o português parecem adoptar alternativas diferentes na configuração de uma dada situação espacial. Também parece que o português, a um nível geral, depende mais do que o norueguês de um sistema de deduções pré-estabelecido culturalmente, como a informação relativa ao modo e ao percurso do movimento, como se pode observar no exemplo em cima.

Bibliografia

Material linguístico

Gaarder, Jostein 2003: *Sofies verden* 3ª edição. Aschehoug & Co, Oslo.

G. J. / Belo, Catarina (Tradução) 1992: *O Mundo de Sofia*. Editorial Presença, Lisboa.

Literatura de referência

Baker, Mona. 1992: *In Other Words: A Coursebook on Translation*. London & New York: Routledge.

Batoréo, Hanna. 2000: *Expressão do Espaço no Português Europeu*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I. S., Faria, I. H. & al. 2003: *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Editorial Caminho (Série Linguística), Lisboa.

Niemeier, S. and Dirven, R. (eds). 2000. *Evidence for linguistic Relativity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins

Nilsson, Kåre. 1985: "Rapport fra et 4-årig svangerskap". *Språk og språkundervisning*. 1985

- Nilsson, Kåre. 1998: “Desafios na Tradução do Norueguês para o Português, ilustrado pela versão brasileira de alguns contos populares”, *Term*, 5(1), 1º semestre de 1998, p. 159-182. FFLCH / Universidade de São Paulo.
- Nilsson, Kåre. 1994: *Norsk Portugisisk Ordbok*. Universitetsforlaget, Oslo.
- Santos, Diana & Oksefjell, Signe. 1999: “Using a Parallel Corpus to Validate Independent Claims”. *Languages in Contrast*, Vol. 2 (1), p. 115-132. John Benjamins Publishing Co.
- Slobin, D.I. 1996: “Two ways to travel: Verbs of Motion in English and Spanish”. In *Grammatical Constructions: Their form and meaning*. M. Shibatani & S. A. Thompson (Eds.), (p195-220). Oxford University Press. Oxford.
- Slobin, D. I. 1997: “Mind, code, and text”. In *Essays on Language Function and Language Type: dedicated to T. Givón*, J. Bybee, J. Haiman, and S.A. Thompson (eds) 437-467. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Slobin, D.I. 2004: “The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events”. In *Relating events in narrative: Typological and Contextual Perspectives*. Vol. 2 (p 219-257). S. Strömquist and L. Verhoeven (eds) Mahaw, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Slobin, D.I. 2004: “Relating Events in translation”. In *Perspectives on language and language development*. D. Ravid and H.B. Shyldkrot (eds). Dordrecht: Kluwer.
- Talmy, L. 1975: “Semantics and Syntax of Motion”. In *Syntax and Semantics*. Vol 4 (181-238) John P Kimball 1975. New York, Academic Press.
- Talmy, L. 1983: How language structures space. In Pick & Acredolo (eds.), 225-282
- Talmy, L. 1985: “Lexicalization Patterns: Semantic structure in lexical forms”. In *Language and Typology and Lexical description*. Vol.3 Grammatical Categories and the lexicon (p 36- 149). T. Shopen (Ed.), Cambridge University Press.
- Talmy, L. 1991: “Path to realization: A typology of event conflation”. *Proceedings of the Berkeley Linguistics Society*, 17, 480-519.
- Talmy, L. 2000: *Toward a Cognitive Semantics: Vol II : Typology and Process in Concept Structuring*. Cambridge, MA: MIT Press.

ET TILBAKEBLIKK PÅ SPANSK I SKANDINAVIA.

CARLOS RODRÍGUEZ OG HANS SPANSKE GRAMMATIKK
(KØBENHAVN, 1662)

Maximino J. Ruiz Rufino

I 2002 startet m isjonær lingvistikkprosjektet OsProMil ved Universitetet i Oslo (UiO) og et samarbeid med Bibliotek for humaniora og samfunnsvitenskap ved Universitetet i Oslo (UHS) og fagreferen ten i romanske språk Dr. José María Izquierdo¹ ble satt i gang.

En av hensiktene m ed samarbeidet var å opparbeide en sam ling av renesansegrammatikker over språk fra alle verdensdeler på UHS og digitalisere de mest relevante. I denne forbindelse dukke t et eksemplar av Carlos Rodríguez' spanske grammatikk, *Lingvæ Hispanicæ Compendium, in usum eorum qui linguam Hispanicam compendiose addiscere cupiunt*, helt uventet opp ved UHS.

Til tross for verkets særegne kvaliteter bekrefter denne tilfeldige oppdagelsen den spesielle skjebne som ser ut til å være knyttet til denne grammatikken. Siden denne grammatikken ble publisert førs te gang i København i 1662 av Matthias Godiccheni, har den aldri vært trykket på nytt, og det finnes heller ingen ny utgave. Videre er de eksem plarene som finnes, samlet i ytterst få bibliotek ², skjønt kanskje hviler det fortsatt et par anonyme eksemplarer under støvet i magasinene?

Dette kompendiet har heller ikke vakt særlig oppmerksomhet eller begeistring i fagbøker eller andre arbeider innen historiografisk lingvistikk. I de tilfellene det er nevnt, er det bare m ed en kort referanse ledsaget av noen få kommentarer (Sánchez Pérez, 1992) og en beskrivelse som går igjen hos de fleste som har behandlet grammatikken. Et typisk ek sempel på denne type vurdering er følgende (Hovdhaugen *et alii*, 2000:97):

¹ Jeg vil særlig takke Dr. José María Izquierdo, fagreferent i romanske språk ved Bibliotek for humaniora og samfunnsvitenskap. Han oppdaget dette verket og la forholdene til rette for å gjøre det tilgjengelig. Nå kan alle lese det i elektronisk versjon på følgende adresse: <http://www.ub.uio.no/uhs/sok/fag/RomSpr/ospromil/nebrija/index.html>.

² I tillegg til eksem plaret fra W olfenbüttel HAB som Nihedere nevner i sin bibliografi (1999:196) og det fra Oslo som vi kommenterer her, har jeg også lokalisert eksemplarer i Universitetsbiblioteket i Trondheim, i Statsbiblioteket i Århus og ved Det Kongelige Bibliotek i København.

Rodríguez's grammar (1662) is a short, elementary, and traditional (e.g. with six cases) grammar written in Latin.

Det har hittil bare vært mulig å finne ett eneste monografisk arbeid, en upublisert doktoravhandling (Viejo Sánchez, 1990³), som det dessverre ikke har vært mulig å konsultere.

Ut fra disse innledende betraktninger kan man slå fast at Rodríguez' kompendium, i motsetning til andre verk av samme type og fra samme epoke, ikke har vakt spesiell oppmerksomhet. Med en analyse av Rodríguez' grammatikk på dens egne premisser står vi derfor overfor et potensielt nytt panorama. I tillegg til nyheten og den bibliografiske interessen som denne oppdagelsen i Oslo har for Rodríguez' verk, finnes det nemlig også andre argumenter for å se nærmere på denne lille grammatikken.

Dette spanske grammatikk-kompendiet er ikke bare det første spanske grammatikalske verk skrevet i Skandinavia, men også – og viktigere – det første forsøket på å skape et nyttig didaktisk instrument for å lære (og muligens også undervise) spansk i Danmark. I tillegg er forfatteren, Carlos Rodríguez fra Madrid, sannsynligvis den første offisielle spansklæreren i hele Skandinavia. Formålet med verket var derfor ikke å medvirke til nye bidrag til beskrivelsen og behandlingen av det spanske språk. Vi må heller anse verket som et nytt og viktig ledd i den europeiske tradisjonen fra renessansen som gikk ut på å lære de forskjellige nasjonale språk. Det er følgelig i en slik kontekst vi må studere verket, dvs. i lys av den grammatiske tradisjon for spanske grammatikker, de konkrete behov boken er ment å skulle dekke og det pedagogiske perspektivet den har som utgangspunkt. Disse tre faktorene vil jeg følgelig se nærmere på i denne artikkelen.

Kanskje er det heller ikke helt uten betydning at dette eksemplaret i Oslo er dukket opp på et tidspunkt hvor spansk som fremmedspråk har en sterkere posisjon enn noen sinne i nordiske undervisningsinstitusjoner. Det er klart at den posisjon spansk har fått som internasjonalt språk, årsakene til at utlendinger velger spansk, og metodene som brukes for å lære språket, ikke er de samme i dag som i det 17. århundre. Likevel er det en del påfallende og interessante paralleller.

³ Viejo Sánchez, María Luisa. Desember 10, 1990. *Estudio sobre la gramática de Carolus Rodríguez Matritensis (1662)*. Universidad Autónoma de Madrid. Veileder: Francisco A. Marcos-Marín. Forfatteren har tenkt å gi ut en utvidet versjon i bokform i nær fremtid.

1. Hva slags grammatikk er Rodríguez' kompendium?

Rodríguez' kompendium er en liten grammatikk, både i form og antall sider. Med målene 9,5x15 centimeter inneholder den i alt 78 sider, hvorav de 16 første er uten sidetall.⁴ De resterende 62 er nummerert og utgjør den egentlige grammatikken.

Allerede tittelen angir tydelig hva slags grammatikk vi har mellom hendene. Det handler om en spansk minigrammatikk (*Lingvæ Hispanicæ Compendium*) laget for dem som ønsker å lære spansk (*In usum eorum qui linguam Hispanicam compendiose addiscere cupiunt*).

Det meste av det lille man vet om forfatteren, finnes også på denne første siden. Carlos Rodríguez var opprinnelig fra Madrid, *Matritense*, og i en periode underviste han i flere språk ved Sorø Akademi, *linguarum hispanicæ, Gallicæ et Italicæ in Regia & Equestri Academia Sorana Professore*. Det er uvisst når han kom til Danmark, men han ble født i Madrid i 1618 og ble etter hvert språklærer⁵ ved Universitetet i København, da Sorø Akademi stengte sine dører i 1669 (Hovdhaugen *et alii*, 2000: 96-97). Han døde i 1689 (Niederehe, 1999). Videre var han språklæreren for den på den tiden 16 år gamle kronprins Christian, senere Christian V (1670-1699): *Celsissimi Principis, Christiani Daniæ & Norvegiæ Principis Hæredis linguarum Magistro*. Verket var, som vi skal se senere, dessuten tilegnet ham. Grammatikken ble trykket i *Hafnia* (København) av Matthias Godicchenius i 1662.

Allerede på første side ser vi at vi har å gjøre med en type grammatikk som var blitt svært vanlig i Europa siden renessansen, nemlig en grammatikk over et europeisk språk skrevet for utlendinger og med et klart didaktisk formål: At de som brukte boken, skulle tilegne seg språket. Dessuten var den skrevet av en spanjol, men trykket utenfor Spania.

I renessansen ble det etablert en ny politisk orden i hele Europa. Nye stater ble grunnlagt, og med dem fikk de nasjonale språkene et nytt og stort oppsving. Selv om latinen i renessansen står ved et vendepunkt i og med bruddet med middelalderlatinen og etableringen av de t "gjenfødte" klassiske språk som nytt kulturspråk (med antikkens forfattere som modell), oppnår også de nasjonale språkene økt anerkjennelse. Samtidig går de nye statene ut over sine egne grenser både for å kontrollere resten av Europa og pga. store nye handelsmuligheter. I denne nye kulturelle, politiske og økonomiske situasjon får

⁴ Niederehe (1999: 196) derimot indikerer bare 8 nummererte sider i eksemplaret fra Wolfenbüttel HAB.

⁵ Niederehe (1999: 196) nevner etter referanser av Palau et verk til av Carolus Rodríguez, *Fundamenta Lingvæ Hispanicæ* (Haphniæ, 1662), uten å angi flere detaljer av verket eller hvor det befinner seg.

dermed nasjonalspråkene en ny og viktig rolle, både innen- og utenfor sitt eget landområde.

På hjemmebane bidro renessansens nye idéer både til utviklingen av litteratur på nasjonalspråkene og til bedre vitenskapelig kunnskap om dem. Det var i denne perioden nasjonalspråkene nådde en «moden alder», og tiden var dermed inne for å systematisere dem. Grammatiske beskrivelser var derfor ikke lenger forbeholdt de klassiske språk, og den tidligere eksklusive klubben av grammatikere måtte åpne sine dører for nye «allmenmedlemmer»: Nebrija for spansk (Salamanca, 1492), G. F. Fortunio for italiensk (Ancona, 1516), John Palsgrave for fransk (London, 1530), Valentin Ickelsamer for tysk (Augsburg, 1534), Fernão de Oliveira for portugisisk (Lisboa, 1536) og William Bullokar for engelsk (London, 1586).

På bortebane gjorde nasjonalspråkene nye erobringer. Med nye internasjonale forbindelser var det av stor betydning å kunne flere språk – i hvert fall de viktigste – for å lykkes i det «moderne» Europa. Med viktige språk menses her språkene i de land som kom til å bli dominerende i Europa; både kulturelt, som Italia, eller politisk-økonomisk, som i første omgang Spania og Frankrike. Interessen for disse landenes språk var dermed stor innen flere sosiale grupper i store deler av Europa: Militære, handelsmenn, folk med tilknytning til hoffet og intellektuelle (selv om mange av de sistnevnte også skrev på latin). Hver av disse gruppene hadde selvfølgelig sine egne grunner til å interessere seg for andre europeiske språk. Likevel utviklet grammatikkene seg etter hvert til å bli nyttige redskaper for alle dem som av ulike årsaker hadde behov for å tilegne seg fremmede språk.

Hvis man tar en kikk på det store antall grammatikker som utkom på denne tiden, ser man at nasjonalspråksgrammatikkene utviklet seg i to forskjellige retninger: Én for morsmålsbrukere og én for fremmedspråksbrukere.

Når det gjelder spansk, kan man se konturene av de to variantene allerede i den første grammatikken, Nebrijas *Gramática castellana* fra 1492. Som det kommer frem i begynnelsen av den femte boken,⁶ skriver Nebrija de første 4

⁶ “Como diximos enel prologo desta obra: para tres generos de ombres se compuso el arte del castellano. Primera mente para los que quieren redezir en artificio y razon la lengua que por luengo uso desde niños deprendieron. Despues para aquellos que por la lengua castellana querran venir al conocimiento dela latina: lo cual pueden mas ligera mente hazer: si una vez supieren el artificio sobre la lengua que ellos sienten. I para estos tales se escriuieron los quatro libros passados. En los cuales siguiendo la orden natural dela grammatica: tratamos primero dela letra y silaba: despues de las diciones y orden delas partes dela oracion. Agora eneste libro quinto siguiendo la orden dela doctrina daremos introducciones dela lengua castellana para el tercero genero de ombres: los que de alguna

bøkene for spansktalende, både de som vil lære reglene i språket (*los que quieren rededir en artificio _ rason la lengua que por luengo uso desde niños depredieron*) og de som vil lære latin gjennom spansk (*para aquellos que por la lengua castellana querran venir al conocimiento dela latina*). Den femte boken er derimot for utlendinger som vil lære spansk (*los que de alguna lengua peregrina querran venir al conocimiento dela nuestra*).

Det hele resulterer i at grammatikken også strukturelt (og dermed nødvendigvis også innholdsmessig) er skreddersydd for de respektive målgrupper: *orden natural* for spansktalende og *orden de la doctrina* for utlendinger. De første 4 bøkene utgjør stort sett en teoretisk grammatikk basert på Donatus' definisjon: *Grammaticæ partes quattuor sunt, Littera, Syllaba, Dictio et Oratio*. Nebrija har følgelig skrevet én bok for hver av disse delene av grammatikken: ortografi (*Littera*), prosodi (*Syllaba*), etymologi eller morfologi (*Dictio*) og syntaks (*Oratio*).

Den femte boken er derimot en didaktisk grammatikk, hvor det praktiske konsekvent blir prioritert frem for lingvistisk analyse. Det er formen, det vil si morfologien (*Dictio*), som står i fokus. Det er klart at det for en utlending som vil snakke spansk, er viktigere å bruke riktig form enn å kunne alle særegenheter ved de forskjellige typer av substantiver.

Selv om grammatikken ble brukt som metode for å lære et fremmed språk, var den ikke det eneste middel. Både ordlister og dialogbøker ble også brukt til dette formål, og det faktisk lenge før grammatikkene kom på banen. Dette skyldes det enkle faktum at direkte kontakt med et språk var (og er) den enkleste måten å lære seg et nytt språk på. Denne tradisjonen, kalt konversasjonsmetoden, var basert på repetisjon og memorering av tekster hentet fra dagligspråket (uten å vie grammatikken spesiell oppmerksomhet), ikke ulikt våre dagers parlører (hvordan bestille rom på hotell, spørre om veien, kjøpe/selge på markedet osv.). Den grammatikkbaserte læringsmodellen er på mange måter det motsatte av konversasjonsmetoden. Med grammatikkene ble ikke lenger praksis den eneste måten å lære et nytt språk på. Nå kunne det også gjøres på en mer systematisk og vitenskapelig måte. Metodene var imidlertid komplementære, og ble derfor ofte brukt side om side.

Allerede fra renessansen har man altså et metodologisk apparat basert både på konversasjonsmetoden og den grammatiske tilnæringsmodellen som instrumenter for å lære et fremmed europeisk språk. Dette var for så vidt ikke noe nytt (idet vi har hele tradisjonen fra middelalderen, samt Erasmus' og

lengua peregrina querran venir al conocimiento dela nuestra". Nebrija 1992 [1492]: 311-313.

Vives' konversasjonsbøker fra renessansen, skrevet med sikte på å gi folk kunnskaper i latin). Det nye er at de blir brukt på nasjonalspråkene. Det som imidlertid er viktig å notere seg for vår videre analyse av Rodríguez' verk, er at vi i de fleste land der det oppstod behov for å lære andre europeiske språk, finner eksempler på begge metodene.

Interessen for å lære andre språk medførte at mange språklærere forlot sine land for å undervise utlendinger i sine morsmål, samtidig som mange innvandrere gjorde språkundervisning til sitt levebrød. Det var også vanlig at disse såkalte *maîtres de langues* underviste i flere språk, for eksempel flere romanske språk. Her finner vi med andre ord kimen til den moderne "språkindustri", med vekt på språkundervisning gitt av *native speakers*. Disse «språkets leiesoldater» var dessuten høyst mobile, og mange av dem ga ut lærebøker i de språkene de underviste i. Derfor ble de fleste språklige lærebøker trykket utenfor det aktuelle språkområdet, om enn ikke alltid av morsmålstalende.

Slik sett faller både Rodríguez, som morsmålstalende språklærer, og hans grammatikk for utlendinger inn i denne lange og rike tradisjonen.

2. Hvorfor ble Rodríguez' grammatikk skrevet i det hele tatt?

Mens Nebrijas *Gramática Castellana* (Salamanca, 1492) markerer starten på den spanske grammatikktradisjonen, representerer den første grammatikken fra Real Academia Española (Madrid, 1771) et nytt referansepunkt. Fra 1771 blir de forskjellige utgavene av Akademiet's grammatikk standardverket for de etterkommende, enten det er for å følge den eller kritisere den. Ser vi på omfanget av de to typer grammatikker, teoretiske og didaktiske, fra Nebrija og frem til 1771, kan man trekke noen konklusjoner som kan være avgjørende for å svare på spørsmålet om årsaken(e) til at Rodríguez' grammatikk ble skrevet.

Mens bare seks grammatikker ble skrevet i Spania (og det med store mellomrom⁷), finner vi hele 36 spanske grammatikker skrevet i utlandet (Gómez Asensio, 2001). De som ble skrevet i Spania er teoretiske (unntaket er den femte boken i Nebrijas grammatikk), mens de «utlandske» stort sett er didaktiske (med unntak av Villalóns grammatikk,⁸ som av flere spesialister blir omtalt som

⁷ For eksempel skulle det gå 122 år før vi i Jiménez Patón finner Nebrijas nærmeste etterfølger.

⁸ *Gramática Castellana: Arte breue y compendiosa para saber hablar y escriuir en la lengua castellana.* (Antwerpen, 1558)

et teoretisk verk). Grammatikkene som ble skrevet i utlandet og den didaktiske varianten var altså klart dominerende i denne perioden.

I de fleste tilfeller er det dessuten mulig å se en sterk kobling mellom Spanias politiske stilling i Europa og utgivelsen av spanske grammatikker i forskjellige land. Interessen for spansk kultur, språk og litteratur blomstret for eksempel opp i Frankrike, Spanias tidligere store fiende, fra tiden rundt 1615. Dette skjedde lenge etter at interessen for spansk hadde båret frukter i Nederland, Italia og England. Det måtte da også en spesiell anledning til for å skape denne situasjonen: Den franske kong Ludvig 13 giftet seg med Anna av Østerrike, og den spanske kong Filip 4 gjorde det samme med Isabella av Bourbon (Collet Sedola 1993:164). Før den tid hadde de få som torde å interessere seg for spansk i Frankrike (Charpentier, Oudin og Saulnier), ikke hatt særlig hell med seg. Charpentier måtte til og med bøde med livet for sin sympati for Spania. Etter 1615 var imidlertid situasjonen blitt en helt annen. Spansk ble et meget populært språk, noe de mange grammatikkutgivelserne vitner om.⁹

Et annet eksempel på en konkret historisk foranledning til en grammatikk finner vi i et av de få tilfellene der det i Spania ble utgitt en didaktisk grammatikk over et europeisk språk: Sotomayors *Gramática para aprender a leer y escribir la lengua francesa* (Alcalá, 1565) ble laget da den franske Isabella av Valois ble Filip 2s tredje hustru og spansk dronning. Disse to eksemplene er langt fra enestående. Tilfellene er så mange og påfallende – særlig på 1500-tallet – at Roldán Pérez (1976: 201) mener det er mulig å snakke om *glottopolitikk*.

Ser vi på situasjonen på Rodríguez' tid, kan vi imidlertid ikke få øye på noen direkte sammenheng mellom hans grammatikk og samtidens politiske begivenheter. Filip 4 (1621-1665) var regjerende konge i Spania og Fredrik 3 (1648-1670) i Danmark. Etter trettiårskrigen (1618-1648), hvor landene hadde stått på hver sin side, hadde dessuten Spania mistet mange av sine områder og mye av sin makt i Europa. I 1662 var Spanias innflytelse på retur i Europa, sammenlignet med posisjonen landet hadde i begynnelsen av århundret.

Sett i et historisk perspektiv later Rodríguez' grammatikk til å være et unntak fra den europeiske grammatikktradisjonen. Det samme viser en undersøkelse av de europeiske språks stilling i Skandinavia. Den generelle interessen for fremmedspråk i Skandinavia ble påpekt allerede i 1556, i F. de Villalobos' forord til *Dictionarum quatuor linguarum*¹⁰:

⁹ Fra 1615 til 1666 ble det publisert 7 grammatikker i Frankrike: J. de Texeda (1619), fray D. de la Encarnación (1624), Carolus Mulerius (1636), Jean Doujat (1644), Claude Dupuis (1659), Claude Lancelot (1660) og Bartolomé Labresio de la Puente (1666).

¹⁰ Denne flerspråklige ordboken, utgitt av Grævio i Leuven i 1556, er en versjon av *Vocabulaire Polyglotte* av Noël de Berlaimont.

No ay hombre en toda Francia, ni en Flandes, ni en Alemaña, ni en Inglaterra, ni en todas estas partes del septentrión, que no tenga grand necesidad de la cognición de todas estas cuatro lenguas qu'en este libro estan escritas, o sea mercader, o soldado, o hombre de palacio, o caminante etc.

I dette sitatet viser *septentrión* til Sverige og Danmark. Sannsynligvis siktes det til den store økonomiske betydningen Øresund hadde som portal til Østersjøen. De fire språkene det anbefales å beherske, er flamsk, fransk (de opprinnelige språk i Noël de Berlaimonts *Vocabulaire*), spansk og latin. Av de moderne språkene kom i realiteten fransk, tysk, engelsk og delvis italiensk til å bli de viktigste fremmedspråk i Danmark og Sverige. Spansk ble det kun undervist i på to steder, først på Sorø og deretter ved Universitetet i København, men bare for en kort periode.

Den samme tendens, dvs. at interessen for spansk virker relativt beskjeden, ser man også ved undersøkelse av grammatikkene over europeiske språk som ble skrevet i Skandinavia på denne tiden. Stort sett er det først fransk (Matras 1637, Pourel 1650, Aphelen 1775) og italiensk (Matras 1625, Bang 1733), senere også engelsk (Bolling 1678, Bertram 1750 og 1753) og tysk (Canel 1701) som får sin utbredelse i form av flere grammatikker og andre didaktiske verk (ordbøker, reisebøker med ordlister og dialogbøker). Når det gjelder spansk, er Rodríguez' grammatikk det eneste verket fra samme periode, og vi må vente 162 år på neste spanske grammatikk, *Spansk Sproglære: efter ny Plan* av Rasmus Rask (København, 1824).

Konklusjonen må så langt bli at Rodríguez' grammatikk inngår i en lang tradisjon hva angår verkets type, dvs. didaktisk grammatikk; men samtidig representerer den et særtilfelle når vi betrakter boken i et historisk og politisk perspektiv. Dette bruddet med den rådende tendensen i utgivelsen av språklige hjelpemidler kan muligens forklares ved en eller annen enkeltepisode som har utløst en forbigående motest og interesse for spansk i utvalgte kretser. For eksempel kan en enkelt person med stor innflytelse i det akademiske miljøet og ved Frederik 3s hoff, ha stått bak grammatikken. Det er særlig to personer på denne tiden (selv om man ikke kan utelukke flere) som passer inn i denne profilen. Den ene, Bernardino de Rebolledo (1597-1676), var Spansk diplomat i Danmark og fredsmegler da København ble omringet av svenskene i 1659. Dessuten var han dikter og forfatter med *La selva militar y política* (1652) og *Idilio Sacro* blant sine fremste verk. Den andre er Peter Schumacher Griffenfeld (1635-1699). Han oppholdt seg utenlands i årene 1654-62 (Leiden,

Oxford, Frankrike, Spania og Italia). I 1663 ble han bibliotekar og arkivar hos kong Frederik 3. Kongen gjorde ham til sin kabinettsekretær, og etter tronskiftet i 1670 økte hans innflytelse hurtig hos kong Christian 5. Kronologien stemmer best med Bernardino de Rebolledo, men vi kan ikke se bort fra at en person som Peter Schuhammer Griffenfeld også kan ha bidratt til spanskens fremmarsj i Danmark.

3. Hvordan fungerer Rodríguez' kompendium som didaktisk grammatikk?

a. Paratekstene

Etter den første siden, som oppgir tittel, forfatter, trykker og dato, fortsetter verket med to paratekster. Ved første øyekast utgjør ikke noen av disse tekstene deler av selve grammatikken. De er ut en sidetall og derfor typografisk skilt ut fra resten av boken. Likevel kan en grundigere gjennomgåelse muligens modifisere en slik oppfatning, i tillegg til å danne et utgangspunkt for analysen av strukturen.

Den første parateksten er en latin, tospråklig dedikasjon til kronprins Christian på tolv sider. Samme tekst er skrevet på latin på venstre side (seks sider) og spansk på høyre side, slik at man enkelt får oversikt over begge språk når man holder boken. Denne type dedikasjoner, om enn ikke alltid bilingvale og like lange, var vanlige i de fleste bøker fra denne tiden, hvor mesenen ofte var en avgjørende faktor for at boken i det hele tatt skulle kunne utgis.

Selve teksten begynner med en konkret dedikasjon over to sider til Kronprins Christian:

*Celsissimo et Potentissimo Principi et Domino, Domino Christiano
Daniae et Norvegiae Principi Haeredi. Domino Suo Clementissimo.*
(Venstre side)

*Al Celsissimo y Potentissimo Principe y Senor Christiano Principe
Hereadero de Dinamarca y de Norwega. Mi Clementissimo Señor.*
(Høyre side)

I dette sitatet, som utgjør det man kan kalle den konkrete dedikasjonen, garderer forfatteren seg mot senere kritikk (han var jo støttet av kronprinsen). Videre spiller den også en rolle som motivasjonsfaktor for leserne. Beskjeden er klar: studér spansk, som kronprins Christian gjør!

Deretter bruker Rodríguez episoden fra Bibelen om den fattige enken (Markus 12:41-43; Lukas 21: 1-4) for å sammenligne sin grammatikk med de to myntene som enken la i tempelkisten (over i alt ti sider). Rodríguez håper at

kronprins Christian vil bli like glad for grammatikken hans som Jesus ble for de to myntene fra den fattige enken.

Om denne parateksten også har en funksjon i grammatikken, og dermed må anses som en del av den, skal vi komme tilbake til senere. Foreløpig får vi nøye oss med å fremheve at både lengden og den spesielle disposisjonen gjør det mulig for leseren å sammenligne den latinske og spanske tekstversjonen ved et enkelt øyekast. Videre er det på sin plass å påpeke at dedikasjonen er det eneste stedet i verket hvor vi finner en sammenhengende tekst på spansk.

Den andre parateksten er et latinsk forord til leseren på to og en halv side. Denne delen var vanlig i de fleste verk på denne tiden, og i vårt tilfelle refererer den også delvis til tradisjonelle elementer, som forsvaret for spansk som et nyttig språk:

ea enim linguæ hispanicæ majestas est, ea gravitas et excellentia ut inter ceteras Europeas principem locum obtineat.

At spansk skulle ha en førsteplass blant moderne europeiske språk grunnet sin *majestas*, *gravitas* og *excellentia* eller lignende vurderinger av det spanske språk, finner vi i de fleste spanske grammatikker fra denne perioden, særlig i de som ble utgitt i utlandet.

Viktigere er det å peke på hvordan Rodríguez i samme forord definerer grunnlaget for sin grammatikk:

Usus sum in hoc compendio hac norma: nihil attuli quod syntaxi et grammaticæ latinæ analogum mihi visum, ut inutilium præceptorum onere discentes levarem.

Rodríguez holder seg til en enkel regel: Grammatikken skal ikke inneholde noe morfologisk og syntaktisk som han synes likner eller er det samme som i latin. Dette gjør han for å ikke forvirre studentene. Derfor sier han videre:

Ea vero quæ ad proprium linguæ huius genium spectant, compendio, et, uti spero, sufficienter adduxi.

Følgelig har han bare tatt for seg det som er typisk for spansk, og håper at han har gjort det grundig.

Slik blir latin en didaktisk ressurs i dobbelt forstand. Han skriver grammatikken på latin, fordi det var et kjent språk for studentene ved Sorø Akademi. Videre forutsetter en slik fremstilling at leseren er fortrolig med den grammatikalske strukturen i latin. Dette gjør at Rodríguez slipper å forklare språklige kategorier og kan gå rett på en praktisk beskrivelse av spansk

språkbruk. Dessuten kan han kopiere latinsk e former for å presentere innholdet, for eksempel ved å bruke deklinasjonen for de forskjellige ordklassene. Hadde Rodríguez valgt å skrive verket på spansk hadde det vært i strid med grammatikkens formål (for folk som ikke allerede kunne litt spansk). Hadde han gjort det på dansk, hadde det sannsynligvis budt på en del metodologiske og teoretiske problemer.

b. Strukturen i kompendiet

Selve kompendiet (62 nummererte sider) begynner med en kort beskrivelse av spansk uttale og trykk (i alt bare 5 sider).

Han går frem bokstav for bokstav; og det som er spesielt, er at han bruker andre moderne språk som referanse, for eksempel:

Ch: ut apud Anglos church; sive apud Germanos Tsch, ut echar, etschar, eiicere et apud Polonos c”

LL: Duplex, effertur ut apud Danos d post l ut: skyld; vel Gallorum fille et Italorum gli, ut: allar, aldar, aillar, agliar

Etter uttalen og trykket kommer ordklassene: artikler, substantiv, pronomen, verb, adverb, preposisjoner, konjunksjoner og interjeksjoner.

De enkelte beskrivelsene følger alltid samme struktur, her illustrert ved substantivet (Rodríguez 1662:13):

- (1) først deklinasjon av ordet som på latin. Vokativ har falt bort.
- (2) så kommentarene (*OBSERVATIONES*), hvor han fokuserer særegenheter og uregelmessigheter på en høyst presis og konkret måte, som utelukker alle personlige kommentarer eller ulike former for lingvistisk analyse. Som for eksempel i hans første observasjon:

Nomina desinentia in vocalem formant pluralem addito s ut mano, manos, manus, casa, casas, domus. Excipe quæ in y exeunt, quibus additur es: rey, reyes, rex, buey, bueyes, bos.

Her påpeker han på en enkel måte at substantiv som ender på vokal, får i flertall en *-s* på slutten, som *mano, manos, casa, casas*. Unntaket er de som ender på *-y*, som får *-es*: *rey, reyes, buey, bueyes*.

Noen ganger utelater han kommentarer, som når han beskriver preposisjoner og adverb (Rodríguez, 1662:34). Da blir fremstillingen mer lik en ordliste med det spanske ordet og det tilsvarende på latin.

Det siste han behandler i grammatikken (Rodríguez, 1662:37), er noen generelle kommentarer om orddannelse av spanske ord fra latin, *Observationes universales de formatione vocum hispanicarum ex latino ortarum*.

Han er ikke i tvil om at de fleste ord på spansk kommer fra latin, men sliter en smule med sin presentasjon. Han skriver for eksempel at spanske ord stammer fra latinske ablativer. *Hispani plerumque latinorum Ablativum retinent*. Videre forklarer han diftongeringen bare ved å si at vokalen *i* kommer foran *e*: *Omnibus nominibus quæ in latinis habent in penultima syllaba e præfigunt i, ut: certum, cierto ...*

Man kan likevel tilgi ham ved å si at mange av forklaringene er basert på det som er mest iøynefallende, og da gjør de derfor så vidt sin jobb i et didaktisk perspektiv.

Som nevnt, legger man i denne boken, og generelt i alle bøker av samme type, dvs. didaktiske grammatikker, hovedvekten på de forskjellige ordklassenes form (morfologi). I Rodríguez' grammatikk blir dermed morfologien den største delen, med 51 av 62 sider. Ikke overraskende er det verbet han bruker flest sider på (hele 32, se tabellen nedenfor). De fleste utlendinger synes at det spanske verbet er det aller vanskeligste. Som tabellen viser ser vi at det mangler to viktige deler i forhold til den klassiske strukturen i grammatikker, lik den vi for eksempel finner i de fire første bøkene til Nebrija; prosodi og syntaks. Dette kan forklares med at grammatikere på denne tiden trodde at den eneste måten ikke-morsmålstalende kunne lære både prosodi og syntaks på, var gjennom direkte kontakt med språket. Dermed ble det ikke viktig å ta med disse to delene i selve den grammatiske beskrivelsen.

Rodríguez' Grammatikk

INNHOLD	ANTALL SIDER	DISIPLIN (antall sider)	
De Pronuntiatione Literarum	3	Ortografi (5)	
De Accentu	2		
Artculus <ul style="list-style-type: none"> • Formatio • Observationes 	3	Etymologi (morfologi) (51)	
Nomen <ul style="list-style-type: none"> • Declinatio • Observationes • De Formatione diminutivorum 	4,5		
Pronomen <ul style="list-style-type: none"> • Declinatio • observationes 	4,5		
Verbum <ul style="list-style-type: none"> • Paradigma • De anomalis • Observationes 	32		
Adverbum	5		
Præpositiones	1		
Conjunctiones	0,5		
Interjectiones	0,5		
Observationes Universales de formatione Vocum Hispanicarum	6		Original del (6)
Den tospråklige delen	10		Syntaks?

I mange grammatikker av denne typen er det vanlig å avslutte med en lengre tekst på fremmedspråket for å vise hvordan det brukes i syntaks, stil osv. Dette mangler altså ved første øyekast i Rodríguez' tekst. Men kanskje den usedvanlig lange tospråklige parateksten kan betraktes nettopp som en slik tekst. Dette forklarer både lengden og den parallelle lay-outen, som gjør at en student umiddelbart kan søke hjelp til oversettelsen på et hvilket som helst punkt i teksten. Skriften, som her er større enn i de andre delene av boken, peker i samme retning: Denne delen var ment å skulle leses høyt. Hvis dette er riktig, må dedikasjonen også betraktes som en del av grammatikken og i et didaktisk perspektiv. Dermed får vår venn Rodríguez slått to fluer i en smekk, eller kanskje flere?

4. Konklusjon

Hovedpoenget i dette arbeidet har vært å plassere Rodríguez' Grammatikk i et videre perspektiv ved å peke på en rekke ytre og indre forhold.

For det første er det viktig å understreke at Rodríguez' verk primært hadde et didaktisk siktemål: Det skulle tjene som metode for å lære spansk, hvor det praktiske aspektet var viktigere enn de teoretiske. Grammatikken hører dermed hjemme i en større europeisk tradisjon, som for spanskens vedkommende ble innledet av Nebrijas *Gramática Castellana*.

For det andre må man ta de historiske forhold i betraktning. Mangelen på en klar kontakt mellom Spania og Danmark på denne tiden, og fraværet av etterfølgende spanske grammatikker og beslektede didaktiske verk (som dialogbøker, ordbøker etc.) i Danmark (og resten av Skandinavia) kan tyde på at det muligens var en spesiell person (Bernardino de Rebolledo?) som gav støtet til at denne grammatikken ble skrevet.

Blant de indre forhold som er beskrevet i denne artikkelen, er bruken av didaktiske ressurser og strukturen i Rodríguez' verk – særlig bruken av latin som språklig utgangspunkt. Dette forutsetter at leserne kan den latinske grammatikken, men gjør at Rodríguez kan utelate en språklig analyse. Dessuten er latinen lagt til grunn for bruken av deklinasjoner og paradigmer. En analyse av strukturen belyser videre hvordan denne samsvarer med verkets formål, nemlig å være en metode for å lære spansk. Forfatteren foretrekker å legge vekt på morfologi fremfor andre deler av grammatikken (sett i et klassisk perspektiv). Forklaringene fremhever derfor morfologiske regler og anomalier. Syntaks skulle læres gjennom praksis (bruken av språket), og utgjør således ikke en del av grammatikken (skjønt kanskje den bilingvale parateksten er tenkt til dette formålet?).

På bakgrunn av slike iakttagelser kan vi supplere den eksisterende definisjonen av dette verket med følgende: Rodríguez' kompendium var en didaktisk grammatikk ment som et læreverk for leserne (studenter ved Sorø Akademi og ved hoffet), og tjente dermed sitt formål (nemlig å lære utlendinger spansk). Grammatikken var altså ikke tenkt som et bidrag til utviklingen av lingvistiske synspunkter i denne perioden (i motsetning til de teoretiske grammatikkene). Vi må med andre ord forstå verket ut fra grammatikkens formål og dens ytre påvirkningsfaktorer. Med dette som utgangspunkt kan grammatikken kanskje få en mer velfortjent plass i lingvistikkens historie.

5. Bibliografi

- Giron Alconcel, J.L. 2000: "Historia de la gramática en España", en Alvar, M. (dir.) *Introducción a la lingüística española*, Barcelona, Ariel.
- Gómez Asensio, J.J. (comp.) 2001: *Antiguas gramáticas del castellano*, Madrid, Fundación Histórica Tavera.
- Hovdhaugen, E. et alii 2000: *The History of linguistics in the Nordic countries*, Helsinki, Societas scientiarum Fennica
- Lope Blanch, J.M. 1999: "La enseñanza del español durante el siglo de Oro", en Fernández Rodríguez et alii (ed.) *Actas del I Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, Madrid, Arco Libros.
- Nebrija, A. de 1492: *Gramática de la lengua castellana* (Edición de Quilis, A., Ediciones de Cultura Hispánica, Madrid 1992)
- Sánchez Pérez, A. 1992: *Historia de la enseñanza del español*, Madrid, SGEL.

LENGUAS DE ESPECIALIDAD Y LÉXICO: ALGUNAS DIFICULTADES EN LA TRADUCCIÓN DE TÉRMINOS

Juan A. Martínez López

1. Variedades de registro

En sociolingüística se utiliza el término “registro” para hacer referencia a los distintos planteamientos de uso que una misma persona puede llevar a cabo en función de los diferentes contextos de comunicación:

La distinción es necesaria porque la misma persona puede usar elementos lingüísticos muy diferentes para expresar más o menos el mismo significado, en diferentes ocasiones, y el concepto “dialecto” no puede ampliarse razonablemente para incluir tal variación [...] . Podemos interpretar diferencias de registro en función del modelo de acto de identidad, al igual que para las diferencias sociales. Cada vez que una persona habla o escribe, no sólo se coloca ella misma con referencia al resto de la sociedad, sino que además relaciona su acto de comunicación con un esquema clasificatorio complejo de comportamiento comunicativo.¹

Ciertamente, el acto de comunicación puede ser situado en varias dimensiones. M. Halliday (1989: 33 y ss.) señala tres tipos de dimensión²: “campo”, “modo” y “tenor”. Mediante la primera -“campo”- trata del propósito y de la materia u objeto de la comunicación. Mediante “modo” se refiere al medio a través del cual se produce la comunicación, esto es la lengua hablada o la lengua escrita. Con el término “tenor” hace referencia al grado o tipo de relación existente entre el emisor y el receptor que participan en la comunicación. Pero la realidad es que es muy difícil analizar la enorme complejidad de las diferencias de registro, pues las situaciones que admiten o imponen la actividad comunicativa son casi infinitas, e incluso sus componentes son imprevisibles y a veces difíciles de analizar. No obstante, las distintas variedades de registro pueden analizarse a través de las relaciones de dependencia establecidas con el resto de las variables según el usuario, esto es: geográficas, sociales, locales; dependerá así, de la

¹ Hudson (1981: 58-9).

² Otros autores, como por ejemplo Hymes (1962: 33-5), presentan otros esquemas mucho más complejos que el indicado, en el que las unidades lingüísticas seleccionadas por los hablantes están por al menos trece variables, al margen de la variable “dialecto”.

variedad social, en función de que utilice más o menor número de marcas relativas a dicha variedad, a la vez que disminuirá el número de marcas relacionadas con otra variedad de la lengua. Al igual que existen en el ámbito de las lenguas variedades diferentes, pueden existir en un determinado discurso registros diferentes, los cuales, al no ser unidades homogéneas ni discontinuas, pueden alternarse de modo gradual en el proceso de comunicación.

Además de las variedades señaladas, se producen otro tipo de variedades ligadas a determinadas situaciones extralingüísticas. Algunas de estas variedades se caracterizan por la existencia de un léxico particular, por lo que podemos hablar de variedades centradas en el nivel léxico de la lengua. Uno de los ejemplos más llamativos de las variedades en dicho nivel es el “argot”. Tales variedades suelen constituirse mediante la deformación sistemática del significante de unidades pertenecientes a un campo semántico común, o bien mediante la repetición de sufijos o prefijos, o multiplicando desplazando o eliminando ciertas sílabas. En otras ocasiones se llevan a cabo alteraciones de todo tipo en el entramado de significantes y significados. Al igual que ocurre con el argot, también en el nivel del léxico se encuentran las “variedades técnicas”, es decir, variedades lingüísticas marcadas fundamentalmente por el uso de una terminología especializada indispensable en determinadas profesiones u oficios, así como en otras ramas de la ciencia como la medicina o la economía.

Y, ciertamente, en este entorno hay que situar los llamados lenguajes de especialidad o lenguas especializadas, al tratarse de variedades que la lengua adopta cuando se utiliza como instrumento de comunicación entre especialistas en una determinada materia. Estamos, por tanto, ante variedades funcionales de la lengua. Atendiendo a su grado de abstracción, y a la artificiosidad de sus expresiones (tipo y nivel de especialización), se han establecido cuatro niveles (Duarte 1986: 42-3):

a) Lenguajes profesionales: Propios de un marco de producción específico, un grado de abstracción no demasiado elevado; utilizan la lengua natural con una proporción muy elevada de términos específicos:

b) Lenguajes técnicos: Se desarrollan en ámbitos técnicos, alto grado de abstracción. Su base es la lengua natural, pero con un elevadísimo número de términos específicos.

c) Lenguajes científicos: Propios de las ciencias experimentales, presentan un alto grado de abstracción, con uso de elementos y símbolos artificiales (no existentes en la lengua natural).

d) Lenguajes simbólicos: Se desarrollan en el marco de disciplinas científicas de carácter teórico, con un grado máximo de abstracción y suelen utilizar en su expresión símbolos artificiales.

Los lenguajes de especialidad no son homogéneos, pues pueden presentar un alto grado de variación interna en sus diferentes registros y niveles de formalidad. Además, tales lenguajes no presentan siempre límites precisos en relación con la variedad estándar, ni tampoco en relación con otros lenguajes especializados. Por otra parte, es necesario señalar que estos lenguajes combinan formas específicas con formas generales de la lengua, y que, pese a aparecer en contextos especializados, también los pueden hacer en textos de carácter divulgativo. Así, hablar, por ejemplo, del español de la economía como “tecnolecto” es falaz si no se utiliza el español para exponer los conocimientos en materia de economía; por tanto, se trata de español con una terminología específica, en algunos casos comprensible para un ciudadano medio, pero que en general escapa a ciudadanos no expertos en la materia.

En el entorno de la creación de conocimiento, cada ciencia o profesión, en mayor o menor medida, crea un mecanismo cuyo objeto es la representación y elaboración de su propio conocimiento. No obstante, todas ellas comienzan el hecho de que su medio natural es el discurso en una determinada lengua, lo que exige, en última instancia, dominarla. Por esta razón, la noción de lengua de especialidad o especializada no pretende hacer referencia a una marginación o sublengua, puesto que las actividades humanas no se presentan en compartimentos aislados³, sino más bien considerarla un instrumento para transmitir conocimientos especializados.

Las transferencias de términos de la variedad estándar al tecnolecto y viceversa es una práctica bien documentada; quizás por ello -o especialmente por ello- los límites entre los lenguajes y otras variedades de la lengua no resulten particularmente claros. Además, no son infrecuentes las interferencias producidas por la interconexión entre diversos dominios del conocimiento, como pueden ser una parte de la Economía muy vinculada al Derecho, o una

³ Parece tener razón a este respecto P. Heirat (1997: 17), quien se opone a la definición restringida que Sager y otros (1980: 21) dan a las siglas inglesas *LSP* (*language for special purpose*): “...medios de comunicación lingüística necesarios para vehicular la información especializada entre especialistas de una misma materia”, pues -como él mismo dice- ello implicaría dejar fuera los textos para los no especialistas, con lo que se establecería una separación artificial entre los medios de expresión de los expertos y los de los usuarios: clientes, administrados, consumidores, lectores, etc.

parte del Derecho (Derecho Administrativo), muy vinculado a la Administración.

2. Características de los lenguajes de especialidad: el español de la economía

Tal y como hemos señalado, las lenguas de especialidad, aunque se basan en la variedad estándar y comparten algunos rasgos con ella, conllevan siempre un profundo proceso de intelectualización⁴. Por otra parte, se caracterizan por su formalidad, esto es, se usan al margen de la comunicación informal, por lo que en tales contextos predominan los rasgos de neutralidad afectiva así como de la impersonalidad. Otra característica de las lenguas de especialidad es la precisión como fundamento para una comunicación eficaz. Carecen, por tanto, de toda emotividad, más propia del lenguaje familiar o informal. La citada funcionalidad, no sólo se orienta a la precisión terminológica, sino que se hace presente, también, en la ordenación rigurosa de los contenidos mediante una sintaxis y una secuencia lógica del discurso, lo que facilita la recepción del texto⁵.

Pero, más allá de los rasgos generales que caracterizan unos u otros lenguajes especializados, existe uno que es común: la utilización de una terminología específica del ámbito en cuestión. Así, cada área del saber ha ido creando los términos necesarios para referirse a las nociones específicas de su ámbito conceptual. En relación con dichos ámbitos conceptuales ha de establecerse una diferencia que sintetiza en cierto grado las nociones referidas a las ciencias naturales y a las ciencias sociales. Así, partimos de que los términos, al igual que las palabras del léxico general, poseen una vertiente sistemática (formal, semántica y funcional), además de tener una vertiente pragmática, y que en conjunto designan a una realidad preexistente: la realidad⁶. Para M. T. Cabré (1993: 170-1):

⁴ Dicho término procede de los trabajos del Circulo Lingüístico de Praga, y está referido al proceso mediante el cual se lleva a cabo la elaboración de la lengua con la finalidad de hacerla apta para expresar la interdependencia y la complejidad de elementos del pensamiento y adecuarla a la comunicación funcional de los contenidos técnicos o científicos. Cf. Duarte (1986: 47-8).

⁵ M. Etxebarria (1997: 355) hace referencia a una serie de rasgos, de diverso tipo, que caracterizan a los lenguajes de especialidad. Así, habla de: formas de tratamiento personal, formas especiales de uso específico en un determinado ámbito de especialidad (p. e. el futuro de subjuntivo en el lenguaje jurídico), terminología específica, uso de locuciones y frases hechas, uso particular de afijos de distinto tipo, etc.

⁶ Cf. M. T. Cabré (1993: 169).

[...] Si se acepta la propuesta de que la terminología es una parte integrante del sistema léxico de una “gramática”, los términos se revelan como unidades signílicas que pueden ser analizadas lingüísticamente desde tres puntos de vista diferentes: formal (la denominación), semántico (el concepto) y funcional (la categoría y la distribución).

[...] Desde un punto de vista semántico, los términos son unidades de referencia a una realidad, y por lo tanto están dotados de un significado que puede describirse como un conjunto de rasgos distintivos.

Ahora bien, la naturaleza de la realidad (o referente) a la que hacen referencia los términos no es banal. Por lo general, las ciencias naturales: Biología, Química, Geología, etc., se basan en nociones con alto índice referencial -a veces incluso tangible-, por lo que la relación entre noción (concepto abstracto) y referente (realidad) presenta un altísimo nivel de objetividad. Contrariamente a esto, la terminología en el ámbito de las ciencias sociales: Derecho, Economía, etc., está sujeta a definiciones que pueden ir variando en función de otros parámetros con los que se relaciona. Así, cuando hablamos de un término -por ejemplo, en Ciencia Económica- en una determinada cultura, éste se presenta configurado mediante una serie de rasgos que lo determinan, de modo que una vez modificado un rasgo no esencial la noción sigue existiendo, pese a haber sufrido un proceso de readaptación. Ahora bien, en los casos en que es un rasgo esencial el que sufre dicha modificación, es la misma noción la que llega a perder su identidad por lo que se hace necesaria la creación de un nuevo término que denomine la nueva realidad.

Esta situación, ya de por sí compleja cuando tratamos la nomenclatura de una determinada lengua y cultura, se complica aún más cuando el objeto es trasladar estos contenidos (sustentados por su correspondiente terminología) a una lengua y cultura distintas.

3. La traducción de términos en la Ciencia Económica

La didáctica y el aprendizaje de una lengua extranjera suponen siempre un reto tanto para el profesor como para el alumno. En las fases iniciales del aprendizaje, el alumno se concentra, *grosso modo*, en lo que se viene denominando “lengua estándar”. En nuestro caso concreto ⁷, al tratarse de lenguas

⁷ Nuestra experiencia está basada en el aprendizaje del español en un aula donde la práctica totalidad de los estudiantes tienen el noruego como lengua materna.

desarrolladas bajo una cultura relativamente común -la occidental-, la equivalencia entre los vocablos de una y otra lengua⁸ no suele resultar ardua en exceso. Sin embargo, conforme nos vamos adentrando en la terminología propia de la Economía empiezan a surgir problemas que requieren una mayor atención.

Es cierto que en Terminología se parte de un principio, según el cual la naturaleza del concepto, las relaciones conceptuales, la relación término concepto y la atribución de términos a los conceptos ocupan un lugar clave. Por esta razón, la denominada polisemia recibe en terminología un tratamiento muy diferente de cómo se hace en lexicología. La teoría terminológica parte del principio de que a una denominación corresponde un único concepto. En dicha línea, en terminología el valor semántico de un término se establece exclusivamente en relación al sistema conceptual específico de que forma parte. Es decir, cada campo temático se trata de modo independiente.⁹

Sin embargo, dicho planteamiento teórico hace agua, pues en la práctica sucede que un mismo término cubre varios conceptos y que varios términos designan un mismo concepto. Lo ya dicho, que es aceptable en el marco de cualquier lengua natural, se complica enormemente cuando se trata de buscar el término equivalente en otra lengua, pues ahora es necesario no sólo una cierta equivalencia sino un altísimo grado de equivalencia en aras de la eficacia y precisión, es decir, que haya una completa equivalencia de los rasgos semánticos que conforman el significado de un término.

La actividad traductora tiene como objeto el trasladar los contenidos expresados en una lengua, a otra. Dichas actividades, siguiendo a García Yebra (2000: 21), se plantea en dos fases. La primera se centra en la comprensión del texto original, la segunda consiste en expresar el contenido de dicho texto en la lengua objeto. Así, el desarrollo de ambas fases conlleva la exigencia de un conocimiento profundo del texto original y -tratándose de un texto técnico-, de la terminología yacente en dicho texto; dicho con otras palabras: conocer en profundidad la materia de que se trata. Retomamos aquí lo señalado en relación con los rasgos semánticos de los términos como componentes del significado, ya que la equivalencia entre dos términos -particularmente en el área que nos ocupa, la Economía- va a estar mediatizada por la existencia de dichos rasgos. A este respecto, vamos a ver varios ejemplos que ponen de relieve que la

⁸ Los problemas derivados de la búsqueda de equivalencias en relación con ciertos términos, a los que nos referimos a continuación, surgieron en la clase de español de la Norges Handelshøyskole. Se trata, por tanto, de un contexto en el que estudiantes con el noruego como lengua materna tratan de pasar sus propias experiencias al español.

⁹ Así pues, lo que para la lexicología es un término polisémico, para la terminología pasa a ser un conjunto de diferentes términos en relación de homonimia.

estructura del término (relación entre noción y realidad) sufre ciertos desajustes al intentar la traducción de una lengua a otra, en nuestro caso del noruego al español, en virtud de una serie de fenómenos que afectan a los rasgos semánticos que fundamentan los significados, como son la legislación y la costumbre.

Es evidente que muchos de los términos económicos están sujetos en su misma definición a lo recogido por las leyes. De hecho conceptos como *sociedad mercantil* (en sus diferentes formulaciones) están definidos en el Derecho Mercantil, de modo que son una serie de rasgos los que determinan si una asociación puede entrar dentro del concepto *sociedad mercantil* y, en su caso, de qué tipo. En noruego existen términos como *aksjeselskap* y *handels-selskap med begrenset answar*; el primero es completamente equiparable, en español, a *sociedad anónima* y el segundo viene a equivaler a *sociedad limitada*. Sin embargo, cuando tratamos de buscar un término noruego equiparable a *comunidad de bienes*, que viene a ser una variable de la *sociedad limitada*, en la que los comuneros son poseedores de una parte de la totalidad indivisible del bien que comparten, con un sistema particular de gestión y con un tratamiento fiscal propio, el problema se vuelve irresoluble. La legislación española ha creado una realidad de la que carece el sistema noruego, por lo que ningún término noruego es aplicable a dicha realidad española. No obstante, la relativa aproximación entre la noción representada por *comunidad de bienes* y *handels-selskap med begrenset answar* puede ser funcionalmente equivalente siempre que su uso contextual no pretenda hacer énfasis en uno de los rasgos esenciales que marcan las diferencias entre el contenido de uno y otro término. Otro ejemplo de este tipo lo observamos en los términos *comunidad de propietarios* y *borettslag*. La diferencia básica estriba en que mientras en una *comunidad de propietarios* cada partícipe posee su vivienda, a la vez que es copropietario de las zonas comunes, el *borrettslag* funciona más como una cooperativa en el sentido de que lo que se compra no es la propia vivienda, sino una participación en dicha comunidad, pese a que después se ocupa una en concreto, que funciona a efectos prácticos como nuda propiedad. Quizás por ello, algunos diccionarios bilingües noruego-español¹⁰ recogen el término *cooperativa de viviendas* como equivalente a *borettslag*, pasando por alto que: a) en España las cooperativas de viviendas se establecen solo para el periodo de construcción, no como sistema de ocupación de vivienda a tiempo indefinido, y b) el sistema cooperativo, según la legislación española, no permite la compra-venta libre de la parte correspondiente a un cooperativista, sino que está sujeta a muchas restricciones,

¹⁰ Véase, por ejemplo, el diccionario de A. Mørk (2000).

no así los copropietarios de un *borettslag*, que tienen plena libertad a la hora de comprar o vender su “propiedad”.

Un caso similar al ya expuesto lo representa el término *varebil*. Dicho término viene definido por una serie de rasgos semánticos fundamentados, en gran parte, en la legislación estatal noruega. Estos rasgos que ayudan a conformar el significado son, *grosso modo*, los siguientes: 1. Vehículo propiedad de una empresa o profesional. 2. Sujeto a reducción de precio a las empresas, en particular con el impuesto del IVA. 3. Formalmente, solo tiene útil la primera fila de asientos; el resto del vehículo está reservado para mercancía. 4. Dicho “cajón” para la mercancía puede estar abierto o cerrado (con lona o cierre permanente). No parece que en español exista un término equivalente a *varebil* en el sentido de que cumpla la totalidad de los rasgos señalados. Puede aducirse, a este respecto, que el español dispone de varios términos que se acercan de uno u otro modo al concepto representado por el término noruego; así podríamos hablar de *coche de empresa*, *camioneta*, incluso en ciertos contextos de *pic-up*. Sin embargo, ninguno de estos términos cubre todos los rasgos señalados para *varebil*: 1. El coche de empresa puede tener útiles todas las plazas y carecer de “cajón” para mercancías. 2. Una camioneta puede ser propiedad de una empresa o de un particular; el rasgo fundamental de dicho vehículo es tener un “cajón” descubierto (con posibilidad de cubrirse con una lona). De modo similar ocurre con *pic-up*, pues se hace referencia a un tipo de vehículo y no a la calidad del propietario. En todo caso, en ninguno de los términos españoles se hace referencia a una reducción en el precio más allá de las deducciones por IVA que la empresa propietaria pueda practicar. Todo ello nos lleva a concluir con lo ya comentado: las equivalencias entre términos están muy determinadas por el sentido del contexto que será, a fin de cuentas, el que determine qué rasgos del término son esenciales en un determinado contexto y cuales no.

La estadística y en menor grado la costumbre son rasgos que pueden incidir en el hecho de que una determinada acción deje de ser hábil o eficaz para un determinado uso. Así, cuando se hace referencia a formas de pago entre empresas en el aula en que desarrollamos nuestra labor surgen problemas complejos. La realidad es que en el ámbito noruego una forma habitual y eficaz de pago es el uso del *cheque (sjekk)*; sin embargo, desde el punto de vista estadístico el uso del cheque como forma de pago eficaz ha desaparecido en España, posiblemente por el alto nivel de incumplimiento en el pago que se produjo, en particular, desde crisis económica de los primeros noventa. Por ello, *cheque* y *sjekk* son equivalentes en cuanto a fórmulas de pago mediante papel bancario, aunque dejan de ser equivalentes en el momento en que el cheque no es en España -al menos hoy por hoy- un medio de pago seguro y eficaz.

4. Conclusiones

Como hemos podido ver, la relación unívoca con que trabaja la teoría terminológica con respecto al ajuste noción-realidad, a fin de garantizar la precisión y la eficacia en la comunicación especializada, presenta fuertes desajustes a la hora de crear equivalencias entre los términos existentes en diferentes lenguas. Tales desajustes son más pronunciados en la terminología propia de áreas de conocimiento ligadas a las ciencias sociales, al ser estas más dependientes de la “mano humana”. Es fundamental, como viene demostrando la semántica moderna, el hacer un acopio de rasgos semánticos para determinar el significado global de una palabra. Dicho acopio ha de hacerse teniendo en cuenta los diferentes contextos en que una palabra puede ser utilizada. Por otra parte, hay que diferenciar entre rasgos esenciales y no esenciales de un determinado vocablo al margen de contextos, pues una vez contextualizada la relación entre rasgos puede modificarse primando a unos y haciendo que pierdan peso otros en el significado global.

Ya en el ámbito de la terminología bilingüe la situación puede llegar a complicarse enormemente, máxime si tenemos en cuenta las particularidades de los términos en la esfera de las ciencias sociales. El nivel de equivalencia de términos vistos aisladamente ha de pasar por un exhaustivo análisis de los rasgos semánticos que lo conforman. Por otra parte, el proceso de una traducción especializada requiere un esfuerzo de jerarquización de los rasgos dominantes del término en cuestión, con el fin de determinar aquellos que son esenciales, y que han de estar necesariamente -y al mismo nivel- que el término que se pretende equivalente, para no desvirtuar la traducción. Es sin duda toda esta problemática, también bastante evidente en sus estudios de lexicología contrastiva, la que lleva a Dubuc (1999: 131) a admitir, en contra de lo que se afirma en la teoría terminológica, que:

Para los fines de la terminología, conviene distinguir tres tipos de sinónimos: los sinónimos absolutos, que son perfectamente intercambiables, los cuasisinónimos, que comparten la misma área conceptual aunque se distinguen por su uso, y los falsos sinónimos, que por el hecho de pertenecer a un mismo campo semántico comparten un núcleo de campos comunes, pero que se distinguen por características propias.

Referencias bibliográficas

Cabré, M. T. 1993: *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Antártica/Empuries.

- Duarte, C. 1986: *Llengua y Administració*, Barcelona, Eds. de la Magrana.
- Dubuc, R. 1999: *Manual de terminología*, Santiago de Chile, RIL editores.
- Etxeberria, M. 1997: “El lenguaje jurídico -administrativo: propuestas para su modernización y normalización”, en *Revista Española de Lingüística*, 27, 2. 341-380.
- Fishman, J. 1979: *Sociología del lenguaje*, Madrid, Cátedra.
- García Yebra, V. 2000: “La responsabilidad del traductor frente a su propia lengua”, en *Documentación terminología, traducción* (C. Gonzalo García y V. García Yebra eds.), Madrid, Síntesis.
- Halliday, M. A. R. 1989: *Languages as Social Semiotic*, Londres, Arnold.
- Herat, P. 1997: *Las lenguas especializadas*, Barcelona, Ariel.
- Hymes, D. H. 1962: “The ethnography of Speaking”, en *Anthropology and Human Behavior*, (Galdwin, T. and Sturtevant, W. C. eds.), Washington, Anthropological Society of Washington.
- Hudson, R. A. 1981: *La sociolingüística*, Barcelona, Anagrama.
- Labov, W. 1972: *Sociolinguistic patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Mørk, H. 2000. *Norsk-Spansk ordbok for næringslivet*, Oslo, Høyskoleforlaget.
- Sager, J. C. et al. 1980: *English Special Languages*, Wiesbaden, Brandstetter.

LA SITUAZIONE DEGLI STUDI GAY/LESBICI/QUEER NELL'ITALIANISTICA

Sergio Sabbatini

Quest'articolo ha l'intenzione di illustrare la situazione attuale degli studi gay e lesbici/queer/di genere in Italia e nell'italianistica in generale. Inizierò con una breve presentazione generale di questo metodo di studi e cercherò di presentarne l'utilità nel caso venga utilizzato come metodo di lettura per esempio nelle scienze letterarie. Concluderò poi presentando i più recenti contributi dagli studi gay e lesbici e queer applicati all'italianistica apparsi in Italia e all'estero.

Che cosa sono gli studi gay/lesbici/queer?

Che cosa si intende con i termini inglesi «*Gay and lesbian studies*» o, ultimamente «*queer studies*»? Sono studi che hanno indubbiamente una valenza politica, essendo espressione di una comunità, quella omosessuale, recentemente formatasi, che ha lottato e sta attualmente lottando per il riconoscimento dei propri diritti. All'interno di questi «studi gay e lesbici» troviamo contributi provenienti dalla psicologia, la sociologia, il diritto, la storia ma anche dalle scienze della letteratura. È dall'inizio degli anni '70, in contemporanea con la nascita del movimento di liberazione gay e lesbico, ispirato dai movimenti per la difesa dei diritti delle donne e delle persone di colore, che sono stati prodotti studi in questo campo. Oggi insegnamenti di questo tipo sono presenti in numerose Università dell'America settentrionale e dell'Europa occidentale. Si tratta di un ramo di studi molto variegato, che attinge da diverse correnti di pensiero e applica metodologie differenti nelle sue ricerche. Possiamo considerare gli studi gay e lesbici come un metodo di lettura applicabile a diverse discipline che ha come interesse principale lo studio e il riconoscimento di un'identità gay e lesbica, e ultimamente queer, nel corso della storia e nella società di oggi.

In questo momento possiamo distinguere due correnti principali in questo tipo di studi, una più tradizionale, detta essenzialista, e un'altra più innovativa, cosiddetta costruttivista. La corrente tradizionalista è quella che deriva dai primi lavori dedicati alla costruzione di un canone composto da scrittori gay e al recupero della storia degli omosessuali in genere, fatta dai primi rappresentanti

consapevoli di quello che oggi viene chiamato movimento gay, intrapresi a cavallo tra il XIX e il XX secolo da studiosi come Edward Carpenter e Magnus Hirschfeld. Spesso medici o sociologi, con i loro studi e i loro scritti hanno tra l'altro ricercato tra gli scrittori del passato autori omosessuali o che hanno trattato tematiche omosessuali. Questo soprattutto per colmare delle lacune nella storiografia o nella storia della letteratura e in altre discipline e per dare coraggio alla persona omosessuale presentandole tutta una serie di modelli positivi che altrimenti non avrebbe trovato nella società intorno a sé. Questi studiosi hanno quindi cercato di creare un canone di grandi omosessuali del passato, dall'antichità al Rinascimento fino all'Ottocento. Questo continua anche oggi: ultimamente, specialmente in area anglo-sassone sono state pubblicate molte antologie di scrittori omosessuali e storie nazionali o mondiali della letteratura omosessuale. Uno degli esempi più conosciuti di questo tipo di studi di carattere storicista è l'opera dello storico americano John Boswell, professore a Yale, morto nel 1994, dal titolo *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*, pubblicata nel 1980.

A questo tipo di tendenza, dagli anni '80 del XX secolo in poi, se ne è opposta un'altra, derivante da teorie post-strutturaliste francesi, solitamente chiamata "costruttivista". Cruciale è stata la pubblicazione nel 1976 della *Storia della sessualità* di Michel Foucault. Il cuore della critica costruttivista agli studi gay e lesbici tradizionali è ciò che i costruttivisti chiamano «essenzialismo». Per gli storicisti esiste nel concetto «omosessualità» un'essenza che è naturale e indipendente dal periodo storico, il contesto sociale o culturale. Coloro più vicini all'essenzialismo troveranno dunque molti tratti comuni tra comportamenti omosessuali nel corso dei secoli, mentre i costruttivisti saranno più propensi a evidenziare le differenze. Tra gli studiosi gay e lesbici, oggi, non troviamo essenzialisti o costruttivisti assoluti, ma esistono posizioni più vicine a questo o all'altro punto di vista. Queste due tendenze hanno anche origine dalle diverse opinioni intorno alla causa dell'omosessualità; gli essenzialisti saranno più propensi a trovare cause biologiche per essa, mentre i costruttivisti saranno più interessati alle influenze sociali e culturali. Gli studiosi tradizionalisti sono stati attaccati per aver utilizzato concetti troppo legati al nostro sistema ideologico contemporaneo applicandoli a società e periodi storici del tutto diversi. Boswell, per esempio, parla di persone «gay» dall'inizio dell'era cristiana al XIV secolo. Eppure il termine «gay» nel senso persona omosessuale è comparso non prima del periodo tra le due guerre mondiali, nel secolo scorso: come applicarlo a persone vissute centinaia di anni prima? E quando Boswell dice di riferirsi a persone coscienti che l'attrazione erotica che provano per

persone del loro stesso sesso sia un loro tratto distintivo, come è possibile stabilire che ciò che noi oggi consideriamo attrazione erotica sia stata la stessa cosa nel Medioevo? Questa opera di decostruzione del concetto di omosessualità è molto affascinante e offre numerosi ed interessanti spunti di studio. Tuttavia è anche politicamente pericolosa, in quanto decostruendo il concetto omosessualità si rischia di minare lo status di minoranza e i diritti civili raggiunti dai gay e lesbiche solo da poco tempo e in pochi paesi.

L'approccio costruttivista negli studi umanistici gay e lesbici è comunque il dominante da circa venti anni. Un aspetto caratterizzante degli studi gay e lesbici costruttivisti, similmente agli studi femministi, dei quali gli studi gay e lesbici sono diretti discendenti, è l'analizzare le attuali categorie sessuali non come se fossero categorie naturali, incontestabili e non problematiche, ma come frutto di un discorso sociale su cui è possibile discutere. Il primo a porre il problema in questi termini è stato appunto Foucault che vede la storia della sessualità come una storia dei discorsi. La nostra sessualità nasce dal silenzio, dal divieto di parlare di certe cose, dalla censura: è frutto di rapporti di potere. In poche parole Foucault spiega nella *Storia della sessualità* come, dalla prima rivoluzione industriale, il potere statale si sia sempre più interessato al controllo della sessualità del popolo e, apparentemente reprimendola, l'ha resa *il* segreto, il discorso più importante. Foucault prende, in effetti, il concetto moderno d'omosessualità come esempio: per Foucault l'omosessuale inteso come identità nasce insieme ai discorsi medici ottocenteschi che lo diagnosticano e che lo vogliono curare. I discorsi di criminalizzazione e patologizzazione dell'omosessuale sono appunto ciò che crea l'identità dell'omosessuale moderno. La sua esistenza è appunto legittimata dai discorsi, ancorché negativi, su di sé. È sintomatico come il concetto di omosessuale nasca nella storia alcuni decenni prima di quello di eterosessuale.

Anni di repressione hanno portato all'attuale identità gay, che si riconosce come minoranza che deve lottare per i propri diritti. Seguendo la teoria di Foucault potremmo vedere la politica di apparente tolleranza tipicamente italiana intorno all'omosessualità, «a patto che non si veda e non se ne parli», come un'utile strategia discorsiva di contenimento e negazione.

Seguendo queste idee negli ultimi tempi la sessualità viene sempre più vista come qualcosa di costruito, relativo e legato alla cultura.

David Halperin, dell'Università del Michigan, è considerato in questi ultimi anni tra i più importanti studiosi che stanno portando avanti le idee di Foucault nel campo dell'omosessualità. È del 1995 il libro intitolato *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography*, dove Halperin interpreta le idee di Foucault su questo tema: per Foucault l'omosessualità non è uno stato psicologico che

scopriamo, ma un modo di essere che pratichiamo. In pratica Foucault vede l'omosessualità come una possibilità umana, un potenziale presente in noi che ci dà la possibilità di realizzarci, fare delle scelte e creare delle relazioni di tipo nuovo con gli altri.

Un altro concetto importante negli studi gay e lesbici costruttivisti è quello di «eterosessismo», concetto già presente nel saggio del 1985 « *The Straight Mind*», di Monique Wittig. Eterosessismo è presumere l'eterosessualità come la condizione normale e centrale per gli esseri umani, punto di partenza per lo studio di altri tipi di sessualità definiti devianti. Espressione eterosessista è per esempio considerare tutti come eterosessuali fino a che non sia provato il contrario. Un'altra è che la sessualità di un uomo o di una donna sposati e con bambini non viene mai messa in questione, - ma noi possiamo pensare a Oscar Wilde che era sia padre che marito e aveva rapporti sessuali con altri uomini.

Le ultime tendenze in questi studi vengono designate sotto il termine *queer theory*. *Queer* in inglese vuol dire “strano”, ma era ed è anche un termine più o meno denigratorio per designare persone omosessuali. La prima a parlare di teoria queer è stata Teresa de Lauretis, per problematizzare gli studi gay e lesbici, per esempio le differenze tra gay e lesbiche, in poche parole per riportare il focus sulla questione delle differenze. *Queer* è colui che è “un dissidente sessuale”, cioè colui o colei che vive una sessualità fuori dalla norma.

Esponenti importanti della *queer theory* sono Eve Sedgwick, autrice tra l'altro di *Epistemology of the Closet*, pubblicato nel 1990, con studi su testi di Hermann Melville, Oscar Wilde, Henry James e Marcel Proust, e Judith Butler, che oramai viene considerata la portabandiera della teoria *queer*. Di Judith Butler sono state tradotte in italiano ultimamente due delle sue opere più importanti *Scambi di genere; identità, sesso e desiderio (Gender trouble, 1990)* e *Corpi che contano: i limiti discorsivi del “sesso” (Bodies that matter, 1993)*, in cui tratta appunto questi problemi nella costruzione dell'identità sessuale.

I seguaci della *queer theory* criticano alcuni punti dei costruttivisti; innanzitutto l'enfasi di questi sulle differenze diacroniche nel campo della sessualità, cosa che spesso mette in secondo piano le differenze sincroniche esistenti nel mondo in cui viviamo (per esempio nell'attuale dicotomia eterosessuale/omosessuale, dove piazziamo l'individuo transessuale? Oppure la *drag queen* che ha magari una fidanzata di sesso femminile?). L'interesse si sposta quindi dallo studio del passato a quello del presente. La Sedgwick registra due tipi di visione dominanti attualmente intorno all'omosessualità: uno per così dire “minoritario” che confina l'omosessualità ad un numero ristretto di persone chiaramente riconoscibili come omosessuali e un altro “universalista” che vede l'omosessualità come un potenziale umano comune. Un concetto chiave della

queer theory è il vedere l'omosessualità, così come altri modelli di identità, sempre diversa da se stessa. In altre parole l'omosessualità è un'identità senza essenza, impossibile da definire; anzi, ogni tentativo di definizione è da considerarsi come strumentale a una ideologia e potenzialmente reazionario. La *queer theory* ingloba ogni tipo di sessualità, dall'omosessualità alla transessualità fino all'eterosessualità: tutti i tipi di sessualità devono essere considerati per capire il nostro attuale mondo sessualizzato.

Ora, che tipo di rapporto ci può essere tra la letteratura e questi studi?

Per prima cosa si possono utilizzare i testi letterari per comprendere la sessualità nel passato e nel presente e lo studio della sessualità può dare nuove chiavi di lettura della letteratura. Punto di partenza è l'affermazione di Michel Foucault nella *Storia della sessualità* che la sessualità ha un carattere *testuale*, non è frutto di meccanismi biologici, ma si tratta di una costruzione verbale. È chiaro che bisogna distinguere tra sesso biologico e genere sessuale: i sessi biologici sono indubbiamente due: non sono due i generi per la *queer theory*, ma tanti quanti sono le diverse identità sessuali degli esseri umani.

Un esempio di questo tipo di costruzione verbale è stato per esempio mostrato da Nancy Armstrong, docente di letteratura inglese all'Università del Michigan, nel suo libro *Desire and Domestic Fiction: A Political History of the Novel*. Qui la Armstrong ci mostra come certi tipi di romanzi borghesi americani abbiano contribuito nel secolo scorso a creare concetti borghesi nel campo della vita di coppia come «la casa» e «la famiglia» e le sfere d'attività separate per l'uomo e per la donna.

La letteratura poi può mostrarci in questo campo tutta la sua capacità di creare miti e visioni. Monique Wittig, nel saggio intitolato «Trojan horse» afferma che *"it is quite possible for a work of literature to operate as a war machine upon its epoch."* Bruce Smith, docente di letteratura inglese presso l'Università della California del Sud, in *Homosexual Desire in Shakespeare's England* enfatizza gli aspetti «letterari», «poetici» ed «immaginari» dei discorsi intorno alla sessualità. La letteratura fa luce sull'aspetto della sessualità che si basa sul sogno e sulla fantasia e che spesso assorbiamo attraverso la lettura. Spesso, a differenza di altri tipi di discorso, come quello giuridico, medico o sociologico, solo il discorso letterario può dirci qualcosa riguardo la natura dei sentimenti e del desiderio. I testi letterari sono dunque da considerare come fonti e mediatori di visioni «mitiche» e di un repertorio di personaggi, azioni, simboli e temi utilizzati per raffigurare e comprendere le relazioni sentimentali ed erotiche in una data società.

Per concludere, qual è l'utilità e lo scopo di questo tipo di studi? Jeffrey Weeks¹ enuncia cinque motivi che muovono questo tipo di ricerca.

Il primo ritrova la ragione dell'esistenza di studi omosessuali nel riconoscimento del bisogno di imparare a convivere con le differenze e per trovare un modo di risolvere queste differenze in maniera dialettica e democratica. Il secondo motivo è quello politico, che ha radice nell'esigenza di giustizia sessuale nella società moderna occidentale. Il terzo, legato al secondo, è il voler mettere in discussione l'ortodossia sessuale, criticando la normalità (che diventa normativa) eterosessuale, legittimando quella che ormai è diventata un'identità gay, puntando a affermare la validità di scelte di vita omosessuale e attaccando quelle diverse forme di potere che si oppongono a questo tipo di stile di vita.

Il quarto, che secondo me è il punto di vista specifico da utilizzare nel campo della ricerca letteraria, è quello che Weeks definisce «contesting existing knowledge»². L'attività compiuta negli ultimi trenta anni dai ricercatori sull'omosessualità in differenti discipline ha mirato a «trasformare il modo in cui vediamo il mondo»³. Questo ha voluto dire in un primo momento per esempio sfidare idee dominanti nei diversi ambiti scientifici che negavano la presenza dell'omosessualità o che la consideravano una malattia o devianza dalla normalità; per esempio l'atteggiamento della psichiatria che annoverava l'omosessualità tra le malattie mentali, o nello studio della storia, dove spesso l'argomento veniva negletto. Per quanto riguarda la letteratura venivano allora presentate biografie di scrittori omosessuali oppure studiati e analizzati alcuni aspetti omoerotici presenti in opere di autori nei quali questa tematica non era stata considerata oppure era stata deliberatamente nascosta. Infine, come quinto punto, Weeks riconosce come scopo degli studi omosessuali l'apertura di uno spazio, uno spazio per il dibattito, per l'analisi, per negoziare, a volte per litigare e per trovare una causa comune.

La situazione nell'italianistica

Ora, questa serie di tesi sono state solo in parte recepite in Italia. È sintomatico come nelle Università italiane siano soprattutto i dipartimenti di lingue straniere (soprattutto le sezioni di anglo-americano) a portare avanti questo tipo di studi. Abbiamo tradotto il termine inglese *Gay and Lesbian Studies* con «studi gay e

¹ Jeffrey Weeks, «The Challenge of Lesbian and Gay Studies», in *Lesbian and gay studies*, op.cit., pp. 1-13

² J. Weeks, op.cit. p.7.

³ *ibid.*p.7.

lesbici»; tuttavia, spesso in Italia il termine non viene affatto tradotto. Marco Pustianaz, docente di letteratura inglese presso l'Università di Vercelli, parla di un «buco bianco» nel campo degli studi gay e lesbici in Italia. In un suo articolo tratto da una conferenza svoltasi in Germania nel 1999 sugli studi gay e lesbici intitolato appunto «*The "white hole" of gay studies in Italy*»⁴ Pustianaz registra l'assoluta mancanza di questo tipo di studi nelle Università italiane e elenca i motivi che, secondo lui, hanno inibito e tuttora inibiscono lo sviluppo di tali studi. Il primo è dovuto alla persistente e invisibilità dell'omosessualità nella società italiana e la sua resistenza a un'identità gay non nascosta. Questa invisibilità è sì tratta di un'invisibilità relativa, in quanto l'omosessualità maschile è chiaramente presente nella società italiana, ma non è oggetto di discussione. Si può essere visibilmente gay ma senza assumere l'identità. Questo tipo di atteggiamento è altamente condiviso da gran parte della popolazione omosessuale italiana. Un secondo motivo è la resistenza ad ogni tipo di teorizzazione di politiche della differenza da parte dei movimenti gay e lesbici italiani. Ciò si deve, secondo Pustianaz, agli stessi movimenti di liberazione omosessuali italiani che, dopo un avvio radicale nei primi anni '70, hanno seguito politiche di assimilazione e di omologazione culturale, tenendo sempre un basso profilo. Cercando di rimanere nella «normalità» e lottando per ottenere gli stessi diritti del resto della popolazione non viene vista l'utilità di studi che si basano su una cultura delle differenze. Un terzo motivo è la mancanza di una tradizione di collaborazione interdisciplinare tipica del mondo accademico italiano, quando invece gli studi gay e lesbici si basano appunto su questa interdisciplinarietà. Un quarto momento è la mancanza di una richiesta esplicita di questo tipo di studi da parte di studenti gay e lesbici. In quasi nessuna Università italiana esistono organizzazioni di studenti omosessuali. Pustianaz sente la mancanza di un *feedback* e di un dialogo necessari per mantenere vivi questi studi. Il problema è che solo pochissimi studenti gay sono disposti ad identificarsi come tali. Come ultimo motivo, Pustianaz imputa alle politiche di reclutamento dello staff accademico nelle Università italiane, che, secondo lui, hanno sistematicamente bloccato ogni accesso a ricercatori impegnati nel campo degli studi gay e lesbici.

Nella seconda parte del suo articolo Pustianaz riassume quel poco che si è fatto nelle Università italiane nel campo degli studi gay e lesbici. La maggior parte delle tesi di laurea e di dottorato che hanno avuto come tema l'omosessualità sono tesi in sociologia e psicologia. Si tratta spesso di tesi con

⁴ Pustianaz M.. «*The "white hole" of gay studies in Italy*», in <http://stadt.gay-web.de/fluss/konferenz/pustianaz.html>

enfasi su analisi quantitative e ricerche sul territorio. Questi tipi di lavori non sembrano trovare però sbocco per quanto riguarda l'insegnamento stesso o l'introduzione di nuovi programmi. Non è possibile considerare questi tipi di ricerche come lavori nell'ambito degli studi gay e lesbici essendo qui l'omosessualità solo oggetto di studio. Più frequente è la collaborazione tra le Università e organizzazioni omosessuali, come è successo a Bologna. Qui nel 1995 il Centro Culturale Il Cassero, la sede nazionale dell'organizzazione Arcigay, ha iniziato una serie di seminari sotto il nome Libera Università Omosessuale. Alcuni docenti dell'Università di Bologna hanno collaborato a questi seminari e l'Università stessa ha sponsorizzato alcuni corsi, senza però provvedere a nessun tipo di supporto pratico o economico. L'Università di Napoli ha un dottorato in *Gender studies* e un altro programma di *Gender studies* è stato proposto a Roma. Tuttavia *Gender studies* è in Italia spesso sinonimo di *Women studies* e i campi che trattano il genere, la sessualità e la politica delle differenze sono spesso negletti.

Se vediamo all'italianistica svolta fuori dai confini nazionali sono soprattutto le Università inglesi, prima fra tutte quella di Bristol, dove si hanno studiosi interessati a questo tipo di studi: Derek Duncan, docente di italiano presso questa università, ha un corso a livello master sull'Italia del Novecento dal titolo *Reading Gender in Modern Italian Fiction and Film* e ha pubblicato diversi articoli sul genere e l'identità sessuale nella società e nella letteratura italiane. È da poco uscito un suo libro intitolato *Reading and writing italian homosexuality* che tratta della costruzione di un'identità omosessuale maschile in testi differenti del ventesimo secolo, esplorando questa come sia strettamente legata a tutta una serie di altri indicatori di differenza culturale come per esempio la razza e l'identità nazionale, - un altro tema di cui si occupa Duncan è quello del postcolonialismo. Sempre in Inghilterra presso l'Università di Birmingham abbiamo Charlotte Ross che si occupa di studi gay e lesbici applicati all'italianistica e ha tra l'altro pubblicato su *Italica* un interessante articolo sul film e il racconto *Benzina* partendo dal concetto di *habitus* in Pierre Bourdieu. Studiosi italiani che operano presso università inglesi hanno anche pubblicato articoli che trattano del tema omosessualità e letteratura, - Luca Prono su Pier Vittorio Tondelli, che contesta la "santificazione" postuma dello scrittore correggese da parte di molta critica italiana, e Luca Baldoni e Massimiliano Jattoni che, partendo dalla poesia di Umberto Saba, postulano una vena d'ispirazione omoerotica che percorre molta della lirica italiana del Novecento.

Negli Stati Uniti è stata pubblicata nel 2004 la raccolta di saggi intitolata *Queer Italia: Same-Sex Desire in Italian Literature and Film*, curata da Gary Cestaro, professore d'italiano presso la DePaul University di Chicago,

contenente saggi su testi che spaziano dall'Italia medioevale fino ai nostri giorni, creando una sorta di canone queer nella storia della letteratura italiana.

Un evento importante per quel che riguarda la visibilità dell'omosessualità in Italia, uscendo dal mondo accademico e entrando nella vita di tutti i giorni, è stata la celebrazione del *World Gay Pride*, la settimana dell'orgoglio omosessuale, nel luglio del 2000 a Roma, proprio durante le celebrazioni dell'Anno Santo. Da allora sembra che l'argomento omosessualità sia trattato in maniera più aperta dai mass media e dalla gente in generale. Già dagli anni '90 sono stati pubblicati numerosi romanzi e antologie di giovani scrittori, come Matteo B. Bianchi, *Generations of Love*, pubblicato 1999, Andrea Mancinelli, *Solitudini imperfette*, del 1998, Marco Mancassola, *Il mondo senza di me*, del 1999, Omar Cerchierini, *Il sacrificio dell'istrice*, del 2001, Andrea Demarchi, *I fuochi di San Giovanni*, del 2001, o Gilberto Seve rini, con vari romanzi, che tuttavia fa parte della generazione precedente, tutti libri questi che hanno come tema principale l'omosessualità. C'è e c'è stata una tale proliferazione di libri su questo tema che il critico Roberto Carnero, in un articolo sull'Unità nel 2001 parla di un "gay pride" degli editori italiani mentre Daniele Scalise, giornalista e curatore delle raccolte di racconti gay *Men on men* nota "che l'amore che una volta non osava dire il suo nome ora non vuole più chiudere il becco".

Si tratta questa una nuova tendenza nella giovane letteratura italiana, una tendenza indubbiamente iniziata da Pier Vittorio Tondelli che potrebbe o non potrebbe rispecchiare un lento ma inesorabile cambiamento socioculturale in Italia, una lenta trasformazione nella percezione dell'identità sessuale nelle nuove generazioni di italiani. Nel 2000, l'anno del *World Pride*, è stato anche pubblicato un volume sulla letteratura italiana del Novecento da Francesco Guerre, - che tra l'altro ha tenuto dei corsi su *gay and lesbian studies* presso l'Università di Roma Tre, all'interno di un corso di sociologia della letteratura, che tratta dell'omosessualità appunto in questo periodo della letteratura italiana. Il libro, intitolato *L'eroe negato. Omosessualità e letteratura nel Novecento italiano*, analizza l'opera di importanti scrittori italiani come Umberto Saba e scrittori degli anni '90 e cerca di presentare le strategie che tanti di loro hanno utilizzato per trattare un tema come quello dell'omosessualità in un contesto come quello italiano dove l'argomento era ed è, in un certo modo, tutt'ora tabù. Sullo stesso tema è stato pubblicato nel 2002 da Claudio Gargano presso gli editori Riuniti il libro dal titolo *Ernesto e gli altri. L'omosessualità nella narrativa italiana del Novecento*. Un altro testo importante è stato pubblicato nel 2004 da Tommaso Giartosio, scrittore e collaboratore tra le altre cose della rivista "Nuovi argomenti", intitolato *Perché non possiamo non dirci: letteratura, omosessualità, mondo*. In forma di dialogo, un po' come il *Corydon* di

Gide, il libro di Giartosio, tratta della situazione delle persone omosessuali oggi in Italia. Presenta al pubblico italiano le ultime correnti teoriche nei *gay and lesbian studies*, parla di politica, e parla anche di letteratura, dell' *Ernesto* di Saba e di Bassani e anche di Primo Levi e Marcel Proust. Giartosio fa anche un'interessantissima lettura del canto XV dell' *Inferno*, che problematizza le strategie utilizzate da Dante per trattare del suo incontro in qualche modo "scomodo" con il suo maestro omosessuale Brunetto Latini.

Giartosio parla di letteratura omosessuale, scrittura omosessuale e tenta anche di dare una definizione di che cosa sia la letteratura gay: la letteratura gay sarebbe per lui una "selezione di opere letterarie che pongono domande etiche sull'omosessualità."

Gnerre invece nell'*Eroe negato* dichiara che scrittura non è né eterosessuale né omosessuale, così come definire uno scrittore «omosessuale» è un'etichetta frutto di razzismo antiomosessuale. Cita Aldo Busi, che vede piuttosto la diversità insita nell'essere scrittori, piuttosto che nell'inclinazione sessuale. Cita anche Dominique Fernandez che, a proposito di un suo romanzo a tematica gay, si chiede perché dovrebbe essere classificato come «romanzo gay», quando *Madame Bovary* o *Anna Karenina* non sono certo descritti come «romanzi eterosessuali». Si è d'accordo però con Gnerre sul fatto che:

l'omosessualità potrebbe (o dovrebbe) essere considerata una componente fra le altre di uno scrittore, ma quando si vive in un contesto culturale in cui non è contemplato altro modello sessuale se non quello eterosessuale, in cui si attua con successo la più feroce forma di repressione di ogni altro comportamento mediante il silenzio, l'omosessuale inevitabilmente vive la propria diversità con particolare intensità e deve faticare, più degli altri, a costruirsi una propria identità. Se questo è vero per le persone comuni, è vero ancora di più per gli scrittori, la cui diversità molto spesso è l'elemento più importante della loro vita e, spesso, della loro produzione letteraria.⁵

Per concludere, e parlando da una prospettiva norvegese, sembra chiaro come su questo argomento ci sia ancora molto da scrivere e da fare, nel campo della ricerca letteraria ma soprattutto nella società italiana in generale.

Bibliografia essenziale

Baldoni, L. 2005: «'Un vecchio amava un ragazzo': homoeroticism in Umberto Saba's late poetry», *Italian Studies*, Volume 60, Number 2, Autumn 2005.

⁵ Francesco Gnerre, *L'eroe negato. Omosessualità e letteratura nel Novecento italiano*, Baldini e Castoldi, Milano, 2000, p. 37.

- Bianchi, M.B. 1999: *Generations of Love*. Milano, Baldini & Castoldi.
- Butler, J. 2004 (1990): *Scambi di genere*. Milano, Rizzoli.
- Butler, J. 1996 (1993): *Corpi che contano*. Milano, Feltrinelli.
- Cerchierini, O. 2001: *Il sacrificio dell'istrice*. Milano, Rizzoli.
- Certaro, G. (ed.) 2004: *Queer Italia: Same-Sex Desire in Italian Literature and Film*.
- Demarchi, A. 2001: *I fuochi di San Giovanni*. Milano, Rizzoli.
- Duncan, D. 1995: «Italian Literature», *The gay and lesbian literary heritage*. New York, Henry Holt.
- Duncan, D. 2004: *Reading and writing Italian Homosexuality*. Aldershot, Ashgate.
- Gargano, C. 2002: *Ernesto e gli altri. L'omosessualità nella narrativa italiana del Novecento*. Milano, Editori Riuniti.
- Giartosio, T. 2004: *Perché non possiamo non dirci. Letteratura, omosessualità, mondo*. Milano, Feltrinelli.
- Guerre, F. 2000: *L'eroe negato*. Milano, Baldini & Castoldi.
- Jattoni, M. 2004: «Gli umani amori: La tematica omoerotica nell'opera di Umberto Saba», *The Italianist*, 24, 31-45.
- Mancinelli, A. 1998: *Solitudini imperfette*. Ancona, PeQuod.
- Mancassola, M. 1999: *Il mondo senza di me*. Ancona, PeQuod.
- Ross, C. 2004: «Queering the Habitus: lesbian identity in Stancanelli's Benzina», *Romance Studies*, Vol. 22 (3), Novembre 2004.
- Prono, L. 2000: «A Different Pier: Re-Writing Homosexuality into Pier Vittorio Tondelli», in: *International Journal of Sexuality and Gender Studies*, Vol. 5, No. 4, 2000, pp. 295-310.
- Pustianaz, M.: «The "white hole" of gay studies in Italy», in <http://stadt.gay-web.de/fluss/konferenz/pustianaz.html>
- Pustianaz, M.: «studi queer», in www.culturalstudies.it
- Scalise, D. (a cura di) 2002: *Men on men, antologia di racconti gay*. Milano, Mondadori.
- Scalise, D. (a cura di) 2003: *Men on men 2*. Milano, Mondadori.
- Scalise, D. (a cura di) 2004: *Men on men 3*. Milano, Mondadori.
- Scalise, D. (a cura di) 2005: *Men on men 4*. Milano, Mondadori.
- Gilberto Severini, G. 2004: *La sartoria*. Ancona, PeQuod.

Weeks, J. 2000: «The Challenge of Lesbian and Gay Studies», in *Lesbian and gay studies*. London, Sage.

Wittig, M. 1992: *The straight mind and other essay*. Boston, Mass, Beacon Press.

FRANSK PROSA NÅ – BERETNING FRA ET NYTT FORSKNINGS- FELT

Elin Beate Tobiassen

Hva rører seg i fransk prosaskrift i dag? Hvilke retninger beveger den seg i? Hvilke tendenser har utkrystallisert seg i kjølvannet av de eksperimentelle 1950-70-årene, som hovedsakelig var dominert av nyromanen, den nye nyromanen og *Tel Quel*? Takket være det siste tiårets iherdige forskningsinnsats på området er vi i dag i stand til å påvise klare linjer i et samtidslitterært landskap som lenge var svært utydelig. I denne artikkelen vil jeg innledningsvis beskrive selve fremarbeidelsen av dette nye forskningsfeltet. Vel vitende om at en etikett alltid bare vil være et overflatefenomen, «noe vi fester utenpå»¹, vil jeg i den forbindelse først ta opp til drøftelse hvilke betegnelser nyere fransk litteratur er blitt forsøkt definert og karakterisert ved. Her kommer jeg til å reflektere litt nærmere over merkelapper som for eksempel «ny fiksjon» og «ny realisme». Er dette kurante benevnelser når vi befatter oss med en litteratur som faktisk ikke lenger har som hovedsiktemål å erobre nye fronter? Og hva med betegnelser som «postmodernisme» og «minimalisme»? Evner disse å innfange vesentlige estetiske trekk ved hele eller deler av dagens franske prosakunst? Eller er det snarere slik at det litterære domenet det her dreier seg om, fremstår som så pluriformt og uensartet at det – i hvert fall foreløpig – ikke kan benevnes på noen annen måte enn gjennom den nøytrale samlebetegnelsen «samtidslitteratur»? Dernest vil jeg gi en oversikt over de vesentligste litteraturkritiske arbeider som er blitt publisert om den franske nåtidslitteraturen. Den internasjonale forskningsbibliografien om emnet er pr. i dag betydelig, noe som vitner om at det er slutt på de tider da universitetet – det franske i særdeleshet – vesentlig var et konservatorium hvor kun døde og kanoniserte forfattere ble funnet et studium verdig. Enkelte mer populærvitenskapelige arbeider har endatil opplevd en viss suksess både i Frankrike og utenfor landets grenser – det gjelder ikke minst, som vi skal se, det polemiske essayet *La Littérature sans estomac*² utgitt i 2002 av litteraturprofessor Pierre Jourde. Endelig vil jeg i foreliggende arbeid konkret belyse og eksemplifisere enkelte

¹ Karin Holter, *Tekst og virkelighet. Åpninger i Claude Simons romaner*, Oslo, Universitetsforlaget, «Studia humaniora», 1, s. 1.

² Paris, Editions L'Esprit des Péninsules, 2002.

markante tendenser eller utviklingslinjer som har avtegnet seg i fransk prosa fra slutten av 1970-/begynnelsen av 1980-årene.

Nytt på nytt?

Flere av de merkelapper som er blitt foreslått som benevnelse for særlig fremtredende trekk i fransk nåtidslitteratur, fokuserer på relasjonen mellom kunst og nyskaping. I tråd med 1950- og 60-talls-etiketten «nyroman» finnes det i dag forfattere som sies å være eksponenter for en «ny fiksjon»³, andre for en «ny realisme»⁴, mens en rekke poeter identifiseres med en «ny lyrikk».⁵ Det er her snakk om lite karakteriserende etiketter som i likhet med betegnelsen «nyroman», sier svært lite om hva som egentlig er «nytt» med den aktuelle fiksjonen, realismen eller lyrikken. Som Dominique Viart har påpekt⁶, viser litteraturkritikken dessuten ved å smi slike begreper⁷ at den har problemer med å løsrive seg fra et grunnleggende tankeskjema som litteraturen selv, på sin side, i dag er i ferd med å forlate. Dette tanke skjemaet har Historien som forbilde. Til tross for strukturalismens bestrebelser fortsetter litteraturen å bli betraktet – og undervist – innenfor rammen av en «litteraturhistorie». Litteraturens ulike tilstander (bevegelser, estetiske uttrykk, perioder) domineres av en lineær og kronologisk bevissthet som leder oss fra Renessansen til Klassisismen, fra Opplysningstiden til Romantikken, fra Realismen og Symbolismen til Avantgardismen, og så videre. Dette er et skjema som opprettholdes, på tross av kritikken som gjentatte ganger er blitt rettet mot det. Vi fortsetter å betrakte litteraturen som en «stor fortelling». Modernitetens diskurs har forsterket denne logikken ytterligere ved å fremheve fremskrittstanken og den estetiske ideologien om «det nye»; innenfor modernitetens rammeverk definerer hver generasjon seg som forskjellig fra den som gikk forut, hvilket fremelsker en

³ Den «nye fiksjonen» står i et ironisk opposisjonsforhold til nyromanen og vil gjenopplive gleden ved fortellingen. Se for eksempel Jean-Luc Moreau, *La Nouvelle Fiction*, Paris, Editions Critérion, 1992, Frédérick Tristan, *Fiction ma liberté*, Paris, Editions du Rocher, 1996 og Marc Petit, *Eloge de la fiction*, Paris, Editions Fayard, 1999.

⁴ Realismens status i nyere fransk prosa vil bli diskutert senere i denne artikkelen.

⁵ Den «nye lyrikken» gir en følelseladd poeti frie tøyler. Jf. Jean-Paul Maulpoix, *La Voix d'Orphée* og *Du lyrisme*, Paris, Editions José Corti henholdsvis 1989 og 2000, samt Jean-Claude Pinson, *Habiter en poète*, Paris, Editions Champ Vallon, 1995.

⁶ Dominique Viart, «Le moment critique de la littérature: comment penser la littérature contemporaine?», in: Bruno Blanckeman, Jean-Christophe Millois (red.), *Le Roman français aujourd'hui: transformations, perceptions, mythologies*, Paris, Editions Prétexte, 2004, s. 11-35.

⁷ Det dreier seg her nettopp om kritikerlanserte etiketter, men unntak av merkelappen «ny fiksjon».

bruddpraksis⁸ som det er om å gjøre å *navngi*. Slutten av det 19. århundret og store deler av det 20. formelig druknet jo i terminologiske nydannelser på ulike områder, med «nytt teater», «ny film», «ny filosofi», «ny roman» (til overmål etterfulgt av Jean Ricardous «nye roman»), og «nytt kjøkken» for den saks skyld. Dagens franske forfattere har frigjort seg både fra slike begrepsdannelser og 'make it new'-tanken som sådan; merkelappene preller av dem som vann på gåsa, og deres skapende utgangspunkt er ikke å skulle fornye ved å bryte med tidligere uttrykksformer, men snarere å arbeide videre ut fra det kulturen og tenkningen har gitt dem i arv. Konfrontasjons- og bruddprinsippet er borte⁹; forfatterne definerer ikke lenger antagonistiske posisjoner, og modernitetens dikotomiske tankesett (gamelt kontra nytt, tradisjon versus reform) synes dermed å ha mistet sin relevans.

En «postmoderne» litteratur?

En annen betegnelse som i utgangspunktet kunne vært dekkende for fransk prosa av i dag, er termen «postmoderne» litteratur. Begrepet går ofte igjen i kritiske arbeider om samtidsprosaen¹⁰, hvor forskerne gjerne enes om ett punkt: Postmoderniteten markerer slutten på et teleologisk historiesyn – den har som Antoine Compagnon uttrykker det gitt avkall på den historiske illusjonen.¹¹ I motsetning til modernitetens ideologier som hadde sitt grunnlag i en fremskritt- og innovasjonslogikk (uttrykket «nyroman» er i så måte talende), skriver

⁸ Jf. i den forbindelse nyromanen som helt fra starten av ble oppfattet – og oppfattet seg selv – som et bevisst brudd både med gamle former og med den visjon av verden og menneskets plass i verden som disse impliserer.

⁹ Ifølge Jochen Mecke bryter den franske samtidslitteraturen med bruddtanken: «For det dreier seg overhodet ikke om et brudd med visse litterære teknikker, en foreldet estetikk eller konstruksjonsprinsipper som ikke lenger kan brukes [...], men om et brudd med selve bruddprinsippet, eller med motivene for et slikt brudd». Jochen Mecke, «Le roman nouveau : pour une esthétique du roman», Dominique Viart (red.), *Der zeitgenössische französische Roman*, Revue *Lendemains*, Tübingen, Stauffenburg Verlag, nr. 107/108, 2002, p. 99. Min oversettelse.

¹⁰ Jf. for eksempel følgende studier: John Barth, «La littérature du renouvellement», *Poétique*, nr. 48, 1981; Régis Durand, «L'activité postmoderniste», *Roman*, nr. 5, 1983; A. Kibedi-Varga, «Le récit postmoderne», *Littérature*, nr. 77, 1990; Anne Cousseau, «Postmodernité : du retour au récit à la tentation romanesque», in : Marc Dambre (red.), *Vers une cartographie du roman français contemporain*, Cahiers du CERACC, Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, nr. 1, mai 2002.

¹¹ Antoine Compagnon, *Les cinq paradoxes de la modernité*, Paris, Editions du Seuil, 1990, s. 164.

postmoderniteten seg inn i en destruktureert tid blottet for frem tidsperspektiver, kontinuitet og mening.¹²

Bruken av begrepet «postmodernitet» er imidlertid kontroversiell og diskutabel, ikke minst innen litteraturvitenskapen hvor dens pertinens er trukket i tvil av blant annet Marc Chénétier, Charles Newman og Henri Meschonnic.¹³ Det skyldes at mens termen anvendt på filosofien og arkitekturens områder er knyttet til relativt klare karakteristika, er appliseringen av den på det litteraturvitenskapelige feltet uten tvil overordentlig sprikende. For det første er selve dateringen av den litterære «postmoderniteten» upresis og motstridende: Enkelte kritikere går så langt tilbake som til Sade, Diderot og Montaigne, mens andre situerer overgangen fra modernitet til postmodernitet rundt 1968.¹⁴ For det annet hersker det liten konsensus om hvordan begrepet «postmodernitet» skal defineres. Hver enkelt kritiker opererer gjerne med vidt forskjellige og ofte motstridende kriterier i sin oppfatning av termen, og det er dermed vanskelig å få noen klar forståelse av uttrykkets betydning og hvilke tendenser i litteraturen det egentlig dekker. Kort sagt tegner det seg et broget bilde straks man stiller spørsmålet om litteraturens «postmodernitet». Jeg skal ikke her gå dypere inn i denne komplekse diskusjonen, men bare konkludere med at slik det i dag sirkulerer i artikler og teoretiske verker, er begrepet neppe særlig operasjonelt.

«Minimalisme»

Andre etiketter som gjerne brukes i litteraturkritiske arbeider om fransk nåtidslitteratur, er merkelapper som «selvfiksjon» (*autofiction*), «lidenskapsløs skrift» (*écriture impassible*), «hvit skrift» (*écriture blanche*) og «minimalisme» (*minimalisme*). Termene betegner et genremessig spill, et toneleie eller en stil som særpreger ulike deler av den franske samtidsestetikken.

Enkelte av disse begrepene kan man unektelig stille spørsmål ved. Det gjelder i første rekke termen «minimalisme». På det narrative området betegner den oftest fiksjoner utgitt på Jérôme Lindons forlag i kjølvannet av nyromansen, gjerne kalt «den nye Minuit-skolen».¹⁵ Den minimalistiske linjen avtegnet seg nærmere bestemt i det litterære landskapet på midten av 1980-tallet gjennom Minuit-forfattere som Jean-Philippe Toussaint, Christian Oster og Christian

¹² Jf. Anne Cousseau, *op. cit.*

¹³ Se for eksempel Henri Meschonnic, *Modernité, modernité*, Paris, Editions Verdier, 1988.

¹⁴ Jf. A. Kibedi-Varga, *op. cit.* I sitt verk *La Condition postmoderne*, situerer Jean-François Lyotard postmoderniteten rundt 1950.

¹⁵ Innen lyrikken bruker imidlertid enkelte kritikere begrepet «minimalisme» i forbindelse med Jean Daive og Claude Royet-Journauds svært konsentrerte, konseptuelle poesi.

Gailly. Ifølge Bruno Blanckeman består den minimalistiske praksis blant annet i å holde fantasien «i stramme, jansenistiske tøyer»¹⁶; narrasjonen skjæres helt inn til benet, i tråd med minimalismens generelle bestrebelser på å skape en naken fiksjon, hvor en ekstrem oppmerksomhet rettet mot tilsynelatende ubetydelige detaljer tenderer mot å trenge vekk tekstens episke og emosjonelle dimensjon. Blanckemans definisjon av Oster og Gailly som stadig minimalistiske forfattere *i dag*, nesten tyve år etter, kan imidlertid diskuteres ved å peke på at nevnte forfatters nyere tekster sterkt motsier de estetiske prinsipper denne og andre kritikere fremhever som fellestrekk ved minimalismen. Applisert på disse tekstene synes merkelappen «minimalisme» kort sagt inadekvat. Man kan med andre ord spørre: Er det fortsatt pertinent å betrakte forfattere som Oster og Gailly som representanter for en «minimalistisk» linje i dagens franske prosa?

Ser man nærmere på Christian Gaillys forfatterskap, viser det seg uvegerlig at skjønt Gailly i sine tidlige bøker ganske riktig kan sies å praktisere en skrivemåte som er i overensstemmelse med minimalismens generelle prinsipper, skjer det utover i forfatterskapet en stadig større dreining bort fra minimalismens estetikk over til en rom anform som både er episk og følelsesladet. Dette eksemplet gir en vesentlig påminnelse til enhver forsker som beskjeftiger seg med kontemporær litteratur: Samtidslitteraturen representerer et korpus i ustanselig bevegelse og forandring, og de estetiske former som særpreget 1980- og 90-tallet, har i dag kanskje utviklet seg i helt andre retninger.¹⁷ Det er derfor viktig at den teoretiske, klassifiserende og konseptualiserende diskursen omkring den kontemporære litteraturen kontinuerlig justeres og tilpasses nåtidskorpusets evolutive karakter.

«Samtidslitteraturen»

De forskjellige klassifiseringer som er blitt gjort for å kartlegge nåtidslitteraturen generelt eller mer spesielt dens ulike uttrykksformer, investeringsområder og intensjoner, det være seg «postmoderne litteratur», «selfiksjon», «minimalisme» eller andre som jeg av plasshensyn ikke har kunnet omtale, viser seg altså ofte å være problematiske. Hva så med samlebetegnelsen

¹⁶ Bruno Blanckeman, *Les Fictions singulières. Etude sur le roman français contemporain*, Editions Prétexte, 2002, s. 66.

¹⁷ Som Dominique Viart påpeker, har fransk samtidslitteratur fra 1980 og frem til i dag gjennomgått en intern utvikling. Jf. Dominique Viart, « Les mutations esthétiques du roman contemporain français », Dominique Viart (red.), *Der zeitgenössische französische Roman*, Revue *Lendemains*, op. cit., s. 12.

«samtidslitteratur»? Mange forskere velger å bruke denne fordi den har fordelene av å være nøytral. Det er et syn jeg vil slutte meg til, samtidig som det bør understrekes at termen «samtidslitteratur» temporalt sett er svært flytende. Den betegner nåtiden, men hvilket 'nå'? For å kunne svare på dette spørsmålet, er vi nødt til å periodisere på samme måte som når vi studerer litteratur fra tidligere århundrer. Og for å kunne gjøre det, må vi identifisere den perioden vi befinner oss i, noe som kun er mulig ved å betegnede det øyeblikk hvor denne perioden startet, altså det tidspunkt hvor litteraturen begynte å skille seg vesentlig fra den umiddelbart forutgående perioden.

Et slikt skille avtegner seg i fransk litteraturproduksjon fra og med slutten av 1970-/begynnelsen av 1980-årene: Fra dette øyeblikk av går prosaen gjennom dyptgripende endringer. Når disse forandringene lenge fremstod som vanskelig identifiserbare, skyldtes det at nåtidsforfatterne hadde – og fortsatt har – en lite konseptualiserende holdning til sin produksjon, til forskjell fra tidligere tiår da teorier og manifestasjoner på ingen måte var noen mangelvare: Nathalie Sarraute skrev for eksempel *Mistankens tidsalder* og Alain Robbe-Grillet *For en ny roman*, og kritikere og forskere kunne dermed forholde seg til klart definerte bevegelser eller skoler: Nyromanen, den nye nyromanen, Tel Quel, den såkalte kvinnelitteraturen med Monique Wittig i spissen, for å nevne noen. Fransk litteratur er i dag blottet for slike teorier, manifestasjoner og skoler. Noen vil kanskje innvende at den «nye fiksjonen», den «nye lyrikken» og den såkalte «Brive-skolen»¹⁸ er eksempler på det motsatte. Det er ikke riktig, idet det her er snakk om svært løst sammensatte størrelser uten sammenligning med bevegelser som nyromanen og Tel Quel, noe Jean-Luc Moreau – den «nye fiksjonens» anfører – slår fast i sitt forord til boken *La Nouvelle Fiction*:

Dreier det seg her om en bevegelse, en skole, en strømning, en klan eller noe i den retningen? Overhodet ikke. Det ville ha forutsatt en teori, i det minste noen bestemte prinsipper, et slags program. Men det er på ingen måte tilfelle [...].¹⁹

Den litterære samtidsproduksjonen fremstår unektelig som særdeles oppstykket, eller «atomisert» som Pierre Jourde uttrykker det²⁰, noe flere forskere og kritikere har tatt konsekvensen av ved ikke lenger å bestrebe seg på å navngi

¹⁸ Den såkalte «Ecole de Brive» (en kritikerlansert etikett) er en suksessrik forfattergruppe som på begynnelsen av 1980-tallet begynte å skrive i forlengelsen av den folkelige romanen fra det 19. århundret. De skildrer provinslivet og vekker til liv historier fra fortiden.

¹⁹ Jean-Luc Moreau, *La Nouvelle fiction*, op. cit.. Min oversettelse.

²⁰ Pierre Jourde, *La littérature sans estomac*, op. cit., p. 13.

litterære retninger eller skoler, men i stedet analysere og sammenligne «skriftterritorier» eller «-terrenger» innenfor rammen av en bestemt hovedlinje eller -tendens.²¹ Den franske nåtidslitteraturen representerer avgjort et mangeartet og individualistisk felt, hvor hver enkelt forfatter utforsker sitt spesielle domene.

Kritikk og polemikk

Den virtuose tekstanalytiker Jean-Pierre Richard konstaterer dette spredte mangfoldet allerede i tittelen på én av sine mange bøker om fransk samtidslitteratur, *Terrains de lecture* (Leseterrenger).²² Når jeg velger å innlede min oversikt over de vesentligste litteraturkritiske arbeider som er blitt publisert om nåtidslitteraturen, nettopp med Richard, skyldes det at han er en av de viktigste pionérene bak fremarbeidelsen av dette nye forskningsfeltet. I perioden 1990-2002 har han utgitt fire omfattende essaysamlinger viet nyere franske forfatterskap.²³ Jean-Pierre Richard inntar dessuten en særstilling blant forskerne fordi han har en meget tekstnær tilnærming til det korpus han studerer. Kun unntaksvis gjør han forsøk på å konseptualisere hovedtendenser i samtidslitteraturen ut fra enkeltverk eller forfatterskap; han begrenser seg stort sett til å lese dem og utforme det Atle Kittang har kalt interpretative «fortellinger».²⁴

Samme år som Jean-Pierre Richard utgav sin første bok om fransk samtidslitteratur, *L'Etat des choses*, publiserte Claude Prévost og Jean-Claude Lebrun i fellesskap *Nouveaux territoires romanesques*. Disse to bøkene er så godt som de eneste som utkom om fransk nåtidsprosa i denne perioden. Enkelte tidsskrifter – blant annet *Autrement*²⁵, *La Quinzaine littéraire*²⁶, *L'Infini*²⁷ og det italienske

²¹ Begrepet «skriftterritorium» ble smidd av forfatteren og kritikeren Alain Nadaud i et temanummer av tidsskriftet *L'Infini* i sin helhet viet fransk samtidslitteratur: «Où en est la littérature?», *L'Infini*, nr. 19, 1987. Tre år senere ble begrepet gjenopptatt av Claude Prévost og Jean-Claude Lebrun i deres bok *Nouveaux territoires romanesques*, Paris, Editions Messidor, 1990.

²² Paris, Editions Gallimard, 1996.

²³ Foruten nevnte *Terrains de lecture* er disse som følger: *L'Etat des choses*, Paris, Editions Gallimard, 1990; *Essais de critique buissonnière*, Paris, Editions Gallimard, 1999; *Quatre lectures*, Paris, Editions Fayard, 2002. Se også Pierre Jourdes' rosende omtale av Jean-Pierre Richards lesekunst i *La Littérature sans estomac*, *op. cit.*, s. 311-328.

²⁴ Kittang, Linneberg, Melberg, Skei, *Moderne litteraturteori*, Oslo, Universitetsforlaget, 1993, s. 32.

²⁵ «Ecrire aujourd'hui», *Autrement*, nr. 69, 1985.

²⁶ «Où va la littérature française?», *La Quinzaine littéraire*, nr. 532, 1989.

²⁷ «Où en est la littérature?», *L'Infini*, *op. cit.*

*Nuovi Argomenti*²⁸ – forsøkte dessuten å innsirkle hva som rørte seg i samtidslitteraturen, og et seminar om emnet ble avviklet ved universitetet Paris VII²⁹. Avisenes litteraturbilag kom menterte selvsagt også regelmessig den nye litteraturen som kom ut. Men i det store og det hele var det temmelig stille om samtidslitteraturen på 1980- og begynnelsen av 1990-tallet. Hvor ble det på dette tidspunktet av talentfulle analytikere og teoretikere som Bernard Pingaud og Ludovic Janvier, som med så stor interesse og på så utmerket vis hadde skrevet om de foregående tiårenes nyskapende figurer? Det skyldes hovedsaklig, som D. Viart har bemerket³⁰, at produksjonen av eksperimentallprosa avtok betraktelig ved begynnelsen av 1980-årene. Et ikke ubetydelig antall franske samtidsforfattere inntok på det tidspunktet en avvisende og tildels fiendtlig holdning til 'det moderne', som dermed ble jaget bort fra toppen av det litterære hierarkiet til fordel for mer 'leselige' tekster.³¹ Ettersom Pingaud, Janvier og andre anerkjente kritikere nettopp var rettet mot det eksperimentelle uttrykket, vendte de seg heller bort fra samtidslitteraturen, for i stedet å konsentrere seg om sin egen skapende aktivitet eller andre forskningsområder.

Fra midten av 1990-tallet har imidlertid interessen for fransk samtidslitteratur øket sterkt. Ved utenlandske forskningsinstitusjoner, deriblant de skandinaviske, har det vært stor aktivitet på feltet, og en rekke internasjonale arbeider er utkommet som et resultat av dette.³² Også ved norske universiteter og høyskoler har fransk samtidslitteratur de siste årene blitt gjenstand for stigende oppmerksomhet i undervisnings- og/eller forskningssammenheng.³³ I Frankrike

²⁸ «Panorama della nuova narrativa»», *Nuovi Argomenti*, nr. 25, 1988.

²⁹ Vitenskapelige acta delvis utgitt i *Poésie*, nr. 41, 1987: «L'Extrême et contemporain»». Seminaret fant sted 19.-20. februar 1986 under ledelse av Michel Chaillou.

³⁰ D. Viart, « Le moment critique de la littérature : comment penser la littérature contemporaine », *op. cit.*, s. 14.

³¹ Jf. Elin Beate Tobiassen, «(Anti)modernitet»», *Morgenbladet* 02.07.02.

³² Se for eksempel følgende publikasjoner: J. Bami, M. Cottenet-Hage and P. Verdaguer, *Regards sur la France des années 1980 – Le Roman*, Stanford French and Italian Studies, Saratoga, Anma Libri, 1994; Wolfgang Asholt, *Der Französische Roman Der Achtziger Jahre*, Darmstadt Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1994; Andreas Gelz, Om ar Ette (red.), *Der französischsprachige Roman heute*, Tübingen, Stauffenburg Verlag, 2002; William Thompson (red.), *The Contemporary Novel in France*, Florida, University Press of Florida, 1995; Dominique Viart (red.), *Der zeitgenössische französische Roman*, *Revue Lendemains*, *op.cit.*; Elin B. Tobiassen, «Une écriture à batons rompus ? L'incipit digressif du *Vaillant petit tailleur* d'Eric Chevillard»», Universitetet i København, *Revue romane*, 40/2, 2005, p. 289-314.

³³ Den norske forskningen har i stor grad konsentrert seg om Michel Houellebecq, en av de mest kjente og omtalte franske samtidsforfatterne. Jf. for eksempel George Chabert, «Michel Houellebecq – lecteur d'Auguste Comte»», *Revue romane*, vol. 37, nr. 2, 2002; Per Buvik, «Copulo, ergo sum. Tematisk spenning i Michel Houellebecqs *Plateforme*»», in: Gro B. Mo, Jon Holm (red.), *Figura*, Oslo, Unipub forlag, 2004; Karin Gundersen,

omfattes likeledes nåtidslitteraturen fra og med midten av 1990-tallet med stadig større interesse ved universitetene, med Sorbonne i spissen. Sorbonnes forskningssenter «Etudes sur le roman du second demi-siècle» har unektelig utmerket seg som et spesielt dynamisk forum. Her organiseres det jevnlig internasjonale seminarer og konferanser om samtidslitteraturen³⁴, og akademikere fra en rekke universiteter – franske, europeiske, kanadiske og amerikanske – er tilknyttet denne forskningsgruppen. I den samme perioden begynte en rekke nystiftede franske tidsskrifter å konsentrere seg om nåtidslitteraturen, det være seg *Quai Voltaire* (1991-1994), *Prétexte* (1994-1999), *Perpendiculaire* (1995-1999), *Ecritures*, *Hesperis*, *L'Atelier du roman*, *L'Atelier contemporain*, *Le Trait*, i tillegg til skriftserien *Ecritures contemporaines* som har nådd sin ambisiøse målsetning om å være et ledende referanseverk for studiet av fransk og franskspråklig samtidslitteratur. Endelig har en rekke franske bøker pr. i dag utkommet om emnet, og her er tilnæringsmåtene mange og varierte: Enkelte forskere vektlegger generelle refleksjoner eller panoramaoversikter³⁵, mens andre studerer ett eller flere utvalgte forfatterskap³⁶ eller en spesiell problematikk.³⁷

Andre igjen velger å uttale seg om samtidslitteraturen i sterkt polemiske former. Litteraturprofessor Pierre Jourdes mye omtalte bok er ett av flere eksempler på det.³⁸ Hans essay *La Littérature sans estomac* er en bombe av en

«Michel Houellebecq et le nouveau réalisme», in: Elin B. Tobiassen, Miriam Stendal Boulos, *Le Roman français et francophone après 1950*, Romansk Forum 20/2005. Et tegn på at norsk forskning fatter stadig større interesse for samtidslitteraturen er det også at undertegnede i 2004 fikk tildelt et postdoktorstipend fra Norges Forskningsråd for et prosjekt i sin helhet viet fransk nåtidsprosa

³⁴ For eksempel seminaret «Vers une cartographie du roman contemporain», Sorbonne-universitetet 23.-25. mai 2002, samt seminaret om «Les écrivains minimalistes», Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle, 21.-31. juli 2003.

³⁵ Eksempelvis Pierre Brunel, *La littérature française aujourd'hui*, Paris, Editions Vuibert, 1997; Laurent Fliedner, *Le Roman français contemporain*, Editions Seuil-Mémoires, 1998; Bruno Blanckeman, *Les Fictions singulières, op. cit.*; Braudeau, Proguidis, Salgas, Viart, *Le Roman français contemporain*, ADPF, 2002.

³⁶ For eksempel M. Ammouche-Kremers og H. Hillenarar (red.), *Jeunes écrivains de Minuit*, Revue CRIN, nr. 27, 1994; Bruno Blanckeman, *Les Récits indécidables*, Editions Septentrion, 2000; Olivier Bessard-Banquy, *Le Roman ludique*, Editions Septentrion, 2003.

³⁷ Jf. Seminarene «Ecritures blanches» og «Sentiment de la langue» som ble organisert av henholdsvis Dominique Rabate/Dominique Viart og Sylviane Coyault i 2002 og 2003. Vitenskapelige acta er pr. i dag ikke utkommet.

³⁸ To andre eksempler er Jean-Philippe Domecq, *Qui a peur de la littérature?*, Editions Mille et une nuits, 2002 og Michel Waldberg, *La Parole putanisée*, Editions La Différence, 2002. Angående debattene Jourde og Waldbergs bøker legger opp til, jf. følgende artikler som gjør rede for dem: Per Buvik, «Storm på det franske parnasset»,

tekst hvis uttalte mål er å skape debatt, og derfor er tilnærmingen til den franske samtidslitteraturen her svært svært negativ. Til tross for at essayisten stiller opp enkelte positive moteksempler, er det først og fremst (påstått) middelmådige forfattere han omtaler i sin tekst. Problemet med en bok som *La littérature sans estomac* er dermed at den i altfor liten grad fremhever kvalitetslitteraturen, og på den måten bygger opp om den utbredte feiloppfatning at fransk samtidslitteratur har lite interessant å by på. Dette er desto mer beklagelig som Jourde på ingen måte har ambisjoner om å gi noe helhetlig bilde av samtidslitteraturen. Som han understreker i forordet til boken, er hans hensikt snarere å reagere på visse «perversjoner» (ordet er essayistens eget) i den franske forlagsbransjen, som i stadig større grad konsentrerer seg om den like lettleste som lettselgelige litteraturen, samtidig som den presterer å fremstille nevnte litteratur som det motsatte, det vil si som kvalitetslitteratur. Dessuten ønsker Jourde med sitt essay å provosere frem en sårt tiltrengt debatt om nåtidslitteraturen – det bortimot totale fraværet av polemikk i samtidens litteraturdekning var den viktigste beveggrunnen til at litteraturprofessoren valgte å utgi *La Littérature sans estomac* nettopp i kampskrifts form.

Diskusjon og meningsstrid er faktisk sjeldenheter i dagens franske litteraturkritikk. Pierre Jourde, sammen med en liten håndfull tilnærmet like etskende penner som ham selv – i første rekke Angelo Rinaldi, Jean-Philippe Domecq, Philippe Murray og Michel Waldberg – er med andre ord blant de ganske få som oppfordrer til en reell og kritisk diskusjon om kring samtidslitteraturen. De andre – deriblant *Le Monde*s ukentlige litteraturbilag «Le Monde des livres» som Jourde sterkt kritiserer – nikker og smiler, og gir de fleste bøker som velges om talt, positiv mottagelse. Men hvilken troverdighet, hvilken verdi har en kritikk som er til forveksling lik en universell jubelsang?, spør Jourde i sitt forord til *La Littérature sans estomac*. Her utpeker han også det han kaller litteratørenes «sedvanlige kujoneri» og/eller sakralisering av det litterære objektet som to av flere årsaker til knappheten på polemikk i litteraturformidlingen. Konsekvensen av slike holdninger blir en slapp konsensusmentalitet, hvor engasjementet (raseriet inkludert) viker plassen for en grå og bokstavelig talt intetsigende nøytralitet.

Fransk nåtidsprosa – ingen skoddeheim

Nåtidslitteraturen er uten tvil den litterære perioden det er vanskeligst å definere. Vi mangler avstand til den, dens hovedtrekk er fortsatt tildels utydelige og det hersker stadig uenighet om dens ulike uttrykksformer. De franske samtidsforfatternes kraftige 'allergi' mot teorier og manifestasjoner gjør bare oppgaven ytterligere komplisert – her finnes få egenpresentasjoner, litteraturteoretiske essays, foredrag, intervjuer, seminarinnlegg eller annet veiledende materiale som vi kan støtte oss til i våre bestrebelser på å kartlegge et vidtspennende felt. I skrivende stund er det imidlertid ikke lenger noen grunn til å hevde at fransk nåtidsprosa fremstår som en eneste stor tåkeheim, slik Jan Baetens gjorde på det forskningsmessige sett fortsatt uoversiktlige 1990-tallet:

Vi har lagt bak oss modernismen som estetisk og politisk dominerende ideologi, og med den fremskrittstanken og den militante avvisningen av fortiden. I våre dager står forfatterne i langt mindre grad i opposisjon til den litterære arven [...], og har ikke for enhver pris til hensikt å skape noe nytt [...]. Uansett hva man måtte mene om dette fenomenet, må man bare innse at modernismens opphør har ført til at det litterære landskapet nå er blitt høyst flytende. Vi har problemer med å situere, klassifisere og dermed vurdere dagens tekster, som spriker i alle retninger uten at de bindes sammen av noen dominerende tanke. Den enorme romanproduksjonen fremstår slik i et svært uklart lys fullstendig blottet for hovedlinjer [...].³⁹

De siste 10 årenes intense forskningsarbeid har ført til at vi i dag evner å identifisere nåtidsprosaens hovedtendenser. I min presentasjon av disse vil drøfte fire punkter. Oppmerksomheten rettes først mot et gjennomgående fellestrekk, nemlig de franske nåtidsforfatternes sterke tilbøyelighet til å vende blikket bakover, mot litteraturarven, og bruke denne som utgangspunkt for egen skriftproduksjon. Deretter belyses tre dominerende linjer i dagens narrative diktning, og disse gir samlet et bilde av det man kan kalle den franske samtidsprosaens triadiske tilbakevendning til subjektet, fortellingen og virkeligheten. Fremstillingen av disse tre ulike former for tilbakevendning er kronologisk: Som vi vil se, ble spørsmålet om subjektet gjeninnført først, allerede rundt 1975-80, representert ved tekster av Georges Perec, Roland Barthes, Serge Doubrovsky og senere nyromanforfattere som Marguerite Duras, Alain Robbe-Grillet og Nathalie Sarraute. Fortellingen fikk dernest ny aktualitet,

³⁹ Jan Baetens, «Crise des romans ou crise du roman ?»«, *Ecritures contemporaines*, nr. 2, «Etats du roman contemporain»«, Paris/Caen, La Revue des Lettres Modernes, Editions Minard, 1999, s. 13. Min oversettelse.

rundt 1980, med blant annet Jean Echenoz' roman *Cherokee* (1983) og Jean-Philippe Toussaints mange omtalte *La Salle de bain* (1985). Sist ute var gjenopptagelsen av spørsmålet om forholdet mellom litteratur og virkelighet, som først begynte å bli dominerende på 1990-tallet da tekster som Jacques Serenas *Basse ville* (1992), Michel Houellebecqs *Extension du domaine de la lutte* (1994) og Jean Rolins *Zones* (1995) utkom.⁴⁰

«En lesende skrift»

Et betydelig samspill mellom litterær arv og skriftproduksjon karakteriserer en rekke franske samtidsverker: Nåtidforfatterne henter uten tvil - og i stort omfang - inspirasjon fra tidligere tiders litteratur i arbeidet med egne tekster. Det gjorde også den avantgardistiske litteraturen i tiårene før, men da ofte i et klart bruddperspektiv. Nathalie Sarraute skrev eksempelvis sin roman *Portrait d'un inconnu*, som tematisk tar utgangspunkt i Balzacs *Eugénie Grandet*, i utvetydig opposisjon til sin celebre forgjenger og hans engang fornyende, men for nyromanforfatterne utdaterte romanform. Som vi tidligere har vært inne på, har den franske samtidsprosaen i vesentlig grad brutt med dette konfrontasjons- og bruddprinsippet som så sterkt særpreget avantgardist-generasjonene før dem. I motsetning til de sistnevnte har nåtidforfatterne ikke noe ønske om å gjøre tabula rasa av den litterære arven, og deres relasjon til denne er derfor langt mindre negativ eller negerende. Bruddet erstattes av en fruktbar, berikende dialog med fortidens litteratur, og gjennom denne utdyper samtidsprosaen sine egne problemstillinger. Det å skrive er i dag dermed mer enn noensinne uatskillelig forbundet med det å lese. Samtidslitteraturen er ikke først og fremst en *produksjon*, men en *resepsjon*: en «lesende skrift» [...], som Dominique Viart uttrykker det.⁴¹

At den litterære arven ikke representerer en anti-modell, men et sted hvor samtidsforfatterne - gjerne hinsides gjengse pensas⁴² - finner igjen og utforsker spørsmål de selv er opptatt av, har vi et godt eksempel på i Pascal Quignards

⁴⁰ Når det gjelder den indre logikk som karakteriserer den kronologiske ordenen, jf. Dominique Viart, « Les mutations esthétiques du roman contemporain français », *Revue Lendemains*, *op. cit.*, s. 15.

⁴¹ Dominique Viart, « Filiations littéraires », in: *Écritures contemporaines*, nr. 2, *op. cit.*, s. 131.

⁴² Mange samtidsforfattere inviterer oss med på en litterær oppdagelsesferd i ukjent terreng ved i sine tekster å sette søkelyset på spennede, uklassifiserbare verker. Slik har det etterhvert bygget seg opp en hel liten «mørkets antologi» i samtidsprosaen, med fokus på halvglemte forfattere som Emmanuel Bove, Paul Morand, René Daumal, Jacques Chardonne og Marcel Schwob.

Gouncourtpris-belønte tekst *Les Ombres errantes* (2002). Her dykker Quignard ned i det enorme depot av anekdoter, myter, ord og fabler som tilsammen utgjør vår litterære og kulturelle arv. Fra sin boksamling henter forfatteren frem et stort antall tekster som i tid og rom strekker seg fra keiser Tiberius til Descartes og Montaigne, fra Lao-tse til Theresa av Avilia og fra Kloviskongens strid med romeren Sygarius til jansenistnonnen Mademoiselle de Joncoux «utlendinghet» i Paris, blant mye annet. Boken er skrevet i den samme eklektisk-meditative ånd som *Petits traités* (1990) og *Rhétorique spéculative* (1995), og dens ansamling av uensartet materiale bindes ikke sammen av noen form for indre orden eller likevekt: Like lite som Montaignes *Essais*, forøvrig én av Quignards viktigste inspirasjonskilder, søker boken noen form for stabilitet; den adlyder kun sin egen, lesende skriftbevegelse. Teksten tilhører heller ikke noen bestemt genre; snarere er det slik at *Les Ombres errantes* tar opp i seg elementer fra de fleste litterære former – den er på én og samme tid både fabel, dagbok, essay, poesi og roman.

Hva er det så Quignard søker i de tekstene han leser og mediterer over? Forfatteren fascineres av det ugripbare og flyktige i mennesket, det vil si menneskets ubelyste, mørkere og enigmatiske sider. Det er derfor ingen tilfeldighet at han nettopp har kalt boken sin *Les Ombres errantes* – Flakkende skygger, en tittel som han forøvrig har lånt fra et verk av komponisten François Couperin. Og det er heller ikke til å undre seg over at Quignard vier Junichiro Tanizakis essay *In Praise of Shadows* (Hyllest til skyggen, 1933) en privilegert plass. Tanizakis tekst uttrykker en lengsel tilbake til det gamle, ikke-amerikaniserte, neonlysende og aseptiske Japan. Med nøkkelbegrepet «skygge» ønsker essayisten å fremheve et grunnleggende element i Japans estetiske sensibilitet, som han gjenfinner på en rekke nivåer i japansk sivilisasjon. Quignard kommenterer i så måte noen av den japanske forfatterens aversjoner og nostalgiske preferanser:

Junichiro Tanizaki reiste bust ved
synet av blankt
stål;
nikkel;
krom;
aluminium;
altfor hvitt papir som kom fra
Vesten.

Han likte halvmørket teen fremkaller
i sin varme og flytende verden.

Og fargene de små sammenrullede bladene brer utover som lange tråder i vannet før de til slutt går i ett med det.
Og de rødaktige og likesom høstlige restene som litt om litt synker til bunns i por-selensbollen.

Han skilte ikke skyggen fra for-tidens spor. Han savnet støvet på eskene og rusten på knivene, spikrene, skruene.

Hans savnet månen som eneste kveldlys i armodslige stuer, underskogen og dens skrem-mende dyr.⁴³

Alle tekstene Quignard henviser til, omhandler på en eller annen måte slike skyggefulle aspekter ved vår tilværelse og vårt vesen, som bestandig vil unnsnippe våre forsøk på å innfange dem. En annen viktig referanse er i den forbindelse Walter Benjamin, som hevdet at oppfinnelsen av fotografiet og filmen hadde som konsekvens et «fravær av skygge» hos det fotograferte eller filmede objekt – i motsetning til et fysisk, litterært objekt som alltid vil være innhyllet i et slør av uforklarlighet. Litteraturen beskjeftiger seg først og fremst med det gjenstridige, det enigmatiske: Den er, som Alte Kittang uttrykker det, en rekke «kvilelause spørsmål om rettens tilværelses gåter».⁴⁴ Lesning er for Quignard derfor å bevege seg urolig hit og dit, slik han selv gjør det i sin bok, uten å søke noe svar: «Det finnes i det å lese en forventning som ikke søker noen innfrielse. Å lese er å flakke.»

Tilbake til ...?

Det er blitt sagt og skrevet mye om den franske samtidsprosaens tilbakevending til triaden Subjekt-Fortelling-Virkelighet. Benevnelsen «tilbakevending» har imidlertid enkelte misvisende konnotasjoner som raskt bør ryddes av veien før vi tar den i bruk, først og fremst fordi den synes å sette likhetstegn mellom nåværende og tidligere skriftpraksiser. Begrepet leder oss til å tro at samtidstekstene ganske enkelt vender tilbake til subjektet, fortellingen og virkeligheten uten å ha tatt lærdom av formalismen, strukturalismen og nyromanens erkjennelser på disse områdene. Så er *ikke* tilfelle. Fransk

⁴³ Min oversettelse.

⁴⁴ Atle Kittang, *Sju artiklar om litteraturvitenskap*, Oslo, Gyldendal Norsk Forlag, 2001, s. 34.

nåtidslitteratur er fortsatt en kritisk litteratur, og arven fra tiårene før lever så absolutt videre i deres litterære uttrykk. Som vi skal se, er det dermed ikke uten skrupler nåtidsprosaen vender tilbake til spørsmålene om subjektet og virkeligheten, men tvert imot i full bevissthet om den kritikk blant annet nyromanen rettet mot konvensjonelle uttrykks- og representasjonsnormer. Likeledes er «fortellingens tilbakekomst» ikke ensbetydende med en gjeninnføring av god, gammel meldags beretterkunst som om «mistankens tidsalder», og dens mistro nettopp til en tradisjonell fortelling «der personer lever og handler»⁴⁵, aldri hadde eksistert.

«Le retour du sujet»

Dagens franske prosa bugner av tekster som utspiller seg på subjektets komplekse scene, det være seg livsberetninger, «nye selvbiografier», intime betroelser, bekjennelser eller «selvfiksjoner». Fenomenet – det mest markante i fransk samtidsprosa overhodet – blir av kritikerne gjerne kalt *le retour du sujet*.⁴⁶ Paradoksalt nok ble subjektstørrelsen aller først gjeninnført på den litterære skueplassen av forfattere som, i alle fall i sine kritiske arbeider, tidligere hadde 'ekspropriert' den til fordel for en formalistisk/strukturalistisk teksttilnærming. Tidligst ute var Roland Barthes som allerede i 1975 utgav sin bok *Roland Barthes par Roland Barthes*. Samtidig kom Georges Perecs *W ou le souvenir d'enfance*, og to år senere Serge Doubrovskys *Fils*. Sistnevnte bok representerer forøvrig en intellektuell utfordring rettet mot teoretikeren Philippe Lejeunes strukturalistiske teorier om selvbiografien, især mot sannhetsprinsippet Lejeune legger til grunn for den selvbiografiske pakten. For Doubrovsky består en selvbiografi av både sannhet og usannhet, fakta og fabulering, noe forfatteren av *Fils* velger å uttrykke gjennom den begrepsmessige nydannelsen «selvfiksjon» (*autofiction*).⁴⁷ På begynnelsen av 1980-tallet fremheves videre forfattersubjektets betydning for tekstarbeidet av flere nyromanforfattere som tidligere først og fremst var kjent for sin formelle nyskapning. Nathalie Sarraute utgir i 1983 *Enfance*, mens Marguerite Duras og Alain Robbe-Grillet året etter følger opp med henholdsvis *L'Amant* og *Le Miroir qui revient*.

⁴⁵ Jf. Nathalie Sarraute, *Mistankens tidsalder*, Oslo, Bokvennen Forlag, 1995, s. 55. Essaysamlingen ble utgitt på fransk i 1956 under tittelen *L'Ere du soupçon*.

⁴⁶ Se for eksempel D. Viart, «Les mutations esthétiques du roman contemporain français», *Revue Lendemains*, *op. cit.*

⁴⁷ Les mer om dette i Dominique Viarts artikkel «Le récit postmoderne», in: Frank Baert og Dominique Viart (red.), *La littérature française contemporaine : questions et perspectives*, Louvain, Presses Universitaires de Louvain, 1993, s. 153-165.

Hvorfor kan ikke de ovennevnte forfattere sies å gjeninnføre konvensjonelle uttrykksnormer? Fordi de, som tidlig som de eksplisitt refererer til en utenomtekstlig referanse, legger vekt på at subjektet *også* skapes underveis, i selve tekstproduksjonen. Forfatterfigurens funksjon og status er med andre ord todelt: Den er *både* opphav og besitter av noe førtekstlig som skal uttrykkes og et produkt av selve skriftarbeidet. Dette er her, i spenningsfeltet mellom den referensielle og den tekstlige dimensjonen, samtidens forfattersubjekt situerer seg. Som Alain Robbe-Grillet påpeker i et seminarinnlegg om *Le Miroir qui revient*:

[...] elementer som utgår fra mitt eget liv, blir forvandlet gjennom fantasien og forfalsket av hukommelsen, og til sist kommer den siste operasjonen, sannsynligvis den mest perverse av dem alle: Skrivearbeidet. Det er skriften som ut fra disse bruddstykkene og fragmentene lager noe som er en tekst, og som for forfatteren er langt viktigere enn de elementene den tok utgangspunkt i.⁴⁸

Nettopp Alain Robbe-Grillet's forfatterskap er et eklatant eksempel på «subjektets tilbakekomst». I tillegg til å være en klassiker som på midten av det 20. århundret bevirket det Roland Barthes, apropos romanen *Sjalusi*, kalte en «einsteinisk revolusjon» i litteraturen, er Robbe-Grillet nemlig også – noe norske forlag later til å ville ignorere⁴⁹ – en meget produktiv samtidsforfatter som fra begynnelsen av 1980-årene og frem til i dag har utgitt flere bøker av høyst personlig karakter. Noen plutselig drøining mot et subjektivt uttrykk kan man likevel ikke snakke om, for subjektiv har denne forfatteren alltid vært, bare på en indirekte måte gjennom *tilsynelatende* objektive⁵⁰ beskrivelser, og derfor la de færreste merke til det. I *Le Miroir qui revient* (*Speilet som vender tilbake*), utgitt i 1985 men påbegynt allerede i 1976, refererer Robbe-Grillet imidlertid for første gang eksplisitt til selvbiografisk materiale som basis for all sin skriftproduksjon. I denne teksten, som han selv definerer som et eksempel på «den nye selvbiografi» (*la nouvelle autobiographie*), slår Robbe-Grillet

⁴⁸ Alain Robbe-Grillet, «Je n'ai jamais parlé d'autre chose que de moi», in: Michel Contat (red.), *L'Auteur et le manuscrit*, Paris, Presses Universitaires de France, « Perspectives critiques », 1991, s. 49.

⁴⁹ Norske forleggere har fullstendig oversatt Robbe-Grillet's litterære produksjon fra og med 1980-tallet. *Møtestedet*, *Sjalusi*, for en ny roman, *Topologi over en innbilt by* samt et par noveller fra samlingen *Instantanés* (*Snapshots*): Disse tekstene fra 1950-70-tallet, som alle er umiskjennelige representanter for modernismens nye prosakunst, er de eneste norske lesere uten franskkunnskaper har tilgang til pr. i dag.

⁵⁰ Begrepet «objektivitet», som Robbe-Grillet selv brukte om sin egen litteratur i essayet *Pour un nouveau roman*, må tolkes riktig: Det betyr *ikke* nøytralitet, men vektlegger blikkets visuelle – og høyst subjektive – registrering og beskrivelser av objekter.

innledningsvis fast: «Jeg har aldri snakket om annet enn meg selv.»⁵¹ Her beskriver han åpent de sado-erotiske seksualfantasiene som alltid har besatt ham, og undrer seg over at kritikken i alle år nesten enstemmig har unnlatt å bemerke dette gjennomgående aspektet ved hans forfatterskap. Boken inneholder dessuten lange essayistiske sekvenser hvor forfatteren stiller seg kritisk til litteraturvitenskapens og sin egen tidligere avvisning av forfatterpersonen i tråd med Roland Barthes' strukturalistiske teori om «forfatterens død». Robbe-Grillet ønsker med andre ord å kontekstualisere det litterære objektet: Han vil ikke lenge holde forfatteren (definert som utgangspunkt) atskilt fra verket, men også betrakte teksten som uttrykk for «en person som er både en kropp, en intensjonell projeksjon og en ubevissthet».⁵²

Robbe-Grilletts sist utkomne roman bærer tittelen *La Reprise (Gjentagelsen)*, 2001). Også den har et sterkt selvbiografisk tilsnitt. Boken kan ved første øyekast, i likhet med *Le Miroir qui revient*, virke langt mer tilgjengelig enn forfatterens formeksperimenterende tekster fra tidligere år. En naiv, uskyldig leser – hvis noe slikt finnes – ville kanskje oppfatte den som en kriminalbok (om enn en temmelig særegen og forvirrende sådan). Boken forholder seg nemlig til to grunnleggende komponenter i kriminalromanen; drap og etterforskning. Tidlig i handlingsforløpet begås angivelig et mord, og en inspektør ved navn Lorenz prøver å oppklare det. Men i likhet med en rekke andre samtidsforfattere bryter Robbe-Grillet med kriminalsjangerens velkjente strukturer og stereotyper, og man oppdager raskt at fokus i *La Reprise* ligger et helt annet sted enn på oppklaringen av et mord.

Romanens handling utspiller seg i Berlin i november 1949. Byen ligger på det tidspunktet i ruiner og er inndelt i fire soner, okkupert av tropper fra henholdsvis Sovjet, USA, Storbritannia og Frankrike. Tekstens forteller, en franskmann ved navn Henri Robin, eller HR som han kalles, ankommer byen med toget og går av på Lichtenberg stasjon. Hva skal han så i Berlin? Han hevder å være hemmelig agent av yrke og er sendt til Berlin på oppdrag, men ved ankomst vet han ikke nøyaktig hva hans oppgave vil bestå i. På stasjonen venter imidlertid en kollega på ham – Pierre Garin – som forklarer at HRs rolle begrenser seg til å observere og skrive en nøytral rapport om et drap som skal finne sted sammen

⁵¹ *Le Miroir qui revient* utgjør sammen med *Angélique ou l'enchantement (Angelica eller henrykkelsen)*, 1988) og *Les Derniers jours de Corinthe (Korintts siste dager)*, 1994) en trilogi. Den går til felles mot de verkimnante tilnærminger som dominerte i litteraturteorien på 1960- og 70-tallet.

⁵² Alain Robbe-Grillet, *Le Miroir qui revient*, Paris, Les Editions de Minuit, 1985, s. 12. Min oversettelse.

natt. Fortelleren innlosjeres derfor i et rom på Gendarmenmarkt med utsikt til det kommende åstedet.

Og samme natt blir ifølge HR den tidligere Wehrmacht-offiseren Dany von Brücke drept her. Men blir han egentlig det? Likene i denne boken – og dem er det mange av, enten de nå ligger kete hup-blødende på bakken, råtner i mørke kjellerrom eller flyter ved morgengry i den dystre Landwehrkanal – har en tendens til å dukke opp igjen i beste velgående noen si der senere ... Det later dog til at SS-offiseren blir *forsøkt* myrdet på Gendarmenmarkt. Av hvem? Av HR selv? I nattbordskuffen hans ligger det en pistol, og i den mangler det vitterlig tre kuler som muligens kan stamme fra skuddene som ble avfyrt mot von Brücke ... Eller kanskje var det snarere Pierre Garin som prøvde å drepe offiseren? I rom anens løp frem står Pierre Garin ganske riktig som en stor manipulator hvis mål er å få HR til å påta seg skylden for et mord han ikke har begått; etter å ha utpekt HR som drapsmannen, gir han ham sparken, og HR må slik i all hast forlate rommet på Gendarmenmarkt – med inspektør Lorenz i hælene.

Men Robbe-Grilletts litterære verden er aldri endim ensjonal og entydig. HRs rømning er bare på fiksjonsplanet en enkel flukt fra inspektøren og hans flittige assistenter. I sine dypere lag er romanen langt mer kompleks enn den umiddelbart later til å være. Den bør i så måte først og fremst tolkes allegorisk, og som Robbe-Grillet selv sier det i en av bokens mange metakommentarer, er ingenting mer kryptisk enn en allegori. Fortelleren på flukt, som til tross for sin avskjedigelse fortsetter å skrive en påstått «upartisk» og forsøksvis uskyldiggjørende rapport om diverse mer eller mindre tvilsomme hendelser han er involvert i (sodom asochistisk bordellvirksomhet, tortur av det kvinnelige kjønnsorgan, samleie med mor), kan betraktes som en person som forsøker både å unnsnippe seg selv og å gripe seg selv, den *andre* i seg selv, den skjulte og truende dobbeltgjengeren hvis seksualitet er pervertert eller incestuøs. Fortelleren fremtrer for leseren som en høyst upålitelig figur, og de hendelsene han meddeler oss nærer seg stadig mer av hans egne tilbakevendende barndomsminner og besettende fantasier av sadoerotisk eller ødipal art. Disse prøver han kontinuerlig å holde på avstand eller nøytralisere; som så ofte hos Robbe-Grillet fører fortellerstemmen en vanskelig og utrettelig kamp mot de «indre demoner» som plager ham. Det er med andre ord fortelleren selv – og bak ham forfatteren Alain Robbe-Grillet – som danner kjernen i den påstått objektive rapporten.

I likhet med mange samtidsforfattere både i Frankrike og andre land utfordrer altså Robbe-Grillet skillet mellom to tradisjonelt sett atskilte instanser: Forteller og forfatter. Sistnevnte dukker med jevne mellomrom opp i narrasjonen for å

minne om sitt nærvær, og slik gjør han det umulig for leseren å tolke *La Reprise* og dens fortellerfigur løsrevet fra forfatterens egen person og biografi. Teksten bugner av implisitte og eksplisitte referanser av selvbiografisk karakter. Robbe-Grilletts barndomsregion Bretagne er for eksempel allestedsnærværende, og forfatteren beskriver også utførlig sine egne ansiktstrekk, alluderer nok en gang til sitt abnorme kjønnsliv, om taler sin avdøde bestefar Paul Canu og erindrer flere ganger sin egen oppvekst. Dessuten refererer han til sin kunstnerbolig i Normandie hvor han har bodd siden 1963, i et vakkert gammelt slott med tilhørende park, samt til sitt eget skrivebord hvor de suksessive utkastene til «fortellerens rapport» ligger spredt utover. I den samme sekvensen beskriver han naturkatastrofen i Nord-Frankrike som ved århundreskiftet 1999/2000 var den utløsende årsak til at han begynte å skrive på *La Reprise* igjen, på et tidspunkt da manuskriptet hadde ligget urørt i et helt år:

Både på venstre og høyre side av dette svære mahogniskrivebordet (...) holder jeg heretter skoddene lukket hele dagen på de tre vinduene ut mot parken, mot sør, nord og øst, for å slippe å se den dystre katastrofen jeg lever midt oppe i etter at orkanen herjet Normandie like etter jul, noe som på en i seg selv uforglemmelig måte markerte århundrets slutt og den mytiske overgangen til år to tusen. Grønnsværet, bassengene og plenen er skjønne harmoni har veket plassen for et mareritt man ikke våkner opp av, og sammenlignet med dette virker de historiske ødeleggelsene – som vi den gang kalte dem – etter tornadoen i 87 som jeg ovenfor har om talt, nærmest latterlige. Det vil ta måneder, denne gangen, om ikke år, bare å få ryddet bort de mange hundre kjempemessige, kvestede trestammene som ligger hulter til bulter i et uløselig virvar (og som i fallet knuste de unge trærne jeg så kjærlig hadde pleiet) og de enorme røttene som er rykket opp av jorden med digre, gapende hull etter seg, liksom sprengt ut av bombene i en ufattelig lynkrig som varte i en snau halvtime.

Jeg har ofte om talt den frydefulle skaperkraften mennesket ustanselig må oppvise for å gjenreise en verden i ruiner i nye konstruksjoner. Og her er jeg i gang igjen med dette manuskriptet etter et helt år viet et filmmanus, stadig avbrutt av altfor mange reiser, bare noen få dager etter at en betydelig del av livet mitt ble lagt i grus, og befinner meg altså i Berlin etter et annet sammenbrudd, nok en gang under et annet navn, andre navn, mens jeg med fingertyrke og under falske pass skal utføre et gåtefullt oppdrag som stadig truer med å gå i oppløsning, og likevel fortsetter jeg å bakse iherdig midt oppe i et spill av dobbelte

identiteter, ugripelige fremtoninger og bilder som dukker opp igjen og igjen i speil som vender tilbake.⁵³

Selv om subjektet generelt sett gjenoppstår i den franske nåtidslitteraturen, skal det bemerkes at det stadig finnes forfattere som fortsetter å ville viske ut ethvert spor av det. I overbevisning om at selvskrivning og -fremstilling er en illusjon, en fallgrube eller en forfalskning, bestreber de seg på å oppløse identiteten gjennom et kontinuerlig maskespill (Jean-Benoît Puech), villedende tekststrukturer (Benoît Peeters), eller ved å skrive tekster basert på formelle begrensninger hvor subjektet utelukkes (Jean Lahougue). En mindre avvisende, men likevel meget skeptisk holdning finner vi hos Eric Chevillard. I sin roman *Du hérisson* (2002) retter han sterk kritikk mot visse sider ved samtidslitteraturens fokusering på subjektet. Kritikken legges i munnen på en oppdiktet forfatter som ved tekstens begynnelse setter seg ned for å skrive en roman med basis i selvopplevde erfaringer. I peisen går hans upubliserte arbeider opp i flammer, nærmere bestemt en rekke raffinererte tekster for 'the happy few' som han møysommelig tilintetgjør til fordel for den boken han nå belager seg på å skrive. Han har bestemt seg for å gi etter for vår tids personfokusering, og i den hensikt å nå ut til et bredt publikum vil han stimulere en av de sterkeste driftene i mennesket: Kikkerdriften. Han vil fortelle om sin traumatiske, tåredryppende barndom, da han påstår å ha blitt voldt av pastoren, biskopen og til overmål også av selveste erkebiskopen.

Romanens sarkasme er åpenbar, og rettes først og fremst mot de siste partiaårenes biografiske vending i den franske samtidsprosaen. Som en konsekvens av subjektets massive tilbakekomst på den litterære scene legger en mengde forfattere i dag sine romaner tett opp til egne liv. Denne opptattheten av selvet og fokuseringen på forfatterpersonen representerer for Chevillard en trussel mot kunsten og det spesifikke litterære. Det dreier seg altså ikke for Eric Chevillard om å forsvare en formalistisk skrivepraksis frigjort fra uttrykksdimensjonen, hvor teksten utelukkende refererer til seg selv, men å motsette seg en ekstremt selvbiografisk litteratur basert på bekjennelse, vold og (gjerne pervertert) seksualitet som en profitthungrig forlagsbransje utnytter maksimalt.

⁵³ Min oversettelse. Speilet som vender tilbake er i *Le Miroir qui revient* en allusjon til en bretonsk legende om et speil som skyller i land på stranden. Gjenstanden er i Robbe-Grillet's tekst blant annet et bilde på besettelsen som aldri tar slutt og de stadig tilbakevendende seksualfantasiene.

«Le retour du récit»

Tradisjonelle romaner basert på 'god, gammel fortellerkunst' blir i de formalistiske og eksperimentelle tiårene utsatt for et eget kraftige angrep; på 1960- og 70-tallet jages beretningen bort fra det litterære feltet, skyves ut i periferien og betraktes som en utrangert form som har overlevd seg selv. «Vi er gått inn i mistankens tidsalder», uttaler i den forbindelse en kamplysten Nathalie Sarraute. Fra begynnelsen av 1980-tallet er historien imidlertid på ny aktuell, og det er denne tendensen i fransk samtidsprosa som gjerne kalles «*le retour du récit*». Benevnelsen, første gang brukt av Paul Ricoeur i 1984⁵⁴, er villedende, da det her ikke er snakk om noen tilbakevending til en fortelling etter romankunstens gamle regler. Fransk samtidsprosa imiterer som nevnt ikke en foreldet form, og er seg så absolutt bevisst de foregående tiårenes angrep på den. Det å skrive prosa er i dag mer med andre ord ikke ensbetydende med å berette «gripende historier».

For de ovenfor om talte «minimalistene» er tilbakevendingen til fortellingen synonymt med at gamle mønstre, figurer og motiver gjenopptas, lekes med og prøves ut på nytt i et forsøk på å utforske romangenren og dens muligheter, hvilket er uatskillelig forbundet med en antagonistisk tanke om fortellingens nullpunkt. Jean Echenoz, en fremtredende eksponent for den minimalistiske skriftpraksis, vender i romanen *L'Équipée malaise* (1987) tilbake til den eksotiske reiseskildringen, men bevirker samtidig en form for kontinuerlig ødeleggelse av den beretningen som her bygges opp. Det er ett av mange eksempler på at de minimalistiske forfatterne på én og samme tid er både kritiske til fortellingen som form og drevet av en uttalt lengsel etter den. Tekstene deres gjør bruk av eldre romanmodeller, men uten å tilføre dem den intensitet og det omfang en leser som er vant til disse modellene, kunne forvente. Ønsket om å fortelle historier er der, men det er som om fortellingen nå er blitt en tom form som minimalistene, grunnet et stadig mistro til den, ikke evner å fylle med et innhold. Innbyrdes svært ulike forfatterskap, det være seg Christian Gailly, Jean-Philippe Toussaint eller Jean Echenoz', er derfor alle på 1980- og 90-tallet særpreget av en uttalt episk nakenhet. Som tidligere nevnt skjærer de narrasjonen helt inn til benet, i tråd med minimalismens generelle bestrebelser på å skape en ribbet fiksjon, hvor en ekstrem oppmerksomhet rettet mot tilsynelatende ubetydelige detaljer tenderer mot å trenge vekk tekstens episke dimensjon. Minimalistene har i bunn og grunn ingen historie å berette, noe Christian Gailly eksplisitt gir uttrykk for i sin originale debutroman *Dit-il*,

⁵⁴ Cf. Paul Ricoeur, *Temps et récit*, Paris, Editions du Seuil, 1984.

hvor han henvender seg direkte til eventu elle kjøpere av boken med følgende klare advarsel:

Legg bare denne boken fra dere, ikke kjøp den. Jeg har ingenting å si dere, ingenting å fortelle, ingen historie.

De minimalistiske forfatterne slites slik, ifølge D. Viart, mellom en «*pulsion narrative*» (en narrativ drift eller lyst) på den ene side og, på den annen, det faktum at de disponerer over et mest eget begrenset materiale til å lage romanfortellinger av.⁵⁵ Det er et synspunkt jeg i store trekk kan slutte meg til. Jochen Meckes påstand om at de minimalistiske fiksjonene er tekster blottet for autentisitet, eller søken etter sådan, oppfatter jeg imidlertid som mer tvilsom.⁵⁶ Ifølge Mecke praktiserer minimalistene en 'løgnens estetikk' ved blant annet å etterligne konvensjonelle former gjennom rene pastisjer. På den måten opphever de minimalistiske tekstene den moderne dialektikken mellom autentisitet og falskhet; mens nyromanen og *Tel Quel* fortsatt skilte mellom en falsk, platt overflate på den ene side og, på den annen, et ekte liv eller en sann «dypere, mer kompleks, klarsynt og riktigere kunnskap»⁵⁷ som kun litteraturen kan avdekke, befinner minimalistene seg hele tiden på overflaten, dette fordi de ikke lenger har noen tro på litteraturens evne til å avsløre ekthet. De minimalistiske fiksjonene er dermed tekster som omhandler «litteraturens falskhet», konkluderer Mecke.⁵⁸ En slik hypotese er nok intellektuelt besnærende, men man skal ikke lete lenge i samtidsprosaens omfattende tekstkorpus før man ser at den ikke er holdbar. Eksempelvis har jeg problemer med å se hvordan en bok som Jean-Philippe Toussaints *La Salle de bain* kan sies å utelukke enhver form for autentisk søken. Teksten, hvis forteller velger å trekke seg tilbake fra verden og slå seg ned i badekaret, er opptatt av vesentlige filosofiske spørsmål som nettopp er uttrykk for fortellerens bestrebelse på å skape rom for seg selv og sin egenart.

En annen fransk forfattergruppe som gir fortellingen en ny legitimitet, er «*La Nouvelle Fiction*» (Den nye fiksjonen). Gruppen består av tidligere nevnte Jean-Luc Moreau, i tillegg til blant annet Marc Petit og Frédéric Tristan. De tar alle

⁵⁵ Dominique Viart, «Ecrire au présent: l'es thétique contemporaine», in: Michèle Touret, Francine Dugast-Portes, *Le Temps des Lettres. Quelles périodisations pour l'histoire de la littérature française du 20^{ème} siècle ?*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, «Interférences», 2001, s. 329.

⁵⁶ Jf. Jochen Mecke, „Le roman nouveau: pour une esthétique du mensonge», in: D. Viart (red.), *Der zeitgenössische französische Roman*, *Revue Lendemain*, op. cit., s. 109.

⁵⁷ Nathalie Sarraute, *Mistankens tidsalder*, op. cit., s. 119.

⁵⁸ Jochen Mecke, op. cit., s. 109.

eksplisitt avstand fra nyromanens formelle eksperimenteringer, og deres mål er å gi innbildningskraften frie tøyler slik at forfatteren – og med ham leseren – trekkes inn i fantasien og imaginasjonens egen, selvstendige logikk. Stevenson, Fenimore, Cooper og Romains Gary er her vesentlige litterære forbilder og inspirasjonskilder. I motsetning til hva blant annet Dominique Viart og Laurent Flieder gjentatte ganger har hevdet, er Den nye fiksjonen imidlertid alltid kritisk innstilt til de modellene den henter inspirasjon fra, noe Jean-Luc Moreau på det sterkeste understreker i artikkelen «De la fiction à la nouvelle fiction»:

Fordi Den nye fiksjonen har funnet tilbake til gleden ved fortellingen, er man overbevist om at den samtidig har frigjort seg fra mistanken, eller ignorerer den fullstendig. Det er en gedigen feiloppfatning, ettersom mistanken for oss tvert imot er av helt grunnleggende betydning.⁵⁹

Endelig finnes det en rekke samtidsforfattere som på ulike vis bestreber seg på å berike fortellingens muligheter. Sylvie Germain utforsker i så måte forholdet mellom skrift og muntlig, mens Cécile Beauvoir bestreber seg på å poetisere beretningen til det ytterste. Høsten 2002 kom sistnevntes debutbok *Envie d'amour* ut på Minit-forlaget, og den ble møtt med strålende kritikker. Teksten består av 12 korte noveller med melankolsk klangbunn, hvor kjærlighetstap er et sentralt tema. Samlingens hovedperson og forteller er en skrivende kvinne, som i novellen «Den gamle strikkejakken» skildrer den vanskelige, tidkrevende og lidelsesfylte prosessen det er å ta farvel med en man har elsket. Assosiasjonene går til Edvard Munchs «Atskillelse» og «Aske» når man leser denne svært billedskapende teksten. Som Munchs malerier beretter Beauvoirs novelle om livets ubønnhørlige lov – kjærligheten må dø, bli til aske, til tomhet, forlatthet og fortvilelse. Vart og ømt skildrer den kvinnelige fortelleren sorgen etter bruddet og kjærlighetens smertefulle agoni, med en naiv enkelhet som, i tråd med novellesamlingen forøvrig, henter sin litterære inspirasjon fra William Blakes poesi. «Å se verden i et sandkorn og en himmel i en vill blomst, holde det uendelige i hånden og det evige i en time»: Det kjente Blake-diktet står betydningsfullt nok som epigraf helt i begynnelsen av *Envie d'amour*. Videreføringen av den engelske poetens litterære program blir for Beauvoir ensbetydende med å vekke opp eller fornemme erindringsresonansen og sensualiteten i noe tilsynelatende ubetydelig; som for eksempel en gammel strikkejakke. Langsomt klarer kvinnen i novellen å løsrive seg fra ullplagget, og fra mannen, Vincent, som ulljakken en gang tilhørte. I andre noveller beveger vi

⁵⁹ Jean-Luc Moreau, «De la fiction à la nouvelle fiction», *Place aux sens*, nr. 33, 2002.

oss fra kjærlighetstapet til lengselen etter en ny kjærlighet, mens andre tekster igjen med nennsom hånd silelerer sanseinntrykk fra barn- eller alderdom. Slik fremstår samlingen ved endt lesning som en form for munchsk livsfrise: En serie bilder som samlet gir av et bilde av livet med dets gleder, sorger, frykt, begjær, kjærlighet og død. Og som hos Munch er en av de sterkeste skildringene i denne serien selve øyeblikket hvor en mann og en kvinne omfavner hverandre, smelter sammen og forenes, det vil si mister seg selv og sin individualitet: «Jeg fortapte meg i Vincents øyne. De ga meg liv (...) Jeg åpnet bare øynene for å bore dem inn i hans ...». Cécile Beauvoirs debut bok vitner om en særegen litterær sensibilitet. Novellesamlingen gjengir et fortettet univers vrimlende av meningsbærende detaljer, som transfigurerer øyeblikk fra en ordinær, menneskelig eksistens. Beauvoir har uten tvil i sine skildringer en sjelden evne til å forvandle og poetisere fortellingen, og denne spesielle egenskapen får språket hennes til å skinne i takt med høstregnet hun beskriver lyset og skjønnheten i:

Fra vinduet ser jeg ned på gaten. Fortauene er dekket av høstløv, folk skynder seg avsted under paraplyene. Himmelen er grå, nesten hvit. Vannet under bilhjulene lager en fin musikk – en fuktig melododi. Regnet er ikke glansløst, det hadde jeg aldri lagt merke til før. Det får alt til å skinne: Hustakene, løvet, gatene, paraplyene. Ordene også.

«Le retour du réel»

Sentralt i den teoretiske debatten omkring den franske nyromanen i 1960- og 70-årene står begrepsapparatet *referensiell roman vs produksjonsroman*. Man er opptatt av forholdet mellom tekst og virkelighet, og definerer den referensielle (også kalt realistiske eller fenomenologiske) nyromanen på 1950-tallet som en tekst hvis fremste karakteristikum er at den har basis i en reell virkelighet, som verket gjengir. Mimesisstanken, ideen om kunstverket som etterligning og overføring av en utenom-tekstlig realitet, er altså selve grunnlaget for den referensielle nyromanen. Produksjonsromanen derimot skaper betydningene underveis, som et resultat av selve språkarbeidet: «teksten blir ikke lenger et «nøytralt rom», en avspeiling av et ført tekstlig menings- eller følelsesinnhold, men fungerer som en «meningsomformer maskin».⁶⁰ Jean Ricardou, nyromanforfatterens tekstteoretiker og produksjonsromanens iherdige forsvarer, går i nevnte debatt til felles mot det han kaller uttrykksdogmet og den realistiske illusjon, fordi disse begrepene betinger et litterærtursyn basert på gjengivelse av noe

⁶⁰ Karin Holter, *Tekst og virkelighet, op. cit.*, s. 26-27.

allerede gitt, en på forhånd etablert betydning som språket «så effektivt og motstandsløst som mulig»⁶¹ skal uttrykke. Ifølge Ricardou kan litteraturen ikke gjengi virkeligheten – det litterære rom er fullt og helt underlagt sine språklige betingelser.

Et slikt teoretisk standpunkt har sine umiskjennelige røtter i den russiske formalismen, som siden gled over i strukturalismen og dens generelle teori om språket. I vår egen tid, som kraftig har kritisert strukturalismen for dens reduksjon av enhver tekst til et universelt tegnsystem, er teorien om kunstverkets autonomi blitt relativisert. Vesentlige deler av samtidslitteraturen – og ikke bare den franske – relateres atter til en ytre (eller indre, slik tilfellet er med de tekster som vitner om «subjektets tilbakekomst») realitet. Den gjenetablerer med andre ord forholdet mellom litteratur og virkelighet, og betrakter ikke lenger et verks betydningsinnhold utelukkende som en konsekvens av selve tekstarbeidet. I Frankrike har den samfunnsrefsende forfatter i den forbindelse alle rede vært på banen i lang tid: De fleste vil kjenne til Michel Houellebecq's provoserende forfatterskap og den etsende kritikk av vestlig sivilisasjon som der frem kommer. I tillegg til Houellebecq – «*l'enfant terrible*» par excellence – finnes det i fransk nåtidsprosa mange andre samfunns- og politisk bevisste forfattere med tildels kritisk brodd, det være seg Marie Darrieussecq, Christine Angot, Virginie Despentes, François Bon eller Emmanuel Carrère. Man kan i så måte gjerne snakke om en viss oppblomstring av den engasjerte litteraturen, men det må likevel understrekes at det dreier seg om et engasjement som er blottet for en organiserende eller teoretiserende ideologi, i motsetning til hva tilfellet var med tidligere størrelser som Sartre, Malraux og Aragon.

Samtidsprosaens «tilbakevending til virkeligheten», som i Frankrike ofte omtales som *le retour du réel*, har imidlertid ikke som konsekvens en gjeninnføring av de tradisjonelle, mimetiserte representasjonsnormene som strukturalismen aldri hadde eksistert. De aller fleste nåtidsforfatterne – med unntak, mener enkelte forskere, av forfattere som Michel Houellebecq, Frédéric Beigbeder og deres «hyperrealisme»⁶² – som søker å nærme seg en ytre virkelighet, innlemmer samtidig i sine tekster den sterke språkbevisstheten som preget de tidligere tiårene. Kan man i det hele tatt snakke om en representasjon av virkeligheten i tekstene til forfattere som François Bon, Jacques Serena og Leslie Kaplan? Verkene deres vitner ikke så mye om en representasjon av

⁶¹ *Ibid.*, s. 27.

⁶² Uttrykket er brukt av Wolfgang Asholt, «Deux retours au réalisme? Les récits de François Bon et les romans de Michel Houellebecq et de Frédéric Beigbeder», *Revue Lendemains*, *op. cit.*, s. 53.

virkeligheten som en *presentasjon* av den, idet de gjennom tekstarbeidet bestreber seg på å få frem hva blikket ikke har sett; i stedet for å ta utgangspunkt i et tradisjonelt mimesisprosjekt, fokuserer disse forfatterne snarere på å avdekke en ennå ukjent virkelighet.⁶³

François Bons tekster tar i den forbindelse ofte et ut snitt fra virkeligheten, et enkelt bilde, som likesom avfotograferes for så å bli underlagt en språklig utforskning. Virkeligheten bygges på den måten opp litt etter litt, *i selve tekstproduksjonen*, i overensstemmelse med Georges Perecs bestrebelser på å «stille spørsmål ved det vi er vant til å se»:

Nettopp, vi er vant til det. Vi stiller ingen spørsmål ved det, det stiller ingen spørsmål ved oss, det er likesom ikke noe problematisk ved det, vi lever midt oppe i det uten å tenke, som om det dagligdagse ikke kan fortelle oss noe. Hvordan snakke om disse «ordinære tingene», hvordan innsirkle dem, hvordan få dem til å tre frem, løsrive dem fra hverdagshylsteret de sitter fast i, hvordan gi dem en mening, et språk, slik at de endelig utsier noe om det som er, om det vi er.⁶⁴

På den måten oppstår det en «wilderness zone»⁶⁵ mellom virkeligheten og litteraturen: François Bon, som så mange andre samtidforfattere, situerer kontinuerlig sine tekster langs den spenningsfylte grensen mellom det reelle og det litterære: På den ene siden tar han utgangspunkt i samtidens verden og menneskene som lever i den, og, på den annen, består hele hans skriftprosjekt i å oppfinne et språk, en form som evner å innkretse denne virkeligheten *litterært*, vise den frem og forstå den.

* * *

Hva rører seg i fransk prosa i dag? Hvilke retninger beveger den seg i? Min hensikt har vært å svare på disse spørsmålene ved å identifisere den franske nåtidsprosaens hovedinteresser og estetiske valg, noe som i dag faktisk er mulig takket være de siste 10 årenes iherdige forskningsinnsats på feltet. I min omtale av de vesentligste utviklingslinjer som har avtegnet seg i nevnte litteratur fra og med slutten av 1970/begynnelsen av 1980-årene – det være seg de franske nåtidsforfatternes uttalte tendens til å bruke litteraturarven som utgangspunkt for

⁶³ Jf. D. Viart, « Les mutations esthétiques du roman contemporain français », *Revue Lendemains, op. cit.*, s. 17.

⁶⁴ Georges Perec, sitert av W. Asholt, « Deux retours au réalisme ? Les récits de François Bon et les romans de Michel Houellebecq et de Frédéric Beigbeder », *op. cit.*, s. 47.

⁶⁵ Jf. *ibid.*, s. 48.

egen skriftproduksjon, eller sam tidslitteraturens triadiske tilbakevending til subjektet, fortellingen og virkeligheten –, har jeg likevel ikke kunnet gi et fullstendig rundskue over Frankrikes samtidsprosa: Det finnes stadig elementer i dette skriftlandskapet som vi fra dagens ståsted bare skimter konturene av. Å skue ut over nåtidens franske litteraturproduksjon er på mange måter som å stå på toppen av Eiffel-tårnet en litt tåkefylt dag. Fra vårt utsiktspunkt ser vi klare, helt identifiserbare størrelser – Sacré-Coeurs hvite silhuett på Montmartre-høyden, Champs-Élysées-avenyens majestetiske linje, Pompidou-senterets fargesprakende arkitektur; andre elementer i storbylandskapet anerkjenner vi derimot kun som svake, utydelige omriss. I denne artikkelen har jeg ut fra et lignende ståsted undersøkt enkelte linjer som med stor klarhet har utkrystallisert seg i fransk samtidsprosa, men uten hverken ambisjoner eller pretensjoner om å tegne et panorama *in extenso* over nåtidslitteraturen.

En svakhet som ofte hefter ved oversiktsarbeider av denne typen, er at de ofte byr på utelukkende klassifiseringer. Dette har jeg så langt som mulig villet unngå ved primært å henvende meg til en målgruppe som i tråd med én av de mange fiktive leserne i Nathalie Sarrautes roman *Gullfruktene*, legitimt krever å få systematiserende og konseptualiserende betraktninger belyst «med konkrete eksempler».⁶⁶ Mitt ønske har vært å sette leserne i litt nærmere kontakt med det litterære tekstmaterialet min synoptiske fremstilling bygger på, og diskusjonen av generelle problemstillinger som særpreger samtidsprosaen, har derfor oftest munnet ut i analyser av verker jeg oppfatter som representative.

Bærer disse verkene preg av at fransk litteratur i dag opplever en «krise»? Enkelte kritikere har som kjent hevdet at fransk litteraturproduksjon nå er inne i en lavkonjunktur, ikke minst hva romanen angår. Er denne «krisen» reell, og hva bunner den i så fall i? Hvis det er slik at det faktisk eksisterer en krise, er den neppe forbundet med samtidsromanens påstått lave kvalitet, slik mediene tidvis har fremstilt den, men snarere, slik Jan Baetens har påpekt, med det faktum at den strukturelle diskursen rundt romansjangren i dag er svekket – romankrisen er med andre ord relatert til en mer generell kulturkrise.⁶⁷ Uten her å kunne gå dypere inn i en slik problemstilling, vil jeg derfor avrunde med å slå fast at, «krise» eller ei: Fransk prosa er ingenlunde på sammenbruddets rand, i motsetning til hva enkelte litteraturkritikere har hevdet. Det samtidslitterære feltet – noe jeg håper min artikkel har bidratt til å vise – er særpreget av dyptgripende endringer som vitner om stor vitalitet og spenst.

⁶⁶ Romanen ble publisert på fransk i 1963 under tittelen *Les Fruits d'or* (norsk tittel: *Gullfruktene*, Bokvennen forlag, 2002).

⁶⁷ Jan Baetens, « Crise des romans ou crise du roman ? » i *Écritures contemporaines*, nr. 2, *op. cit.*.

THE LATIN SYNTHETIC PASSIVE IN THE CÓDICE EMILIANENSE 60¹

Kristin Føsker Hagemann

This paper focuses on the glossing of the synthetic passive in the *Códice Emilianense 60*. The aim is on the one hand to shed light on the status of the passive voice in the vernacular of Northern Spain in the 11th century, and on the other hand to discuss the pronunciation of the synthetic passive in the same vernacular. Studies have shown that a reorganisation of the voice dimension in the verbal system took place between Classical Latin and Romance resulting in a system where the syntactic functions of the passive form and the active form overlapped (Cennamo 1998; Herman 2002). It is shown below that the glosses demonstrate a clear tendency for avoiding the passive voice. It is also shown that the R-forms may function as passives and actives, intransitively and transitively, with no apparent regard to the passive morphology. It is therefore argued that the active and the passive verbal forms were functionally equivalent, and pronounced/read in the same way. The study is based on the theory that the purpose of the glosses is related to the composition of a new sermon.

1. The purpose of the San Millán glosses

The *Códice Emilianense 60* was copied in the 10th century in La Rioja (Spain), and parts of the manuscript are covered with glosses added sometime during the subsequent century. The glosses are of different kinds; some change the word order, some appear to mark the syntactic functions or the nominal case of the nouns, and some offer synonyms to what supposedly are less desirable words in the original text. The glossed parts of the manuscript are mostly sermons, many of which stem from Saint Caesar of Arles (for a complete description of the content, see Franquesa 1959). This suggests that the glosses had some connection with the art of preaching and thus display traits of the spoken (recited) language. However, the reason for the presence of the glosses in the manuscript is a much debated issue, and scholars are roughly divided into two

¹ I would like to thank Michela Cennamo and Kristine Eide for commenting on earlier versions of this paper. All shortcomings are of course my own.

groups; those who believe that the glosses had a didactical purpose, either to learn or to teach Latin to Romance-speaking people, and those who believe that they have something to do with oral delivery, i.e. an aid in preaching.

Ever since R. Menéndez Pidal published the lexical glosses in his *Orígenes del español* (1926) the theory that the glosses had a didactical purpose, and were used for teaching/learning Latin, has been one of the most influential ones. Díaz y Díaz (1978: 32) imagines a monastic school where “texts of spiritual and judgemental value were studied with a grammatical orientation” (my translation). He mentions, however, that the nature of the glossed texts points towards being related to preaching, but discards this as misleading. According to Hernández Alonso (1993: 67) the San Millán manuscript belonged to a Latin-teaching monk who, preparing for class, filled the folios with grammatical and lexical information about the Latin text. There are several reasons as to why these theories are not convincing. If the purpose of the glosses indeed were didactical, it should be easy to find glosses that point to particular differences between the Latin language and the Romance vernacular, which would be the biggest challenge for the students. However, there are no glosses in the manuscript that point out that deponents are active verbs or that neuter nouns exist. On the other hand there are several “misleading” glosses like the third person singular verb *da* that is marked with the second person singular pronoun *tu* (f65v) and the second person plural *judicauimini* that is marked with the first person singular pronoun *ego* (f71r). Likewise, many nominative subjects are marked with the accusative *ke* (<*quem*), when we would expect the nominative *qui*, which indicates that it is not the grammatical function nor the nominal case that is marked. This phenomenon is studied in detail in section (2).

Several alternative theories as to the purpose of the glosses have been suggested: Wright (1986) believes they are a co-production between a French monk and a Spanish one, to make it possible for the former to read with the latter’s pronunciation. Green (1991) merely states that the best hypothesis on the glosses is “that they were prompts to aid oral performance” (p. 95). Stengaard (1994; 1996) suggests that all the different kinds of glosses work together to facilitate oral reproduction in the same manner as the *Jonas sermon* (De Poerck 1955). This paper proposes a theory close to Stengaard’s suggestion; namely that the glosses would be the annotations of one who was about to compose a new text. The glossed text would be used as a draft for a new copy of the sermons in a more contemporary language or a new sermon based on the manuscript: The alphabetical glosses indicate the order the words should have in the new text, the lexical glosses indicate which words should be replaced and which words they should be replaced by. The purpose of the grammatical

glosses is to underline the function or form each word should have in the new text, in order to change the grammatical structure and add articles or prepositions. Finally, the comments and the longer glosses would be the monk's further additions to the new/copied sermon.

The dating of the glosses and the respective chronology in connection with the Council of Burgos in 1080 will not be treated in this paper. There is reason to believe that there was no conceptual distinction between Latin and Romance in Spain outside of Cataluña before the change into Roman liturgy which was decided at the mentioned council in 1080 (see Wright 1982). This would mean that Latin was the only available written language for most of the 11th century, and that those who knew how to read and write it felt it as the written language corresponding to their spoken language, although pertaining to a different register². This is relevant in connection with the glosses, since we do not know with absolute certainty when they were added to the manuscript. The glossing nevertheless reflect both the unwanted and the preferred words and constructions of the period and thus change the original language of the text into what presumably is a more contemporary one. Thereby, the glosses offer some new insights into the spoken/recited language of Northern Spain in the 11th century.

2. The Latin synthetic passive (the R-form)

The Latin language had a complete passive paradigm in the verbal system, consisting partly of synthetic, partly of analytic forms. The analytic forms of the perfective tenses were the ones used to build the passive paradigm in the Romance languages, while the synthetic forms of the imperfective tenses completely disappeared. The passive forms had many functions, among them the impersonal and the middle, in addition to the canonical passive and the deponents (see for example Väänänen 1995: 223-225). Several questions arise as concerns the status of the synthetic passives in the centuries between Imperial Latin and Early Romance. The written material from this period contains many R-forms, although the use of these sometimes differs from the Classical use. Terms like deponentisation and intransitivisation have been employed to describe the phenomena observable in the verbal usage in texts from all periods: Deponentisation (e.g. Flobert 1975) refers to the increase of formal passives

² See Herman 1996 for an explanation of rise of the distinction between Latin and Romance for the Gallo Romance area.

without passive meaning, especially in later texts, while intransitivisation refers to the increase of verbs used intransitively in the same period (Feltenius 1977).

Feltenius (1977: 23) states that intransitivity could be expressed both by the active, the passive and the reflexive form, which entails a blurring of the functional distinctions between these verbal forms. Cennamo (1998) points out that the converse is also true; the active could be used with passive meaning, and she postulates a loss of the voice distinction in the development of Latin. This hypothesis is further supported by Hermán (2002): He has found that an anonymous scribe, when copying Grégoire de Tours, omitted two thirds of the synthetic passives in the original text. Most of them are replaced by active constructions, which is parallel to what is observed below. In texts from this period, it seems, one can only distinguish between an R-form used as a real passive, as an intransitive verb, or even as a transitive verb by means of the context it is found in. Hence, the passive morphology went from marking non-active voice to be used indiscriminately with the active form.

When it comes to the role of the Latin synthetic passive in the 11th century Spain, there are several theories on how these forms were pronounced when texts containing them were read aloud. Wright (1982: 170) argues that they may have had a vernacular pronunciation: *cingitur* would be pronounced [tseɲédor], possibly without passive meaning. Green (1991: 94), on the other hand, considers this unlikely for sermons. His study is partly based upon the glossing of the synthetic passives in the *Códice Emilianense 60*, and he suggests that the synthetic forms were substituted by analytic forms when the sermon was read: *cantatur* would be read [se kanta] or [es kantado], and this is parallel to what Blake (1992) suggests in relation to the *cartulario de San Millán de la Cogolla*. In this paper it is argued that the pronunciation of the passive forms was identical to the pronunciation of the active forms. The study shows that the morphology seems to be unimportant as to the selection of type of argument and number of arguments. This indicates that voice was no longer morphologically coded, despite what the graphic forms imply, and moreover the changes done to the passive constructions indicate a low tolerance for the passive voice. There are, however, several reflexive constructions among the glosses in the text that have not been taken into consideration because of the size of this paper.

2.1. The glossing of the R-form

The glossed text contains 41 finite synthetic passives, of which nine are classical deponents and six are personal passives, i.e. conjugated in other persons than the third. Five of the nine lexical glosses glossing R-forms are attached to R-forms

within this group. The majority of the passives are thus third person real passives or impersonal passives that bear no lexical gloss to explain their meaning or their function. In the following, it is mainly the real passives and the impersonal passives that have received attention. In this paper, somewhat simplistically, the term “real passives” is used about sentences with passive verbs where the patient is the subject and verb and subject agree, and “impersonal passives” about sentences with passive verbs where the subject is not overt, i.e. the verb does not agree with the argument. The glosses in question are mainly *qui* and *ke* (<*quem*) (see Fortacín Piedrafita 1980 for a detailed presentation of the morphosyntactic or grammatical glosses), respectively from the nominative and accusative form of the Latin relative (or interrogative) pronoun *qui*, which are placed above the first letters of the noun. *qui* and *ke* may also introduce new arguments, e.g. *qui homines*, and are then normally positioned towards the last part of the verb. All the English translations are of the original sentence before the glosses are taken into account.

2.1.1. The real passives

The real passives in the text are glossed differently according to whether their argument is an unambiguous nominative or a nominative identical to the accusative. The passives with a subject in the nominative form different from the accusative form are glossed *qui*, as in example (1a), (1b) and (2) below. In this case it would seem that *qui* marks the grammatical subject or the case of the noun, which, as we shall see, proves to be an erroneous interpretation.

(1a)
 $+ \quad \text{qui a} \quad * \quad *$ *(illegible)

Multipli | cabitur abaritia (f64v)

multiply[FUT][3.SG][PASS] avarice[FEM.SG.NOM]

“avarice shall be multiplied”

(1b)
 $+ \quad \text{qui}$

Et multipli | cauitur jnuidia (ff64v/65r)

and multiply[FUT][3.SG][PASS] envy[FEM.SG.NOM]

“and envy shall be multiplied”

(2)

cuius
b *qui* c d e ke f * *partitiones
et diuiditur cor hominis | per multas diuisiones (65v)

and divide[PRES.][3.SG.][PASS] heart[NE UT.NOM.SG] man[MASC.GEN.SG] in m any pieces

“and man’s heart is divided in many pieces”

When the subject of the passive has a form that is identical in the nominative and the accusative case, however, the noun is always glossed with *ke*, as in (3a), (4) and (5), even though the structures are identical to the above examples.

(3a)

g ke i h
et fontes mutabunt | tur(f64v)

and springs[FEM.PL.NOM/ACC] change[FUT.][3.PL.][PASS]

“and the springs shall be changed”

(3b)

+ ke a
et vias mutabunt (f64v)

and road[FEM.PL.ACC] change[FUT.][3.PL.]

“and the roads shall change”

(4)

c ke e d * *nafregarsan
et abitaciones | antique desolabuntur (f65v)

and house[FEM.PL.NOM/ACC] old[FEM.PL.NOM] forsake[FUT.][3.PL.][PASS]

“and old houses shall be forsaken”

Marginal gloss: “shall be ruined”

(5)

ke a * + *nafregatos
oratoria dextruuntur (f66r)

oratory[NEUTR.PL.NOM/ACC] destroy[PRES.3.PL.][PASS.]

“oratories are destroyed”

Marginal gloss: “ruined”

In both sets of sentences the glossed noun functions as the subject and the case is nominative, yet they are glossed differently. This indicates that the purpose of

the grammatical gloss is neither to point out its grammatical function nor the case of the noun, since these are the same according to classical criteria both in the first set of sentences and in the second set. It should be noted that there are several features that distinguish the two sets: The nouns in the first set of examples are all animate or abstract, while the nouns in the second set are inanimate and concrete. This may be interpreted to mean that the degree of control in the subject played a part in the glossing. If this is the case, then this glossing may demonstrate the marking of semantic characteristics in the subject. A similar glossing with an active verb may be observed in the example (3b), where the subject of an intransitive verb has been marked with *ke*. This clearly indicates that other criteria than syntactic roles and nominal cases influence the glossing (*uias* must be taken to be the subject as OV order is extremely rare in the text and as far as I know always changed into VO). Another difference between the two sets is that the first set of nouns are in the singular, and the second set in the plural. It is not evident, however, why this should be significant. It could be related to the difference in distribution between impersonal passives (which are always in the singular) and real passives. It has been suggested (Green 1991) that the R-form used as an impersonal passive had a longer life than used as a real passive.

A third way of glossing the real passives is by adding a new subject and demoting the original one to object. This only happens when the original subject is in the accusative, or the noun is identical in the nominative and accusative case. As may be observed in example (6), the subject *homines* has been added, and the original subject *pactus* (= *pactos*) has the function of object. This must be regarded as a kind of deponentisation or transitivity, as must the example (7), although in this case the subject is illegible in the facsimile.

(6)

qui homines
+ *ke* * *a* **eloleged*

Et pactus non obserbabuntur (f65r)

and pact[MASC.PL.ACC³] respect [FUT][3.PL][PASS]

“and the pacts shall not be respected”

Marginal gloss: “the law (of)”?

³ Even though this noun is a neuter in Classical Latin (*pactum, pacta*), it is plausible that it had become a masculine noun and that *u* stands for *o* in this case (*pactos*) and represents an accusative plural.

(7)

+ *qui ke a* *b*

Et denu[d]abuntur | orfanos et uiduas (f65r)

and expose[FUT.][3.PL][PASS] orphan[MASC.PL.ACC] and widow[FEM.PL.ACC]

“and orphans and widows shall be exposed”

These are apparently standard transitive constructions in which the new subject is marked *qui* and the new object is marked *ke*. Whether the glossing was determined by semantic factors or syntactic ones would not really be indicated by these sentences. However, it is evident that the synthetic passive here is used as an active verb, and the lack of lexical glosses, or other indications that the verb changes, implies that there was no difference in the pronunciation between the two.

2.1.2. *The impersonal passives*

As concerns the impersonal passives, their only argument is in the accusative in the basic text and always glossed with *ke*, as in (8). This phenomenon is attested in Late Latin as part of the extended accusative-phenomenon (Plank 1985). However, also in these cases there is transitivisation: in (9a) an element that belongs to the main clause (*prima signa*) has been reanalysed as the subject of a new simple sentence. In this sentence the former subject (*bella*) becomes the object of a transitive construction. In (9b) the new subject *inpii* is introduced via a gloss.

(8)

+ * *abientia
 *ke a ** *elos serbicios

Et multiplicabitur beneficia (f65v)

and multiply[FUT][3.SG][PASS] favour[NEUT.PL.NOM/ACC]

“and favours shall multiply”

Marginal glosses: “possessions” and “the services” respectively

(9a)

qui a *b* + *ke c*

Prima signa multi | plicauitur bella (f64v)

first signs[NEUT.PL.NOM/ACC] multiply[FUT][3.SG][PASS] war[NEUT.PL.NOM/ACC]

“the first signs: wars shall multiply”

(9b)

+ a * qui inpii b ke c corum *uerteran

Et effunditur | **sanguinem justorum** (f66r)

and shed[PRES.3.SG.] blood[MASC.SG.ACC] righteous[GEN.PL.]

“and the blood of the righteous shall be shed”

Marginal gloss: “(they) shall pour”

Since both verbs are in the singular this causes lack of agreement which has been remedied in (9b) with the active gloss *uerteran*. In (9a) it is possible that the neuter plural *prima signa* was interpreted as or had become a feminine singular, since it survives as the feminine singular *seña* in Spanish.

Sentence (10) below shows an impersonal with a dative argument, *cui*, which is glossed with a nominative (*homo*). This could be taken to mean that the noun *homo* should be added to the verb resulting in “there is no one whom man may trust”. This entails an active personal reading of the impersonal passive. In short, when it comes to the impersonal passives the preference for active constructions is even more significant; two thirds of the impersonal passives become transitive constructions. Again this transitivisation suggests that the verbs were active.

(10)

h i homo k

Et non est cui credatur (66r)

and neg. be[PRES.3.SG] rel.[SG.DAT] believe[PRES.SUBJ.][PASS]

“And there is no one who may be trusted”

3. Conclusive remarks

Above I have shown, among other things, that the same graphical representation of the R-form (*multiplicabitur*) could be used as a real passive (1), as an impersonal passive (8), and as an active transitive verb (9). This indicates that the R-form no longer represented the non-active voice, not even in the written language, at least not in a written language intended to be read aloud. The deponents were R-forms with active content already in Classical Latin; the novelty in this period is that all formal passives may be used as actives. This entails that the difference between active and passive was no longer morphologically marked on the verb. All this points in the direction of the morphological passive not having a proper pronunciation in the vernacular, but rather that the pronunciation of the R-form was identical to the active form.

Furthermore, numerous passive sentences are changed into active structures displaying a tendency towards avoiding the passive voice. This is in accordance with Cennamo (1998) and Hermán (2002). The language indicated by the glosses has fewer real passive constructions and more transitive constructions than the original. In connection with the latter there is also a clear tendency towards making the subject explicit when it is not already so. This may have had stylistic reasons. As concerns the real passives, the difference in the glossing between those with nominative subjects and those with nominative/accusative subjects indicates that these sentences were not equivalent in the mind of the glosser. There is uncertainty as to how this difference should be interpreted, and it seems that the graphical form has some incidence on the glossing. The fact that the nouns marked with *qui* score higher on a scale of control than the ones marked with *ke* may be significant in relation to the theory of an active-stative pattern in the verbal alignment (Plank 1985; Cennamo 2006b). It would be necessary to compare the glossing of all the verbal arguments in the manuscript to uncover possible correlations in this area. This will be accomplished in my next project (Hagemann forthcoming).

The study in this paper clearly shows that these glosses cannot have been used for didactical purposes. The glosses attached to the passives do not merely state the grammatical structure of the sentence or the graphical form of the words, rather they change the structures by giving the arguments new functions and/or adding new arguments as glosses. Thereby, the glosses change the language of the sermon and the structure of the sentences and it would be fair to suppose that these changes reflect contemporary usage. The purpose of the changes is likely to be related to the composition of a new manuscript, either in the shape of a new copy of the old sermon, or a new sermon inspired by and composed around the themes of the old.

References:

- Alvar, M. (1989). *De las Glosas Emilianenses a Gonzalo de Berceo*. Madrid, Consejo superior de investigaciones científicas: Instituto de filología.
- Blake, R. (1992). "Aspectos sintácticos del español antiguo: la prosa latinizada del *Cartulario de San Millán de la Cogolla*." *Actas del II congreso internacional de historia de la lengua española* 1: 291-305.
- Cennamo, M. (1998). "The loss of the voice dimension between Late Latin and Early Romance." *Historical Linguistics 1997*.

- Cennamo, M. (1999). "Late Latin Pleonastic Reflexives and the Unaccusativity Hypothesis." *Transactions of the Philological Society* 97(1): 103-150.
- Cennamo, M. (2006a). The rise and grammaticalization paths of Latin *feri* and *facere* as passive auxiliaries. *Passivization and Typology: Form and Function*. W. Abraham and L. Leisiö, John Benjamins Publishing Company.
- Cennamo, M. (2006b). "Transitivity and argument structure in Late Latin." *Lecture at the University of Oslo, 6-7 November 2006*.
- De Poerck, G. (1955). "Le serm on bilingue sur Jonas du m s. Valenciennes 521 (475)." *Romanica Gandiensa*: 31-66.
- Díaz y Díaz, M. C. (1978). *Las primeras glosas hispánicas*. Barcelona, Universidad Autónoma de Barcelona.
- Díaz y Díaz, M. C. (1993). "Sobre las glosas protohispánicas." *Actas del III congreso internacional de historia de la lengua española*: 653-666.
- Feltenius, L. (1977). *Intransitivizations in Latin*. Uppsala, Almqvist & Wiksell.
- Flobert, P. (1975). *Les verbes déponents Latins des Origines à Charlemagne*. Paris, Les belles lettres.
- Fortacín Piedrafita, J. (1980). "Glosas morfosintácticas en el Códice Emilianense 60." *Revista de investigación*: 67-89.
- Franquesa, A. (1959). "El códice emilianense 60 y sus piezas litúrgicas." *Hispania Sacra* 12: 423-444.
- García Turza, C. (2003). "La glosa 89 del em. 60, 'el primer vagido del español'." *Estudis Romànics*(25): 299-310.
- García Turza, C. and J. García Turza (1995). "La datación y procedencia de las glosas emilianenses y silenses: anotaciones críticas a los nuevos planteamientos." *Brocar: Cuadernos de investigación histórica*(19): 49-64.
- Green, J. (1991). "The collapse and replacement of verbal inflection in Late Latin/Early Romance: how would one know?" *Latin and the Romance Languages in the Early Middle Ages*: 83-99.
- Hagemann, K. (2004). *El papel de la pasiva sintética latina en el vernáculo iberorromance del siglo XI*. Klassisk og romansk institutt. Oslo, University of Oslo. Hovedfag: 79.
- Hagemann, K. (forthcoming). "The glossing of the verbal arguments in the *códice emilianense 60*."
- Herman, J. (2002). "La disparition du passif synthétique latin: nouvel essai sur l'écrit et le parlé en latin mérovingien." *Estudis Romànics* 24: 31-46.
- Hernández Alonso, C., Ed. (1993). *Las Glosas Emilianenses y Silenses*. Burgos, Ayuntamiento de Burgos.

- Hernández Alonso, C. (2000). "Glosas y glosarios ¿Consultaron un vocabulario los autores de las emilianenses y silenses?" *Actas del congreso internacional El Cid, Poema e Historia*: 303-307.
- Joffre, M.-D. (1995). *Le verbe Latin: Voix et Diathèse*. Paris, Éditions Peeters.
- Kienzle, B. M., Ed. (2000). *The Sermon*. Typologie des sources du moyen âge occidental. Turnhout, Brepols.
- Menéndez Pidal, R. (1926). *Orígenes del español*. Madrid.
- Plank, F. (1985). The extended accusative/re stricted nominative in perspective. *Relational Typology*. F. Plank. Berlin, Mouton de Gruyter: 269-310.
- Politzer, R. L. (1961). "The Interpretation of Correctness in Late Latin Texts." *Language* 37(2): 209-214.
- Rico, F. (1978). "El cuaderno de un estudiante de latín." *Historia* III(25).
- Stenggaard, B. (1994). "Las Glosas Emilianenses - el orden de palabras indicado por las glosas alfabéticas." *Actes du XIIIe Congrès des Romanistes Scandinaves* 2: 581-589.
- Stenggaard, B. (1996). "The combination of glosses in the *Códice Emilianense 60 (Glosas Emilianenses)*." *Latin and the Romance Languages in the Early Middle Ages*: 177-189.
- Torreblanca, M. (1991). "En torno a las Glosas Emilianenses y las Silenses." *Scripta Philologica*: 469-479.
- Väänänen, V. (1995). *Introducción al latín vulgar*. Madrid, Editorial Gredos.
- Wolf, H. J. (1996). *Las Glosas Emilianenses*. Sevilla, Universidad de Sevilla. Secretariado de publicaciones.
- Wolf, H. J. (1997). "Las Glosas Emilianenses, otra vez." *Revista de filología románica* I(14): 597-604.
- Wright, R. (1982). *Late Latin and Early Romance in Spain and Carolingian France*. Liverpool, Francis Cairns.
- Wright, R. (1986). "La función de las glosas de San Millán y de Silos." *Actes du XVIIe congrès Internationale de linguistique et philologie romanes*: 209-219.
- Wright, R. (1996). "The conceptual distinction between Latin and Romance: invention or evolution?" *Latin and the Romance Languages in the Early Middle Ages*: 103-113.
- Wright, R. (1998). "Las glosas protohispánicas; problemas que suscitan las glosas Emilianenses y Silenses." *Actas del IV congreso internacional de historia de la lengua española*: 965-973.

